

Quando em uma occasião abrimos uma porção de quina, cuja amostra nos havia dado 30 grammas de quinino por kilogramma, percebemos que algumas cascas vinham de mistura, se tornavam suspeitas pela notavel differença que apresentavam, tinham muito má apparencia, eram rugosas e apresentavam todos os caracteres exteriores das quinas inferiores, que apenas dão uma pequena quantia de quinino. Escolhemos e separámos estas cascas na intenção de as inutilisar; occorreu-nos porém analysar uma porção, e, contra a nossa expectativa, obtivemos 60 grammas de quinino por kilogramma; quantia enorme, comparativamente ás que se obtêm de todas as quinas, porque é o duplo da quantia que ordinariamente dão as melhores especies de quina, e que nenhum auctor assinalou ainda.

Depois do mais detido exame sobre a mencionada especie de quina de mau aspecto, reconhecemos ser a quina calissaia que tinha sido enrolada depois de lhe terem tirado a epiderme, que por esta falta ficava completamente desfigurada; e d'aqui se pôde concluir que nos differentes paizes e nas mesmas especies de quinas ha ainda uma variedade muito importante nas proporções de quinina, e que as mesmas especies nem sempre apresentam tambem o mesmo aspecto, e de que pôde resultar o preferir-se a de melhor apparencia, sendo aliás menos rica em quinino, emquanto se rejeitam as de mau aspecto, por parecerem inferiores, podendo, como no presente caso, ser muito mais ricas em quinino. Esta grande proporção de quinino que encontramos n'aquella especie de quina poderá levar alguém a suppor que variámos o processo, visto que tínhamos tomado para termo de comparação uma quina que dava 30 grammas de quinino, e que julgavamos de uma riqueza imaginaria; porém não, nós empregamos o mesmo processo e nas mesmas quantidades; comtudo parece-nos que poderá empregar-se n'uma quina tão rica em quinino como aquella, metade do ether quinidado, quer dizer, 10<sup>cc</sup> em lugar de 20<sup>cc</sup>.

F. J. R. LORENZO.

## PROCESSO PARA A ACETIFICAÇÃO OU FABRICAÇÃO DO VINAGRE

PELO SR. LEPLAY

Já em outra occasião descrevemós um modo particular de fermentação e de distillação alcoolica da beterraba em bocados ou talhadas sem-lhe extrahir o succo. Estabelecemos nós que o assucar se achava, por assim dizer, transformado em alcool nas mesmas cellulas interiores da raiz, quer dizer, em um estado de extrema divisão.

Quando se abandona ao ar livre em montão a beterraba nota-se que em pouco tempo se desenvolve no seio da massa um calor muito vivo e se produz um forte cheiro de vinagre; o alcool diminue successivamente nos bocados da beterraba e se acha substituido pelo acido acetico em tão curto espaço de tempo quanto mais rapido foi o movimento do ar na massa.

Pozemos em movimento estes meios para preparar muito economicamente o vinagre de beterraba para substituir o vinagre de vinho, tanto nos alimentos como nas artes, bem como o extrahido da madeira. O nosso methodo varia segundo o grau de pureza e de acidez dos productos de que se pretende obter, e segundo os usos a que se destina.

## TRANSFORMAÇÃO DO ALCOOL EM ACIDO ACETICO NOS PEDAÇOS DA BETERRABA FERMENTADOS

Eis-aqui a maneira de operar: a fermentação dos pedaços de beterraba opera-se da maneira referida no artigo antecedente, mergulhando uma porção de beterraba no sumo da mesma já em fermentação. Quando a fermentação alcoolica está terminada, subtrahе-se o liquido fermentado por uma torneira collocada na parte inferior da cuba, a qual fica ainda cheia dos pedaços, rodas inteiras, de beterraba antes cheias pelo sumo fermentado, e os seus intersticios agora o ficam sendo pelo ar. N'este estado a absorpção do oxygenio do ar que produziu a acetificação do alcool tem logar com alguma rapidez. Para tornar o accesso do ar mais facil e a operação mais prompta abrem-se os furos, de antemão dispostos na

parte inferior da cuba, tendo operado primeiro a tiragem pela parte superior, por meio de um tubo de folha ou de madeira fixado sobre a cobertura que tapa hermeticamente a cuba.

Um registo collocado no tubo serve para regular á vontade a tiragem segundo as exigencias da operação; no fim de algum tempo, que varia com o volume da massa a temperatura que se desenvolve e com a circulação do ar, o alcool se acha transformado em acido acetico nas mesmas celullas da beterraba.

EXTRACÇÃO DO ACIDO ACETICO DOS BOCADOS DA BETERRABA  
FERMENTADOS

Os pedaços da beterraba, sendo chegada a fermentação acetica, como deixámos dito, podem servir á preparação do vinagre por dois differentes methodos.

Eis-aqui o primeiro.

Os pedaços de beterraba extrahidos das tinas, depois da fermentação acetica, levados ao aparelho de distillação por nós descripto em nossa *patente de invenção*, para a extracção do alcool, e submettidos a uma corrente de vapor de agua, como para a extracção do alcool, dão como producto da distillação um vinagre distillado de cheiro e sabor muito agradaveis, de uma pureza a toda a prova, e especial, não só para os usos alimenticios como tambem para a industria.

Obtendo-se um producto tanto mais forte, acido e concentrado, quanto a introduccção do vapor for bem dirigida, a concha que contém os bocados da beterraba fica mais elevada e a distillação mais lenta.

O nosso aparelho de distillação pôde ser applicado á extracção d'este producto sem modificação alguma. Só o refrigerante deve ser estanhado interiormente, ou melhor ainda construido de estanho, a fim de evitar a presença do cobre nos productos da distillação.

Vejamos o segundo methodo para a extracção do vinagre dos pedaços de beterraba.

Quando a acetificação está completa nos pedaços, dispõem-

se os orificios de antemão preparados, na parte inferior da cuba ou tina, e pela parte superior d'esta lança-se agua da chuva por meio de um crivo, a fim de que cáia dividida em pequenas gotas, para o que o crivo deverá ser miudo.

Esta agua penetra pouco a pouco em cada uma das cellulas e desloca o acido que vae saindo pela parte inferior da tina n'um estado mais ou menos concentrado, e quando todo extrahido não tenha o grau de concentração sufficiente para os usos das artes, procede-se a novas operações, fazendo-o cair sobre novos pedaços fermentados e em novas tinas, continuando a desloca-lo por meio da agua sobre os bocados, até que fiquem completamente privados do acido.

Tambem se pôde proceder a esta operação pelos meios ordinarios da maceração, empregados nos diversos estabelecimentos para a extracção do succo da beterraba, isto é, pelo methodo de deslocação por meio da agua n'uma serie de tinas em communicação entre si, como no systema de Beaujen.

#### TRANSFORMAÇÃO DO SUMO DE BETERRABA FERMENTADO EM VINAGRE

Nós transformámos tambem o sumo de beterraba fermentado em vinagre com a maior facilidade, pelo methodo seguinte:

Quando a acetificação está completa nos pedaços collocados na tina, como fica dito, faz-se cair sobre um diaphragma, collocado na parte superior da cuba, o sumo da beterraba fermentado, que rodeando os pedaços penetra em cada uma das suas cellulas acetificadas, e encontra todas as condições favoraveis a uma prompta e energica acetificação.

Para que esta operação se execute de uma maneira regular, é necessario que o sumo da beterraba fermentado penetre na cuba n'um estado de divisão tal e em tal quantidade que a circulação do ar não possa ser interrompida, mas tambem nunca em tão pequena quantia que os pedaços deixem de ficar mergulhados.

A decollação do sumo da beterraba fermentado deve ser regulado de maneira que o liquido que cae no fundo da tina seja inteiramente transformado em vinagre.

Quando se quer augmentar a força de acidez do vinagre assim preparado, é sufficiente ajuntar-lhe vinho feito do sumo da beterraba, e 1 até 4 ou 5 por cento de alcool fraco, que entra logo tambem em fermentação o acido, e augmenta assim a força do vinagre obtido como acima, que sempre é um pouco brando.

Os vinagres preparados por estes methodos, levados ao grau de acidez do vinagre do commercio, podem muito bem substituir, e até com muita vantagem, o do vinho e o tirado da madeira. Nós avaliámos a acidez d'estes vinagres pelo intermedio de um liquido tirado da soda caustica e do papel de tornesol, que nos permite seguir com segurança e facilidade os progressos da fermentação acida.

Os pedaços ou talhadas de beterraba, tendo experimentado a fermentação acetica, podem servir á preparação dos acetatos de chumbo, de cobre e outros metaes, como se pratica com o residuo da uva, só com a differença que a operação é mais rapida e os productos mais puros.

**SOBRE UMA NOVA CLASSE DE SAES EM QUE OS CORPOS ELECTRO-NEGATIVOS  
SUBSTITUEM O HYDROGENIO BASICO**

PELO SR. P. SCHUTZENBERGER

Eu tinha julgado que fazendo-se reagir alguns compostos, taes como o protochlorureto de iodo, de bromio, de enxofre, o iodureto de cyanogenio, etc, sobre alguns saes oxygenados, prevendo-se em substituir o radical bromio, iodo, enxofre, cyanogenio, que n'estes compostos é electro positivo em relação ao metal do sal, e que por uma dobrada decomposição póde representar-se por equações particulares e faceis a generalisar.

É facil prever que similhantes corpos, se elles podem existir, devem gosar de propriedades todas especiaes, e sobretudo de uma grande instabilidade.

A experiencia não tem tardado em verificar minhas previsões, e se não tenho tido tempo ainda de dar todas as minhas reacções e o grau de generalidade para desejar, de certo

as tenho estudado com attenção sobre um numero de compostos sufficiente para poder francamente certificar que é possível preparar alguns saes oxygenados de chloro, de bromio, de iodo, de cyanogenio, etc., como se pôde obter dos saes de potassio, de chumbo, de mercurio, etc.

Eis em resumo os factos sobre os quaes apoio estas conclusões geraes, factos descriptos e circumstanciados que foram enviados á academia.

Os acidos aceticos e hypochloroso anhydro reunidos em muito baixa temperatura nas proporções  $C^4 H^3 O^3$  á  $ClO$ , misturam-se tomando uma cor vermelha; porém no fim de um quarto de hora a mistura se descora espontaneamente sem outra reacção apparente, e sem mudar de peso. Um excesso de acido hypochloroso communica-lhe novamente a cor vermelha permanente, que desaparece quando pelo calor ( $30^\circ$ ) se evapora o excesso do acido empregado.

A analyse d'este liquido tem dado alguns numeros, que effectivamente se comportam com a formula  $C^4 H^3 ClO^4$  ou  $C^4 H^3 ClO$ , que é a do acido monochloracetico; mas os caracteres do producto não permittem confundi-lo com este ultimo. Seu modo de formação e suas propriedades devem considerar-se como as do acetato de chloro.

O acetato de chloro é liquido, incolor ou ligeiramente amarello pallido; dissolve-se em todas as proporções, e immediatamente na agua, transformando-se em uma mistura de acidos acetico e hypochloroso hydratados. A  $100^\circ$  detona com violencia e dá occasião á producção do chloro do oxygenio e do acido acetico anhydro.

Pôde conservar-se no géllo e na obscuridade sem que se altere; mas á temperatura ordinaria e á luz elle se decompõe pouco a pouco, e as rolhas dos frascos são projectadas com violencia. Pôde distillar-se no vacuo a temperatura branda.

O mercurio é atacado mesmo a frio com estrepito. O chloro desenvolve-se e fórma o acetato de mercurio em parte, e um pouco de calomelanos.

O phenomeno mais singular é sem duvida o deslocamento do chloro por um metal.

O zinco é atacado muito lentamente com producção de uma mistura de acetato de zinco e de chlorureto de zinco. O iodo tambem se dissolve ali instantaneamente, descolorando-se e desembaraçando-se do chloro sem producção de chlorureto de iodo; mas forma-se o acetato de iodo solido, branco, crystallino isomero de acido iodacetico, cujos caracteres são inteiramente differentes dos d'este ultimo acido:  $C^4 H^3 ClO^4 + I = C^4 H^3 IO^4 + Cl$ .

O acetato de iodo decompõe-se pelo calor acima de  $100^\circ$ , proximamente, e com explosão; a agua o destroe immediatamente; o alcool absoluto decompõe-o tambem a frio.

Misturando-se equivalentes iguaes de proto-chlorureto de iodo e de acetato de soda secco, a massa se aquece um pouco, o cheiro forte do chlorureto de iodo quasi que desaparece, obtendo-se uma mistura de sal marinho e de acetato de iodo.

Esta mistura, de que é impossivel separar o acetato de iodo, apresenta com effeito, debaixo da influencia do calor, da agua, do alcool absoluto, todas as reacções formuladas acima. Porém se ha excesso de chlorureto de iodo, observa-se uma reacção secundaria representada por  $C^4 H^3 Na O^4 + 2 ClI = I^2 + Cl Na + C^2 O^4 + C^2 H^3 Cl$ , a acção do chlorureto de iodo sobre o butyrato de soda está inteiramente em parallelo, e póde portanto exprimir-se em caracteres identicos.

O bromio dissolve-se a frio no acetato de chloro, e d'esta sorte o chloro se desenvolve pouco a pouco; esta mistura, tornando-se vermelha ao principio, acaba por se descolorar completamente:



O producto assim obtido é liquido e decompõe-se espontaneamente com explosão no espaço de uma ou duas horas. O iodo tambem ali se dissolve, pondo o bromio em liberdade e formando-se o acetato de iodo solido.

O enxofre dissolve-se com estrepito no acetato de chloro;

mas o chloro desenvolve-se, separando-se do acido sulphurico e restando a final acido acetico anhydro e enxofre.

Depois d'isso o acetato de enxofre parece menos estavel que os outros acetatos negativos; com effeito pela acção do chlorureto de enxofre (Cl S) sobre o acetato de soda secco se obtem immediatamente, mesmo resfriando-se, a reacção seguinte:  $2 (C^4 H^3 Na O^4) + 2 Cl S = 2 C^4 H^3 O^3 + SO^2 + S + 2 Cl Na$ ; é tão puro que se poderia utilizar com vantagem para a preparação do acido acetico anhydro.

O benzoato de soda e o chlorureto de iodo, quando se misturam, desenvolvem ligeiramente o calor, e o cheiro do chlorureto de iodo desaparece. Quanto mais augmenta o calor, mais acido carbonico se desenvolve; o iodo distilla e dá um liquido insolavel na agua: é a potassa que se deixa separar pela distillação fraccionaria:

1.º Em o liquido incolor iodurado fervendo a 200º, cuja composição, segundo algumas analyses feitas, parece ser do iodureto de phelyne ( $C^{12} H^5 I$ );

2.º Em um corpo solido muito semelhante á naphalina. Depois d'isso a producção primaria do benzoato de iodo é muito provavel, segundo a equação  $C^{14} H^5 Na O^{14} + Cl I = Cl Na + C^{14} H^5 I O^4$ , resta-me portanto estudar seus productos de decomposição; e então procurarei produzir igualmente o benzoato de chloro, e com este o benzoato de iodo puro.

Aquecendo-se ligeiramente uma mistura de equivalentes iguaes de acetato de prata e de iodureto de cyanogenio, a massa funde-se com producção de iodureto de prata, sem nada se desenvolver; mas elevando-se a temperatura, o producto decompõe-se muitas vezes com explosão. Este facto, que farei por melhor estudar em uma proxima memoria, se explica muito bem admittindo-se a producção do acetato de cyanogenio:  $C^4 H^3 Ag O^4 + I Cy = I Ag + C^4 H^3 Cy O^4$ , que se decompõe a uma temperatura mais elevada.

O acido sulphurico anhydro absorve o acido hypochloroso anhydro, dando um liquido vermelho carregado bastante no-



tavel, poisque se pôde separar por distillação o excesso do acido anhydro, sem que se desprenda o menor vestigio de chloro; mas a uma temperatura mais elevada o sulphato de chloro se decompõe rapidamente.

Creio que estes factos são sufficientes para apoiar as idéas expendidas n'este extracto.

F. B. PIMENTEL.

(Journ. de pharm. et de chim.)

## PEÇAS OFFICIAES

### EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 618 DA SESSÃO DE 14 DE MAIO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

As oito horas da noite foi aberta a sessão.

O *segundo secretario* leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* leu a seguinte

#### CORRESPONDENCIA

Um officio do administrador do bairro de Alcantara, pedindo um exemplar dos nossos estatutos.

Outro do sr. dr. Craveiro da Silva, pedindo, em nome do conselho de saude publica, o 1.º tomo da 1.ª serie do nosso jornal.

Outro do mesmo sr. dr. Craveiro, agradecendo a remessa do dito tomo.

Outro da procuradoria regia da relação de Lisboa, para a analyse de uns pós, applicados como remedio, a que tinha de proceder-se no 2.º districto criminal em processo na 3.ª vara.

Outro do sr. Manuel Antonio da Silva, de Ponta Delgada, pedindo os jornaes d'esta sociedade do mez de julho e novembro.

Outro do sr. Bernardo Pinto Soares de Miranda, de Penafiel, agradecendo a nomeação de nosso socio correspondente.

Outro do sr. Chiarlone, remettendo um exemplar sobre a cultura das vinhas.

A lista dos objectos doados a esta sociedade, em sessão de 9 de abril, foi recebida com especial agrado.

O sr. *presidente* expoz os motivos por que a mesa não tinha confeccionado a representação que esta sociedade lhe havia incumbido, a respeito de recompensas pelos serviços prestados por ocasião das ultimas epidemias, e demonstrou ao mesmo tempo o que havia feito a este respeito, o que tudo foi tomado em muita consideração pela sociedade, louvando esta o procedimento da mesa.

#### ORDEM DO DIA

O sr. *Henrique José de Sousa Telles* mandou para a mesa uma proposta sobre irregularidades na admissão a exames pharmaceuticos; tomaram a palavra os srs. Loureiro, Telles, Tedeschi e J. J. Alves, decidindo-se a final fosse remetida á commissão de direito pharmaceutico, para com urgencia dar o seu parecer.

O sr. *primeiro secretario* fez a segunda leitura da proposta do sr. Francisco Bernardo dos Santos, do Porto, sobre policia pharmaceutica, decidindo-se que fosse remetida á commissão de pharmacia, para dar o seu parecer.

O sr. *J. J. Alves* demonstrou o estado de desorganização e abusos que havia encontrado em algumas drogarias por occasião de uma visita que fez na companhia de um facultativo delegado de saude, chamando a attenção da sociedade sobre este importante objecto.

Tomaram a palavra sobre este assumpto o sr. J. J. Alves, Tedeschi e Telles, e não havendo mais quem pedisse a palavra o sr. *presidente* deu para ordem do dia da seguinte sessão propostas, pareceres de commissões e segundas leituras, fechando a sessão ás dez horas da noite. — *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

#### VARIÉDADES

Cœruleum, nova cor. — Debaixo do nome de *cœruleum* figura no commercio ha muito tempo uma cor azul, que não

passa a violeta quando se observa á alampada. Cobre perfeitamente, não é granulosa e convem sobretudo para representar o azul celeste. Inalteravel ao sol e nas atmosferas mephyticas, resiste tambem a temperaturas bastante elevadas, assim como aos alcalis e aos acidos. É portanto uma cor que se recommenda por suas qualidades. A analyse feita pelo sr. Bleekrode deu a seguinte composição:

SuO <sup>2</sup> .....	49,66
CuO .....	18,66
Gesso .....	31,68
Silica .....	vestigios

**Acção da anilina sobre o organismo animal.** — O sr. Schuchardt achou, por experiencias feitas com esta substancia em animaes, o seguinte:

A anilina em dôses elevadas pôde produzir a morte. Oito gotas de anilina introduzidas na bôca de uma rã foram sufficientes para a matar em quatorze a quinze minutos; outra morreu duas horas depois de se lhe haverem applicado tres gotas de anilina em uma ferida feita no dorso.

Um coelho pequeno morreu seis horas e um quarto depois da ingestão de 50 gotas, e outro maior quatro horas depois de haver ingerido 100 gotas.

A administração da anilina aos animaes foi promptamente seguida de convulsões chronicas ou tonicãs, que duraram até á morte. Houve diminuição de sensibilidade, que começou pelas extremidades inferiores e foi caminhando para cima. Tambem se observou diminuição de temperatura, que continuou abaixando ou diminuindo até á morte. O veneno não pôde encontrar-se na urina.

**Investigações ácerca do acido cyanhydrico.** — O sr. Reveil leu na academia de medicina de Paris uma memoria intitulada: *Quelques faits relatifs à l'histoire de l'acide cyanhydrique.*

N'este trabalho o auctor reproduz a informação que ha

dado á auctoridade judicial e as experiencias ou ensaios que tem feito para a indagação medico-legal de que se havia encarregado para comprovar se a morte de um inglez, cujo cadaver fôra encontrado no cantão de Belle-Etoyle, devia attribuir-se a um envenenamento.

Relativamente á investigação do acido cyanhydrico o auctor conclue que:

1.º Em nenhum periodo da putrefacção se forma acido cyanhydrico, pelo menos quando se opera sobre materias que soffrem a decomposição putrida desde alguns dias até seis mezes;

2.º Quando se fazem ferver as materias animaes com o acido azotico forma-se constantemente acido cyanhydrico.

**Acido picramico.** — O processo ordinario pelo picrato de ammoniaco, o ammoniaco e o hydrogenio sulphurado, sendo assás complicado por causa da fraca solubilidade do primeiro, o sr. Carey Lea substitue-lhe o seguinte: trata-se uma dissolução alcohólica de acido picrico por um excesso de sulphurato de ammoniaco; evapora-se a banho-maria, esgota-se o residuo com agua fervente, filtra-se, trata-se pelo acido acetico, e o producto constitue o acido picramico puro.

Uma experiencia especial deu um ganho de 63 por 100 do peso do acido picrico empregado. Não se tendo empregado sulphurato de ammonia em quantidade sufficiente, o excedente do acido picrico que fica nas aguas mães pôde ser obtido por meio do carbonato de potassa que o precipita.

**Sobre os sedimentos urinarios.** — O sr. Bence Jones julga ter reconhecido que os sedimentos do phosphato de cal que se formam algumas vezes na urina não são a consequencia de certas doenças. Estes sedimentos produzem-se á vontade n'aquelles a quem se administra agua de cal ou acetato d'esta base. No estado crystallino o sedimento é composto, segundo a formula, de  $2 \text{CaO}, \text{PhO}^5, \text{HO}$ ; no estado amorpho constitue o sal neutro  $3 \text{CaO} + \text{PhO}^5$ .

## PHARMACIA

## NOVO APPARELHO DIGESTOR

PELO SR. FLEURY

O sr. Fleury acaba de propor um novo aparelho digestor para substituir o de Payen, unico que satisfaz, pela maior parte, para a lixiviação completa das substancias organicas, empregando-se pouca quantidade de liquido excipiente; todavia, como observa o sr. Fleury, o digestor de Payen offerece o inconveniente de que, quando a substancia lixivante é em pó, como muitas vezes succede, se effectua a união do pó, formando uma pasta cômpecta, que obsta á passagem do excipiente circulante.

No novo aparelho não pôde dar-se o inconveniente referido, porque o liquido em contacto com a substancia e depois d'esta depositar pelo proprio peso é tirado pela parte de cima por uma especie de syphão para um balão, d'onde, por meio do aquecimento como no digestor de Payen, sobe em vapores para ir condensar-se de novo em contacto com a substancia, etc.

O aparelho do sr. Fleury, como elle o descreve <sup>1</sup>, é mui simples: consta de um vaso estreito e oblongo, em fôrma de proveta, com seu bocal largo, para se poder rolar; e de um balão proporcional, igualmente rolhavel; os quaes se podem communicar por um tubo comprido, dobrado em dois angulos rectos, tendo um ramo mais curto do que o outro, como nos syphões, pois como tal funciona. Ha mais dois pequenos tubos capilares dobrados em angulo aberto, sendo um d'estes soldado a um outro mais largo para se poder tapar com uma rolha <sup>2</sup>. Estas são as peças que se obtêm facilmente e sem maior despeza, as quaes funcionam do modo seguinte:

<sup>1</sup> *Journal de pharm. et de chim.*, de Paris, abril de 1862.

<sup>2</sup> Não é muito facil obter um tubo como o auctor recommenda. Um tubo capilar simples pôde bem tapar-se quando se quizer com um bocado de luto. Em geral os aparelhos podem modificar-se, quando d'essas modificações não resultar transtorno na marcha da operação ou cousa que infirme o resultado que se tem em vista.

No vaso proveta introduz-se a substancia em conveniente estado de divisão com o liquido excipiente, rolha-se bem e agita-se, prolongando o contacto, o tempo que se julgar necessario, deixando-se depois em repouso para depositar totalmente a substancia e para que o liquido adquira a sua diaphaneidade. Tira-se então a rolha e adapta-se immediatamente uma outra de cortiça, de antemão preparada e affeçoada com dois furos, entrando n'um mais largo o ramo mais curto do syphão, até quasi tocar na superficie do liquido, e no outro furo mais estreito ajusta-se o tubo capilar simples sem que exceda a parte inferior da rolha. O balão deve estar montado sobre um suporte adequado para se poder metter e tirar á vontade uma lampada de alcool ou pequeno fogareiro, etc., e deve ter sua rolha de cortiça ou caoutchouc, tambem com dois furos como a da proveta, entrando no largo o outro ramo mais comprido do syphão até um terço da altura do balão, e no furo mais estreito o outro tubo capilar sem rolha para dar saída ao ar.

Montado o aparelho como fica descripto sopra-se pelo tubo capilar da proveta, e immediatamente pelo augmento de pressão ascende o liquido pelo tubo do syphão e passa todo para o balão, depois do que se rolha com presteza o tubo capilar do mesmo balão, para que o liquido nada perca da sua força e fluta-se convenientemente o aparelho. Aquece-se então o balão, e o liquido passando todo em vapores para a proveta ahi se condensa, para o que convirá mette-la n'um banho refrigerante. Logoque todo o liquido se tem condensado na proveta, desliga-se esta do tubo tirando-lhe a rolha e substituindo-a pela outra rolha propria, agitando novamente e procedendo em tudo como da primeira vez, e já fica descripto.

É claro que estas operações se podem repetir as vezes que se quizer, porque o fim é excipiar completamente a substancia, tirando-lhe todos os seus principios soluveis.

A perda do liquido excipiente n'este processo reduz-se a mui pouca cousa que se pôde escapar pelos tubos capilares.

Como é muito provavel que alguma quantidade de substancia em suspensão no liquido, pela precipitação não ter sido completa ou por alguma turvação no esgotamento passe com o mesmo liquido para o balão, deprime-se ligeiramente o ramo do syphão mais comprido que entra no balão dois centímetros acima do seu orificio inferior, e colloca-se segura pela depressão uma leve camada de algodão em rama para servir de filtro ao liquido.

Este aparelho, que se pôde fazer das dimensões que se quizer, pôde prestar-se mui bem aos usos pharmaceuticos na preparação dos extractos alcoolicos e ethereos, assim como em analyse para todos os casos em que serve o de Payen, e comquanto o seu manuseamento seja um pouco mais trabalhoso e demorado o resultado, entendemos, que estas pequenas desvantagens ficam aliás bem compensadas pela sua simplicidade e modicidade de preço, e sobretudo pelas rasões expendidas pelo sr. Fleury, acima indicadas. C. J. X. COELHO.

**GASTRALGIA — FORMULA CONTRA ESTA ENFERMIDADE**

Vinho de Malaga . . . . .	500 grammas
Folhas de belladona . . . . .	5 »
Rhuibarbo . . . . .	5 »

Macere-se por dez dias.

Dóse—Uma colher das de sopa, antes de cada comida.  
Este preparado supprime os de pepsina e produz os melhores resultados, segundo se lê no *Journal de conn. méd.*

**DIATESIS-URICA — XAROPE CITRO-ALCALINO**

Xarope simples . . . . .	500 grammas
Citrato acido de soda . . . . .	50 »
Tintura de casca de limão . . . . .	10 gotas

Misture.

Administra-se na dóse de tres colheres, por dia, associado á infusão de uva urcina.

F. J. R. LOUREIRO.

(El siglo medico.)

## GLYCERINA FULMINANTE OU PYROGLYCERINA

Faz-se uma mistura de duas partes de acido sulphurico a 66° e uma de acido nitrico a 40°, e quando a mistura está fria junta-se-lhe perto de uma sexta parte do seu volume de glycerina syroposa: este corpo dissolve-se immediatamente na mistura nitro-sulphurica, pouco a pouco o liquido se perturba e uma porção de gotas transparentes se reúnem na superficie do liquido até que terminam por formar uma camada de igual aspecto.

Verte-se tudo em um vaso que contenha de quinze a vinte vezes o seu volume de agua fria, a pyroglycerina separa-se e se precipita immediatamente no fundo do vaso; lava-se muitas vezes até que os liquidos não saiam acidos, e secca-se no vacuo da pneumatica.

Tem propriedades explosivas violentas, e seus effeitos são toxicos: 3 ou 4 centigrammas ingeridos no estomago de um leitãozinho mata-o de prompto.

F. J. R. LOCARINO.

(El Rest. pharm.)

## CAFÉ, SUA FALSIFICAÇÃO POR MEIO DA CHICORIA

O café, como todas as substancias alimenticias, estão sujeitas a uma infinidade de falsificações, mas a mais commumente empregada na falsificação do café é sem duvida alguma a raiz da chicoria, e muitas pessoas ha que o preferem feito na infusão d'esta raiz ou mesmo misturando-a ao café moido. Comtudo não deixa de ser curioso o contar com um processo que permitta conhecer com rapidez e exactidão as quantidades de chicoria que entram n'uma dada quantidade de café.

Eis-aqui o que a este respeito sabemos, copiado de uma these do sr. Meedan, pharmaceutico, seguindo o processo de Fermond, fundado na presença do assucar em muito menos quantidade no café do que na raiz de chicoria, e na redução pela infusão do café de chicoria no liquido de Fehling, sobre o qual a infusão de café puro produz uma reacção debil: para chegar a este resultado começa-se por fazer uma infusão de café puro e outra do café suspeito (uma e outra devem ser feitas com um decimo de proporção).



Mettem-se algumas gotas de cada uma das infusões em tubos que contenham 15 grammas de agua distillada cada um, para obterem ambos a mesma coloração, junta-se então 12 a 14 gotas do liquido de Fehling a cada tubo, aquecem-se a banho maria. Opera-se a redução e a differença de côr dos liquidos indica a quantidade da chicoria empregada. As infusões devem ser typo de igual força para facilidade da operação. Este processo permite ao chimico descobrir até um centesimo da chicoria.

### QUIMICA

#### NOTA SOBRE A INFLUENCIA DO ALCATRÃO NO AR ATMOSPHERICO EM SUAS RELAÇÕES COM O PHOSPHORO

PELO SR. ADRIAN

Em o mez de novembro de 1859, o sr. dr. Sales Girons, occupado desde longo tempo da medicação do alcatrão nas molestias do peito, vein rogar-me de o submetter á analyse do ar ordinario, em o qual seria misturado o principio aromatico d'esta substancia.

Nada tenho a dizer aqui do que procura descobrir em a mistura o sr. Sales Girons, nem as prevenções que elle faz a respeito do tratamento das affecções de que acabo de fallar; venho sómente expor os resultados de minhas experiencias.

Tomei um frasco de quasi 4 a 5 litros de capacidade, com duas tubuladuras, das quaes em uma ajustei uma rolha, através da qual passava um tubo direito munido de um funil e mergulhado por sua extremidade inferior em uma camada de agua de alguns centimetros, e em a outra um tubo curvo destinado a recolher o gaz, cuja extremidade mergulha igualmente em uma cuba cheia de agua.

Disposto o apparelho assim, introduzi por uma das tubuladuras alguns bocados de flanela impregnada de alcatrão ordinario das pharmacias, e sustentado no meio do vaso com auxilio de um fio de ferro muito fino; ao fim de meia hora procurei qual poderia ser a modificação que tinha soffrido o

ar do frasco. Com este fim fiz passar em uma campanula de vidro graduada um certo volume de ar alcatroado, aonde introduzi um bocado de phosphoro do comprimento do espaço cheio de gaz. Fiquei surprehendido, eu o confesso, notando que mesmo ao fim de muitos dias o volume do ar não tinha mudado.

Teria pensado primeiro que, debaixo da influencia da porosidade do estofo, á superficie do qual o alcatrão se acha estendido, o oxygenio teria sido absorvido e substituido por um igual volume de acido carbonico. Mas o pouco tempo que tinha decorrido desde o principio da experiencia me fez prever que não havia de ser assim; n'este sentido bem depressa obtive a prova introduzindo na campanula uma solução de potassa.

Emfim o oxygenio não tem podido ser absorvido, porque o frasco estava bem tapado, teria ali ascenso da agua da cuba ou tina em o tubo, servindo a desembaraçar o gaz. Julgo portanto evidente que a inercia do phosphoro não é senão resultado de um dos productos volateis do alcatrão misturado com o ar do frasco.

Tal é a historia abreviada das experiencias que eu tenho principiado desde 1859, a pedido do sr. dr. Sales Girons, e que depois abandonei, pedindo-lhe de recorrer a alguns collegas, que teriam mais vagar que eu, de proseguir e variar estas experiencias.

Quando pelo principio d'este anno a academia de medicina se tem entretido com os trabalhos do sr. Sales Girons, parece que o facto que venho de mostrar o julga tão singular, que muitos dos membros que compõem esta sabia companhia suscitaram algumas duvidas, a ponto de negar a realidade d'esta inacção do phosphoro em presença do ar alcatroado.

A instancias do sr. dr. Sales Girons resolvi então dever renovar minhas experiencias, tomando por esta vez algumas precauções as mais minuciosas.

Um frasco disposto, como temos dito acima, foi collocado em uma casa profunda (adega subterranea), cuja tempera-

tura a 10° não podia variar sensivelmente. O frasco cheio de ar da casa e contendo bocados de estofos impregnados de alcatrão, foi n'este estado abandonado a si mesmo durante meia hora. Tomei então duas campanulas da mesma capacidade, uma foi cheia do ar da casa, a segunda do ar alcatroado do frasco, enfim uma terceira campanula foi igualmente cheia do mesmo gaz do frasco: introduzi em cada uma d'estas campanulas um pau de phosphoro novamente fundido, e proveniente do mesmo e do mesmo comprimento.

Em a primeira campanula, que continha o ar da casa, o phosphoro se tornou luminoso no fim de alguns minutos, e o ascenso do liquido operou-se até que a absorpção do oxygenio foi completa.

Em as outras duas que continham o ar alcatroado nem um dos phenomenos precedentes se notou, nem mesmo no fim de muitos dias. A pressão, a temperatura, o volume, o phosphoro, tudo em uma palavra, se acha em as mesmas condições, em ambos os casos; parece evidente que a inercia do phosphoro é causada pela presença dos princípios volateis do alcatrão com o ar.

Para completar estas experiencias tenho disposto o meu apparelho em um quarto gradualmente quente, e tenho notado que a 12 centigrados, o phosphoro começa a tornar-se luminoso, e que o ascenso do liquido se faz sensivelmente em a campanula até que o oxygenio seja completamente absorvido.

Estas ultimas experiencias me têm permittido notar que a phosphorescencia diminue á medida que o oxygenio se combina com o phosphoro, e que o phosphoro não é mais luminoso em o azote que resta em a campanula quando os ultimos traços ou vestigios do oxygenio têm desaparecido.

Agora pôde deduzir-se d'este facto, bastante interessante por si mesmo, que o oxygenio atmospherico é menos phlogistico, menos activo pelo contacto dos vapores aromaticos do alcatrão, como pensa o sr. Sales Girons? Nada tenho a pronunciar-me sobre esta opinião physiologica, porque se aparta

do quadro de minhas experiencias, e por consequencia de meus estudos.

(Journal de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

#### PROPRIEDADES MEDICINAES DA DIGITALIS

A dedaleira, em altas doses, exerce uma acção excitante sobre o systema nervoso regulador do coração; este possui dois systemas nervosos, differentes por suas funcções: um provoca as contracções do coração, o outro tende a rete-las. O primeiro é denominado musculo motor, e o segundo systema regulador.

O systema musculo motor tem o seu centro ganglionario no mesmo coração, enquanto que o systema regulador communica com elle pelas fibras, fazendo parte dos nervos vagos.

Uma excitação moderada do systema regulador diminue consideravelmente os movimentos do coração, ao passo que a cessação da influencia do centro d'este systema os paralysa, diminue ou accelera na mesma proporção.

Uma substancia que tem a propriedade de moderar os movimentos do coração e que em doses convenientemente elevadas os accelera, deve com justos motivos ser considerada como um poderoso agente therapeutico pela acção que exerce sobre a economia, especialmente sobre o systema regulador da circulação.

A digitalis administrada em doses mais elevadas é injectada a sua infusão nas veias dos animaes diminue a circulação, mas se se ultrapassar a dose que produz este effeito, o contrario acontece, isto é, tem logar a acceleração. Assim pois a acção da digitalis sobre o coração é subordinada á integridade do systema nervoso de comunicação não interrompida d'este mesmo systema com o coração, cujo resultado não provém senão da irritação do systema regulador.

Já se vê pois que a digitalis, exercendo uma acção irritante sobre o systema regulador, diminue indispensavelmente a pressão lateral das arterias, bem como a rapidez da corrente sanguinea.

O sr. Ludwig diz que uma ligeira irritação do nervo vago

torna a pressão lateral um pouco mais branda e a contracção mais intensa. Logo, desde que a digitalis começa a exercer a sua acção irritante sobre o systema regulador, a pressão lateral das arterias deve indispensavelmente diminuir.

O sr. Valkmann é de opinião que a pressão lateral exerce n'este systema como em todo o systema dos tubos de derramamento as funcções da rapidez da corrente sanguinea, que n'este caso é diminuida pela acção da digitalis.

O mesmo auctor é igualmente de opinião que a diminuição da corrente arterial produz tambem um afrouxamento correspondente na circulação renal e capillar, e que a irritação produzida pela digitalis sobre o systema regulador diminue a rapidez da corrente da circulação sanguinea em toda a extensão.

O sr. Traube, de Allemanha, conheceu por uma aturada serie de experiencias convenientemente dirigidas que a digitalis tem a propriedade de baixar a temperatura do corpo; que a producção do calor é devida em grande parte ao resultado da combustão entretida pelo oxygenio que sobrecarrega o sangue, e finalmente que essa combustão produz em um determinado espaço de tempo um grau de calor relativo á quantia de oxygenio introduzido no organismo durante o indicado espaço de tempo.

Se pois a digitalis diminue o calor animal, como se conclue das experiencias, e este facto está em relação directa com aquelle que ella possui tambem, de diminuir a rapidez da corrente sanguinea, concluímos nós, *à ratiõne*, que a digitalis, pela sua virtude excitante e acção que exerce sobre o systema nervoso regulador dos movimentos do coração, deve tambem ser um igual e poderoso agente therapeutico para limitar a producção das exudações inflammatorias.

Averiguemos. — De que causa provém a quantidade de uma exsudação qualquer em um certo e determinado espaço de tempo?

Concluiremos dizendo, sem receio de errar, que a causa d'aquellas exsudações provém irremediavelmente da força da

pressão lateral exercida pela corrente sanguinea sobre as paredes do systema vascular; e em taes casos a consequencia logica é que a diminuição d'esta pressão deve indispensavelmente produzir tambem uma diminuição relativa nas exsudações.

F. J. R. LOURIGNO.

SOBRE AS COMBINAÇÕES FORMADAS COM O ETHER PELOS BROMURETOS  
DE BISMUTHO, DE ANTIMONIO E DE ARSENICO

PELO SR. J. NICKLÉS

Os bromuretos de antimonio e de arsenico dissolvem-se no ether anhydro e dão logar a duas camadas de liquido, das quaes a inferior, mais viscosa, representa uma combinação de bromureto e de ether.

O bromureto de bismutho não se une dentro d'estas condições, e para que elle forme uma combinação igual deve recorrer-se ou á pressão, ou á acção indirecta.

Eis-aqui alguns detalhes sobre estes compostos ethereos.

*Caracteres geraes.* — Insolueis ou pouco soluveis em o ether e no sulphureto de carbonio, soluveis em o alcool, decompondo-se com a agua dão logar com o alcool ao oxy-bromureto; decompõem-se tambem debaixo da influencia do calor, e mesmo á temperatura ordinaria, sendo abandonados debaixo de uma campanula de vidro sobre o acido sulphurico, e n'este estado o residuo é o bromureto mais ou menos puro.

Elles decompõem os carbonatos alcalinos. Com a effervescencia são precipitados pelo gaz sulphydrico mesmo secco, absorvem ammoniaco, seja gazoso, seja em dissolução no alcool absoluto, e dão logar ao bromureto ammoniacal isento sobretudo de materia organica.

*Ether bromo-bismuthico.* — Quente em vasos tapados a 100 com o ether anhydro o bromureto de bismutho,  $\text{Br}^3 \text{Bi}$ , se dissolve e forma duas camadas, das quaes a inferior é corada, sendo por consequencia o ether procurado. Obtem-se tambem agitando o ether sulphurico com o bromio e bismutho em pó.

É de notar que estas duas camadas não podem produzir-

se quando o ether contém alcool, e mesmo ellas desaparecem logo quando se ajunta este liquido.

Tratado á parte pelo bromio e bismutho em pó a camada superior se torna oleosa e portanto susceptivel, desde então, de se misturar em todas as proporções com a camada inferior, com a qual está completamente identificada.

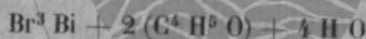
No vacuo esta camada oleosa perde promptamente o excedente do ether que contém e crystallisa em bellos prismas rhomboidaes, contendo dois equivalentes de ether por um de bromureto; muito deliquescente, e tanto que estes prismas se liquifazem em poucos minutos pelo contacto do ar, d'ali resulta sem duvida os quatro equivalentes da agua que a analyse tem revelado.

2 gr., 123 tem dado:

$$\text{CO}^2 = 0,66 = 0,180 \text{ C} = 8,47 \text{ por } 100$$

$$\text{HO} = 0,410 = 0,54 \text{ H} = 2,54 \text{ por } 100$$

Estes resultados concordam com a formula:



Com effeito:

	Calculo		Achado
$\text{Br}^3 \text{ Bi}$	450		
$\text{C}^8$	48	8,57	8,47
$\text{H}^{11}$	14	2,50	2,54
$\text{O}^6$	48		
Eq.	<u>560</u>		

Este composto ethereo não é volatil; mas debaixo da influencia do calor se decompõe e dá logar ao acido bromhydrico, ether bromhydrico, ether, um pouco de alcool e um residuo amarello de bromureto de bismutho, contendo um pouco de oxydo; é sobre esta propriedade que temos fundado ha dois annos (*compte rendu de l'acad.*, avril 1859) um meio de preparar este bromureto.

Igual decomposição se opera espontaneamente com o tem-

po. Abandonado ao ar livre na estação do estio o ether bromo-bismuthico se dessecca pouco a pouco, transformando-se em uma massa amarella, ambreada e coberta de escamas de oxybromureto.

Elle admite uma certa quantidade de agua, sem comtudo se turvar, esta alteração não persiste tanto quanto não exceda uma certa preparação; no caso contrario o deposito formado não desaparece pela agitação, poisque é o oxybromureto de bismutho; o precipitado branco que se forma pelo contacto do ammoniaco se decompõe com o calor em um sublimado branco de bromureto de ammoniaco, e em um liquido vermelho volatil e solavel em o ether, que se torna depois em massa crystallina diliquescente.

A quente o ether bromo-bismuthico desorganisa o papel, sobretudo quando contém acido bromhydrico, que de certo não é raro.

O sulphureto de carbonio não tem acção sobre elle, mas não impede a formação quando á mistura de ether se addiciona o bromio e o bismutho em pó; n'este estado as duas camadas se produzem sem difficuldade, e o sulphureto de carbonio se distribue á superficie.

Algumas combinações semelhantes podem ser obtidas com alguns alcooleos e outros ethers; a obtida com alcool absoluto se expressa em o vacuo, cobre-se de uma pellicula negra e toma uma forma de papas ou massa de agulhas prismaticas, diliquescentes muito brandas, banhadas de uma agua mãe viscosa.

Lembro pois que é com este composto assim como com o precedente que tenho obtido, pela primeira vez, o mosbro-bismuthatos que fiz conhecer ha tempos.

O chlorureto de bismutho dá logar a algumas combinações ethylicas semelhantes; porém o iodureto de bismutho ali não têm acção, pois se recusa absolutamente.

O ether bromo-antimonico apenas se decompõe parcialmente debaixo da influencia do calor, porque o bromureto de antimonio é sem duvida mais volatil que o de bismutho.



Preparado pela união directa ou no meio do ether o bromio e o antimonio em pó constitue immediatamente um liquido mais ou menos oleoso. A 91° começa a ferver, o thermometro sobe depois até 140°; n'este intervallo o bromio se desprende achando-se no recipiente acido bromhydrico, e ether, assim como ether bromo-antimoniado na camada inferior. O residuo, depois de frio, se compõe de bromureto de antimonio crystallisado e corado pelo carvão.

Obtido com o bromio o ether e antimonio o composto offerece uma coloração vermelha occasionada por um pouco de hydrocarbureto de bromio,  $C^4 H^4 Br^2$ , que se forma durante a reacção á custa dos elementos do ether.

As combinações analysadas abaixo não têm sido distilladas; a primeira representa o ether bromo-antimonico que tem sido tratado pela saturação do bromio e antimonio, e filtrado depois. É este um liquido amarello carregado, não se solidifica com o frio.

2 gr., 032 deram:

$$CO^2 = 1,459 = 0,397 \quad C = 19,53 \text{ por } 100$$

$$HO = 0,717 = 0,079 \quad H = 3,89 \text{ por } 100$$

A formula  $Br^3 Sb + 4 C^4 H^5 O$  exige:

	Calculo		Achado
$Br^3 Sb$	362		
$C^{16}$	96	18,8	19,53
$H^{20}$	20	3,92	3,89
$O^4$	32		

Eq. 310

O excesso do carbonio provém evidentemente do hydrocarbureto de bromio.

A analyse seguinte foi praticada com um producto incolor, achado porém no estado de liquido muito viscoso no filtro, sobre o qual se tem lançado o liquido bromo-antimoniado. A filtração foi operada em uma campanula simplesmente collocada sobre o quadro do laboratorio.

Posto em infusão na areia quente e abandonado ao resfriamento este residuo se coalha em parte, tornando-se crystallino.

1 gr., 860 deram :

$$\text{CO}^2 = 0,710 = 0,193 \text{ C} = 10,37 \text{ por } 100$$

$$\text{HO} = 0,411 = 0,045 \text{ H} = 2,41 \text{ por } 100$$

Este resultado se approxima da formula  $\text{Br}^3 \text{Sb} + 2 \text{C}^4 \text{H}^5 \text{O}$ .

Com effeito :

	Calculo		Achado
$\text{Br}^3 \text{Sb}$	362		
$\text{C}^8$	48	11,00	10,37
$\text{H}^{10}$	10	2,27	2,41
$\text{O}^2$	16		
Eq.	<u>436</u>		

O composto com quatro equivalentes de ether se inflamma pelo contacto do fogo, arde com uma chamma branca, e deixa um residuo oleoso que crystallisa pelo resfriamento; porém aquelle que contém dois equivalentes de ether sómente arde quando se aquece.

Estes dois compostos têm sido obtidos com o antimónio arsenifero. Uma operação feita com antimónio puro deu alguns resultados semelhantes.

As propriedades do ether bromo-arsenico são justamente iguaes ás dos precedentes; mais volatil que seus dois congeneres, elle não é mais estavel por isso, porque debaixo de uma campanula e sobre o acido sulphurico perde em pouco tempo os elementos do oxydo ethilico e se reduz em longos prismas brilhantes, formados por consequencia de agulhas pegadas de bromureto de arsenico. O zinco porém não tem acção sobre elle.

Este ether volatilisa-se em parte debaixo da influencia do calor, não obstante uma notavel proporção se decompõe, e d'aqui se pôde julgar a grande quantidade de bromureto de arsenico que resta como residuo.

Iguaes combinações podem ser produzidas com outros alcooleos e outros ethers.

O chlorureto de antimonio se comporta debaixo d'esta relação como o bromureto, mas os ioduretos de antimonio e de arsenico restam em estado de pó inerte no fundo do tubo.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

**SOBRE AS COMBINAÇÕES FORMADAS PELOS BROMURETOS METALICOS  
COM O ETHER**

PELO SR. J. NICKLÈS

As combinações que os bromuretos de bismutho, de antimonio e de arsenico podem formar com o ether ou alcool, como precedentemente hei mostrado, devo acrescentar as seguintes, que effectivamente são da mesma ordem, e que partilham das propriedades geraes dos primeiros, excepto quando o acido sulphydrico só precipita aquelles cujo metal é sulphuravel em uma dissolução acida.

Entre as excepções figuram primeiro que tudo o ether bromo-aluminico, que se obtem facilmente tratando-se o ether anhydro pelo bromio e limalha de alumina: de tal fórma é atacado e com tanta energia que, para moderar a sua acção é necessario immergir o balão em agua fria; n'este estado promptamente se formam as duas camadas bem caracteristicas, e o ether que se pretende acha-se na camada inferior, que é mais ou menos de côr parda ou escura. Em consequencia d'isso estou intimamente convencido que n'estas circumstancias se forma uma porção de *aluminéthyle*.

De todos os que tenho obtido é este o unico volatil sem decomposição notavel; não se aproveitando senão os ultimos productos da distillação, obtem-se um sublimado amarello, muito fusivel, deliquescente e que a final se torna branco debaixo de uma campanula de vidro e sobre o acido sulphurico, e que se dissolve imperfeitamente na agua, deixando com o tempo um deposito de alumina hydratada.

2<sup>gr.</sup>, 463 deram:

$$\text{CO}^2 = 1,001 = 0,273 \text{ C} = 12,62 \text{ por } 100 \text{ C}$$

$$\text{HO} = 0,542 = 0,0602 = 2,78 \text{ por } 100 \text{ H}$$

A formula  $\text{Br}^3 \text{Al}^2 + 2 \text{C}^4 \text{H}^5 \text{O}$  exige:

	Calculo		Achado
$\text{Br}^3 \text{Al}^2$	268		
$\text{C}^8$	48	14,03	12,62
$\text{H}^{10}$	10	2,63	2,78
$\text{O}^2$	16		
	<u>342</u>		

Sua formula chama a attenção ou concorda com a dos ethers bromo-metallicos que precedentemente fiz conhecer. Finalmente, como elle, o ether bromo-aluminico desorganisa a cellulosa; o papel que tem servido á filtração é transformado por elle em poucos dias em glucose. É este bromureto mesmo que occasiona esta transformação, ou sómente produz o medicamento constituido por causa do acido bromhydrico que póde desenvolver-se no estado nascente? É o que não posso decidir.

Tambem tenho obtido um ether-iodo aluminico, mas sempre por via indirecta.

O ether bromo-stannico desorganisa igualmente a substancia lenhosa. Não obstante este ether é menos estavel que o de aluminio, e se reduz promptamente a bromureto de estanho. Elle crystallisa em sua agua mãe pelo resfriamento; mas os crystaes são diliescentes. Decompõe-se pelo calor, o ether e bromureto de estanho desenvolvem-se separadamente; porém este ultimo condensa-se em bellos prismas que parecem pertencer ao systema hexagonal. O ether bromostannico é inteiramente solúvel na agua como o bromureto de estanho, e tanto um como outro voltam com força á superficie d'este liquido antes de se dissolver.

$2^{\text{gr}},086$  deram  $0^{\text{gr}},595 \text{ Sn O}^2 = 0,464 \text{ Sn} = 22,24$  por 100.

A formula  $\text{Br}^2 \text{Sn} + \text{C}^4 \text{H}^5 \text{O}$ , exige  $\text{Sn} = 22,74$  por 100. Os ethers bromo-zincico e bromo-cadmico offerecem pouca estabilidade; sua formação confunde-se com a do hydrocarbureto de bromio; exhalam fumo que se diffunde pelo ar,

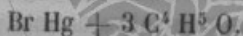
dissolvem-se na agua e com ella se relacionam todas as propriedades dos saes de zinco ou de cadmio.

O nickel, o cobatto e o cobre, mesmo com o tempo, são pouco atacaveis; a camada inferior compõe-se, na maior parte, de hydro-carbureto de bromio.

O ferro é energicamente atacado pelo ether bromuretado, e d'esta fórma se produz um ether bromoferrico de um vermelho intenso, que se decompõe pelo calor. Dissolve-se na agua, que colora de um amarello mais ou menos carregado; a dissolução porém possui a propriedade dos saes ferricos.

Em iguaes circumstancias está o mercurio, porque dá promptamente lugar a duas camadas; a inferior que é justamente o ether bromo-mercurico, se decompõe promptamente, abandonando uma crystallisação de bromureto de mercurio; este bromureto, que é alem d'isso bastante solúvel no ether, dege-nera no mesmo instante as duas camadas.

As aguas mães, nas quaes o bromureto de mercurio excedente se deposita, possuem uma composição definida que effec-tivamente quadra com a formula:



Julga-se pois dos resultados fornecidos para a dosagem do mercurio (34,21 por 100 de Hg); a formula exige 34,37.

O oiro e o palladio dissolvem-se um pouco; o liquido vermelho que se forma por esta occasião é em grande parte formado de hydro-carbureto de bromio.

A platina não é alterada.

A prata, pelo contrario, é atacada, pouco a pouco, transformando-se em bromureto de prata, que fica em estado de pó branco no fundo do vaso.

O chumbo combina-se mais rapidamente, e forma, no decurso de algumas horas, o bromureto de chumbo. É de notar que, como é bastante solúvel na agua fervente, pôde assim, em muito pouco tempo, obter-se uma abundante crystallisação d'este bromureto.

O ether não se dissolve nada mais que o alcool; como o bismutho se dissolve facilmente n'estas condições, como pre-

cedentemente se tem mostrado; d'este facto se póde tirar proveito, *maximè*, na analyse das ligas de bismutho e de antimonio; é por consequência um ponto este que me proponho examinar.

Em geral estes ethers são menos estaveis que os compostos chloruretados correspondentes, e se formam menos facilmente que estes.

Por sua composição centesimal elles correspondem a certos bromuretos organo-metallicos; não obstante differem não só pelo cheiro, como por sua constituição; os ethers compostos que acima temos exposto têm todos um cheiro ethereo que não tem nada de commum com o cheiro aliaceo de arsenico de antimônio ou do bismethylo.

Um ponto, sobre o qual tenho de chamar a attenção, é que não é indifferente projectar o metal no ether bromuretado, ou immergi-lo primeiro no bromio e ajuntar depois o ether; entretanto comporta-se melhor no primeiro caso que no segundo; ha ali um outro metal, por exemplo, o cadmio ou o mercurio, que dão promptamente logar ás duas camadas, quando se verte o bromio sobre o metal banhado em ether, emquantoque, pela operação inversa, apenas produz as duas camadas, passadas algumas horas.

Esta attitude dos metaes, a respeito do bromio, recorda a possibilidade do ferro, do nickel, e do cobalto (*Journ. de pharmacie*, tomo xxv, pag. 206) em presença do acido azotico fumante. É este um facto inteiramente novo, interessante a um grande numero de corpos simples, cuja materia me esforçarei por apresentar profundamente em um proximo trabalho.

(*Journ. de pharmac. et de chim.*)

F. B. PIMENTEL.

## PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 619 DA SESSÃO DE 23 DE MAIO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

As oito horas e tres quartos da noite abriu o sr. *presidente* a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente sessão.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte

## CORRESPONDENCIA

1.º Um officio do sr. Sousa Magalhães, delegado no Porto, participando que ha tres mezes lhe não são remettidos os jornaes, e pedindo providencias a este respeito.

2.º Um officio da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo o laboratorio para uma analyse nas visceras de um doente fallecido no hospital de S. José.

3.º Lista dos objectos doados.

O sr. *presidente* participou que no dia 20 tinha apparecido o despacho ao pedido que esta sociedade fez ao ministerio do reino, a respeito do jornal, tendo-se obtido que a impressão, incluindo o papel, fosse tudo á custa do governo, o que devia começar já no mez de maio.

Apesar das declarações dos membros que compõem a mesa, o sr. Tedeschi insistiu para que se lhes dessem louvores pelo zêlo com que tinham tratado aquella pretensão da sociedade, pedindo fôsse consultada esta, que resolveu affirmativamente, o que o sr. presidente agradeceu em nome da mesa.

O sr. *presidente* interrompeu a sessão para se nomeiar a commissão de revisão de contas; corrido o escrutinio foram eleitos os srs. Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira, Eugenio Rodrigues de Oliveira e Eduardo de Castro.

## ORDEM DO DIA

O sr. *Joaquim José Alves* apresentou uma proposta para que se nomeie uma commissão com o fim de examinar as leis que regulam a qualidade e quantidade das drogas que os droguistas podem vender, e bem assim a respeito dos herbolarios; que no caso que a commissão julgue a lei deficiente e confusa, apresente um projecto mencionando a qualidade e quantidade em que os droguistas e herbolarios devem vender as drogas. — Ficou para segunda leitura.

O sr. *Telles* pediu desculpa de não apresentar os pareceres que foram pedidos á commissão de direito pharmaceutico, de que é digno director.

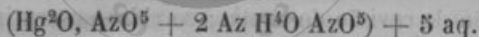
Não havendo mais a tratar o sr. presidente, dando para ordem do dia da seguinte sessão propostas, pareceres de comissão e segundas leituras, fechou esta ás dez horas da noite. — Antonio Joaquim Labate, segundo secretario.

### VARIEDADES

**Acção do frio sobre a agua.** — O sr. Robinet assevera n'uma memoria que offereceu á academia das sciencias, que os principios dissolvidos na agua se separam quasi completamente por meio da congelação, e que por isso póde affirmar-se que a agua resultante do gêlo póde reputar-se como pura.

O sr. Lecanu diz que este facto já elle tinha publicado no anno de 1837, e nós julgamos que este phenomeno só poderá ter logar quando a agua saturada se ache em repouso, porque do contrario offereceria serias difficuldades a factura dos gelados, de que tanto uso se faz na estação quente.

**Sobre o azotato de protoxydo de mercurio e de ammonia.** — Segundo o sr. Rammelsberg, uma dissolução contendo azotato de protoxydo de mercurio e azotato de ammonia abandona com o tempo uma crystallisação formada por um sal duplo, a que elle attribue a formula



Os crystaes compõem-se de octaedros rhomboidaes modificados por faces prismaticas que se cortam debaixo do angulo de  $110^\circ$  e  $36'$ .

**Preparação do protoxydo de azote pela via humida.** —

O sr. Schiff prepara o protoxydo de azote pela via humida da maneira seguinte:

Toma um volume de acido azotico concentrado, outro volume de acido sulphurico concentrado, e nove a dez volumes de agua. Mistura-se tudo e ajunta-se-lhe zinco, que produz hydrogenio que reduz o acido azotico. O gaz que se desenvolve é protoxydo de azote, contendo ainda uma pequena quantidade de bioxydo que se elimina por meio de um tubo em U, contendo pedra pomes, impregnada de sulphato de protoxydo de ferro.



## TOXICOLOGIA

Do *Instituto*, jornal scientifico e litterario, do mez de junho, e que se publica em Coimbra, extrahimos, com a devida venia, o curioso artigo sobre um envenenamento pelo acido benzoico, e o processo seguido pelos analysts na pesquisa do mesmo acido, que é como se segue:

### ENVENENAMENTO PELO ACIDO BENZOICO

Como factio mui curioso, de rarissima observação, e por isso de grande alcance para a sciencia, archivou a *Gazeta medica de Paris* em suas paginas um notavel caso de envenenamento pela benzina. E com ser prejudicialissima esta substancia, muito lucrou a medicina com tal accidente, porque, sem ter que lamentar um resultado fatal, pôdeahi colher observações mui preciosas para a physiologia da intoxicação.

O artigo do jornal francez fez-nos alvorecer a idéa do escripto que ora publicámos. É a analyse chimica de um envenenamento pelo acido benzoico, devida aos improbos esforços dos srs. drs. F. A. Alves e B. A. S. de Mirabeau, e feita com a exactidão e mestria que estes habilissimos investigadores imprimem em todos os seus trabalhos toxicologicos.

Abria-se-nos aqui largo campo para demonstrar a importancia e difficuldade de uma boa analyse toxicologica (mui penosa principalmente quando se lida com venenos organicos), e pôr depois em relevo as muitas excellencias da que hoje estampámos; mas para que se não diga que lhe encarecemos o valor, deixámos aos homens que professam a sciencia aferir-lhe os quilates de justissimo preço.

O livro *Relatorios de analyses toxicologicas*, onde se registam todas as analyses chimicas de envenenamentos, resa assim no que diz respeito ao nosso assumpto:

«Suspeitando, pela leitura do processo, que o envenenamento havia sido feito com o alcool de benjoim, dirigimos os ensaios para a descoberta do acido benzoico, a fim de veri-

ficarmos a verdade do que se dizia. Seguimos o processo aconselhado por Wolher, e para isso tomámos o alcool em que vinham immersos o estomago e intestinos, e o tratámos pelo acido chlorydrico, submettendo tudo á distillação n'uma pequena retorta de vidro, cujo collo mergulhava n'um balão de vidro completamente tapado (alem da abertura por onde penetrava o collo da retorta), e constantemente refrigerado. Os vapores que ali se condensavam deram origem a um liquido, que tratado pela potassa caustica, fervido e tratado pelo acido chlorydrico até á saturação da potassa, foi depois arrefecido e deu origem a crystaes de fôrma arborescente, achatados, e que vistos a microscopio apresentavam a fôrma de tetraedros. Dissolvidos na agua distillada e tratados pelo nitrato de prata e uma ou duas gotas de ammoniaco, apresentou-se precipitado floconoso, que se tornava a solver com muita facilidade n'um excesso de agua. A dissolução d'estes crystaes era acida, córava o papel de tornesol; e neutralisado o liquido com o ammoniaco e lançando-lhe o chlorureto de ferro, formou-se precipitado cór de canella, mui característico. O precipitado branco floconoso, obtido pelo nitrato de prata, não se escurecia pela acção da luz, nem precipitava como o chlorureto de prata. A dissolução dos crystaes tratada pelo acetato de chumbo não deu precipitado algum.»

De tudo isto concluimos que os crystaes obtidos pelo resfriamento do producto distillado, depois de tratado pelo acido chlorydrico e pela potassa, são de acido benzoico, e que o precipitado floconoso obtido pelo nitrato de prata é o benzoato de prata. Ora, como o acido benzoico é o principio activo do beijoim, e vistos os esclarecimentos que nos foram fornecidos pela deprecada, concluimos que no liquido alcoolico em que vinham immersos o estomago e intestinos de José, filho menor de José Gonçalves Cavalleiro, do logar da Carapineira, se mostrava dissolvido o beijoim, e que a morte foi devida a esta substancia.

Tal qual ahi fica exarada, cremos que esta analyse toxico-

logica não será sem interesse para os que prezam o adiantamento da sciencia, nem infructuosa para os que se dedicam a tal genero de estudos.

## QUÍMICA

### EXAME SOBRE O TARTARATO FERRICO-POTASSICO DAS PHARMACIAS SEGUIDO DE UM NOVO PROCESSO DE PREPARAÇÃO D'ESTE MEDICAMENTO

PELO SR. ROGER, PHARMACEUTIGO

Depois de alguns annos, as preparações ferruginosas, conhecidas pelos nomes de tintura de ferro tartarisada, tartaro chalybiado, tartaro marcial soluvel, bolas de Nancy, etc., têm sido abandonadas e substituídas pelo tartarato de sesquioxydo de ferro e de potassa. O fim proposto, adoptando-se este sal, é justamente poder-se contar com um producto soluvel hem definido e sempre identico. Effectivamente os tartaratos empregados antigamente não preenchem nenhuma das condições que acabámos de enumerar, como Soubeiran notou previamente em seu excellente tratado de pharmacia.

Porém hoje emprega-se o processo descripto no codex, hem como em todos os tratados do chimica e pharmacia; para a preparação d'este sal poderá seguramente obter-se um producto chimicamente puro e sempre o mesmo? Não pensámos assim.

Temos tido occasião de fazer analyse de muitas amostras d'este composto proveniente de differentes fontes; porém é para notar que nem um d'estes tartaratos tem a mesma composição: e tanto que não se dissolviam senão em parte ou deixavam, pelo repouso, deper um precipitado mais ou menos abundante; continham quasi todas ammoniaco, e algumas vezes em proporção muito forte ou mesmo um excesso de potassa mais ou menos consideravel. A quantidade do ferro, principal elemento d'este composto, achá-se muitas vezes em proporção tão diminuta, como se póde ver no quadro junto, que em resumo dá os resultados de nossas analyses.

Composição em centésimos	N.º 1	N.º 2	N.º 3	N.º 4	N.º 5	N.º 6	N.º 7	N.º 8	N.º 9	N.º 10
Em massa espolvoreada, parda, muito hygrométrica	40	43,5	40,5	35	40	40	42	43	43,5	50
Em pequenos boccos negros	12	27	22	22	25	18	15	14	25,5	29
Em palleas amarelhas hygrométricas	27	19,5	13	8	14	16	14,6	30	17	19
Em massa escura	-	2	4,5	5	5	5	10	-	-	-
Em pequenos fiãos negros	6	14	17	16	17	15	8	13	13	-
Em palleas amarelhas	15	1	3	15	4	6	9	1	2	2
Em massa em massa muito hygrométrica	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Reacção no papel de tornesol.	Muito alcalino.	Neutro	Muito alcalino.	Neutro	Ligeiramente ácido.	Ligeiramente alcalino.	Muito alcalino.	Muito alcalino.	Ligeiramente alcalino.	-
Solubillidade	Muito solúvel.	Pouco pelo repouso, deixa um residuo abundante.	Solúvel; Solúvel, mas pelo repouso deixa um residuo abundante.	Solúvel em parte.	Ligeiramente solúvel.	Solúvel em parte pouco.	Solúvel.	Muito solúvel.	Solúvel sem residuo.	-

(a) O numero 8 foi preparado com tartarato neutro de potassa.

(b) Os numeros 9 e 10 foram preparados por meio do acido tartarico e do carbonato de potassa purificado.

As materias estranhas provenientes das primarias substancias empregadas na preparação d'este sal são em parte representadas pelo sulphato de amoniac e pelos chlorureos e sulphatos alcalinos.

O processo indicado em todos os tratados de pharmacia e de chimica para a preparação dos tartaratos ferrico-potassicos parece-nos defeituoso, primeiro porque exige a presença de uma quantidade de agua consideravel. Emprega-se, como se sabe, seis partes para uma de cremor de tartaro, e com esta grande quantidade de agua se faz ainda ajuntar á que contém o sesquioxido de ferro fortemente hydratado. Esta ultima quantidade de agua é ainda muito consideravel, de sorte que para obter um kilogramma de tartarato ferrico-potassico tem de fazer-se evaporar quasi doze litros de agua, e isto a uma temperatura que não exceda a 60°.

Esta operação demanda pois tempo e cuidado, porque é importante não abandonar a preparação a si; alem d'isso faz-se agitar continuamente o liquido, sem o que se cobre de uma pellicula muito espessa que impede o andamento da evaporação; porém isto não passa de um ligeiro inconveniente, porque o mais grave, como entendemos, é que apesar de todas as precauções possiveis os licores ficando por muito tempo ao calor, aindaque pouco elevado, porque não excede a 60°, assim mesmo não deixa de se decompor pouco e pouco uma certa porção do sal.

Opera-se portanto ali a redução de uma certa quantidade de sesquioxido e decomposição por consequencia de uma quantidade equivalente de tartarato acido de potassa, resultando assim a formação de um sal ferroso amarello e insolúvel; continuando-se porém a evaporação sem se prevenir da presença d'este novo producto obtem-se finalmente um sal composto de tartarato ferroso e ferrico, em parte insolúvel.

Os que têm preparado este sal hão de notar este phenomeno; mas se não se tem sido bem succedido em impedir a formação d'este sal ferroso insolúvel, tem-se ao menos achado o meio de o dissolver tornando o licor fortemente alcalino com a addição de potassa ou de ammoniaco, é isto o que fazem quasi todos os nossos fabricantes de productos chimicos, e de que resulta não se achar no commercio dois tartaratos ferrico-potassico da mesma composição, porque uns contém a

potassa em excesso, outros (isto é, o maior numero) contêm ammoniaco em maior ou menor proporção.

Não nos pertence julgar aqui se no ponto de vista therapeutico a presença do ammoniaco n'este medicamento é util ou nociva. Não obstante o que podemos dizer é que as addições de potassa ou de ammoniaco são justamente a causa de que este producto não é o mesmo.

A acção dos alcalis sobre o tartarato ferroso insolavel, de que acabámos de fallar, não se limita sómente a dissolver este sal, mas por seu contacto absorve immediatamente o oxygenio do ar e passa com rapidez ao estado de sal ferrico; com effeito sua côr amarella passa a negra e a solução que resulta é inteiramente similhante á dos sais ferricos.

Um outro inconveniente a notar ainda com este modo de preparação é que a solução do sesquioxydo de ferro com o cremor de tartaro não se faz senão á medida que este se dissolve na agua, e n'este caso não se dissolve senão uma pequena quantidade, attendendo que o cremor de tartaro não é solavel senão em quinze vezes o seu peso de agua fervente; a quantidade da agua empregada, ainda que consideravel, é insufficiente, porque a temperatura não pôde ser elevada acima de 60°; alem d'isso demanda longo tempo para que o cremor de tartaro seja completamente dissolvido e saturado do oxydo de ferro, assim como é bastante difficil reconhecer o momento em que esta saturação é perfeita e completa; é por isso que resulta ter ali sempre um excesso de sesquioxydo, que decompõe uma certa quantidade de cremor de tartaro da origem ao sal ferrico em questão.

De todos estes dados resulta que não temos ainda até hoje senão algumas preparações infieis d'este precioso medicamento.

O novo processo de preparação do tartarato ferrico-potassico que apresentámos aqui consiste em fazer dissolver o sesquioxydo de ferro fortemente hydratado no acido tartarico até á saturação completa; a dissolução faz-se muito bem e depressa, sem que se note falta pela agua da hydratação do sesquioxydo que seja de uma temperatura de 40° a 50°.

Devo advertir que a saturação do acido acha-se terminada quando todo o liquido, claro como é, se torna turvo e espesso, e que finalmente se prende em fôrma de geléa; é n'esta occasião que se suspende a addição do sesquioxido de ferro, de que já tem um ligeiro excesso. Sobre esta geléa verte-se por pequenas quantidades ao mesmo tempo uma solução muito concentrada de carbonato de potassa puro, cujo grau se tem previamente determinado. A geléa não tarda a dissolver-se, e d'esta maneira sabe-se a quantidade que se deve empregar; é por isso mesmo que esta quantidade deve ser equivalente á quantidade do acido tartarico sobre que se opera.

Entretanto não é isso absolutamente necessario, porque se tem observado que a saturação do tartarato acido de ferro pelo carbonato de potassa é realmente terminada no momento em que uma pequena quantidade da solução potassica addicionada não produz mais effervescencia. N'este estado ensaia-se o licor a fim de ver se está ainda acido, porque em tal caso se ajuntam de novo pequenas quantidades da solução de carbonato de potassa, até que se obtenha uma reacção ligeiramente alcalina; é então que se aparta do banho-maria o vaso em que se opera e deixa-se resfriar; doze horas depois decanta-se e filtra-se o licor, que passa ligeiramente e muito claro; levado ao calor de banho-maria faz-se evaporar, agitando-se constantemente até tomar uma consistencia xaroposa, e n'este estado, com o auxilio de um pincel, se estende em camadas delgadas sobre algumas placas de vidro e aquece-se em uma estufa. Obtêm-se assim bellas palhetas de um vermelho de grinalda carregado ou se termina simplesmente a dessecção em alguns moldes de folha, offerecendo uma larga superficie; mas então este sal, longe de apresentar-se em palhetas, toma uma fôrma de pequenos fragmentos negros e muito semelhantes ao azeviche.

Finalmente este tartarato, qualquer que seja seu aspecto, offerece sempre a mesma composição, dissolve-se na agua sem deixar residuo; alem d'isso é muito pouco hygrometrico,

de que resulta poder ser facilmente empregado debaixo da fórma pilular.

É para notar que esta solução não se faz immediatamente; deve decorrer algum tempo antes que seja completa, porque o tartarato se agglomera logo no fundo do vaso em que se opera; porém no fim de meia hora ou pouco mais obtem-se uma solução limpida que se conserva por muito tempo inalteravel.

Agora, como se pôde ver na columna n.º 10 do nosso quadro, este sal, cuja composição é sempre a mesma, approxima-se muito de um composto bem definido; com effeito supponhamos que o tartarato ferrico-potassico chimicamente puro e deseccado a 100° tem por formula  $K_2O, Fe_2O_3, 3Tr$ , teremos em centesimos: acido tartarico 50,9, potassa 18,2 e sesquioxido de ferro 30,9 = 100. Assim pois nosso tartarato não differe de um tartarato chimicamente puro senão por differença de duas partes em cem, porque n'este caso ainda sabemos que tem algumas impurezas provenientes das primeiras materias empregadas.

Temos tambem preparado alguns tartaratos ferrico-potassicos com o tartarato neutro de potassa, assim como com o tartarato neutro de potassa e soda. Estes tartaratos alcalinos neutros têm a propriedade de dissolver uma quantidade de sesquioxido de ferro bastante consideravel, e sempre a mesma: 16 por 100, isto é, meio equivalente. Os tartaratos ferrico-potassicos assim preparados são muito soluveis, muito hygrometricos e fortemente alcalinos; contêm somente 14 por 100 de sesquioxido de ferro, e esta quantidade de ferro é muito fraca em relação á do tartarato ferrico-potassico ordinario.

Emquanto ao processo de analyse e dosagem que temos empregado é simplicissimo e dos mais facéis.

#### DOSAGEM DA AGUA

Para a dosagem da agua temos sempre operado em duas grammas de tartarato que fizemos deseccar em uma pequena estufa, conservando-se ao ar quente até que não perca mais



do seu peso; a differença entre o primeiro peso e o ultimo dá-nos o peso da agua.

## DOSAGEM DO ACIDO TARTARICO

Temos sempre dosado o acido tartarico já combinando-se por calculo as quantidades do sesquioxido de ferro, de potassa e de ammoniaco achado, já pela perda que este sal experimenta depois da incineração completa, tendo-se em conta a quantidade da agua já reconhecida e do acido carbonico unido á potassa, proveniente do acido tartarico decomposto; os resultados obtidos d'estes dois processos concordam geralmente.

## DOSAGEM DA POTASSA E DO SESQUIOXIDO DE FERRO

Para a dosagem da potassa e do ferro incinerámos 5 grammas do sal que se pretende examinar em uma capsula de porcellana submittida á chamma de uma alampada de corrente dobrada; mas tendo-se cuidado de aquecer gradualmente, elevando-se a temperatura até que a destruição do sal seja completa.

Depois do resfriamento tratámos o residuo da calcinação repetidas vezes pela agua fervente até os licores não apresentarem reacção alcalina; depois de ter filtrado e reunido os licores que contêm toda a potassa em estado de carbonato, dosámos então esta potassa por meio do processo alcalimetrico ordinario.

Emquanto ao sesquioxido de ferro que fica sobre o filtro depois de ter feito seccar o filtro na estufa, destacamo-lo quanto possivel; incinerámos o filtro á parte em uma pequena capsula de platina, reunimos então o sesquioxido ás cinzas do filtro e n'este estado fizemos aquecer tudo elevando progressivamente a temperatura até ao rubro nascente; depois do esfriamento uma simples pesagem nos dá exactamente o peso do sesquioxido de ferro.

## DOSAGEM DO AMMONIACO

Depois de uma analyse qualitativa que nos permittiu reconhecer a presença do ammoniaco, tomámos 5 grammas de sal em exame, que fizemos dissolver em 200 grammas de

agua, juntámos a esta solução 3 grammas de potassa caustica, e n'este estado procedemos á distillação, servindo-nos de um pequeno apparelho em tudo semelhante ao de que o sr. Boussingault se serve para a dosagem do ammoniaco nas aguas de poços e ribeiros; por meio d'este pequeno apparelho tem-nos sido facil fazer muitas dosagens em um mesmo dia. É inutil dizer que o producto da distillação é sempre recebido no acido sulphurico muito diluido e graduado.

Em resumo eis-aqui algumas das vantagens que apresenta o nosso processo de preparação do tartarato ferrico-potassico, ao que é geralmente empregado e descripto em todos os tratados de pharmacia e de chimica: primeiro temos pouco liquido a evaporar, poisque não empregámos senão a agua de hydratação do sesquioxido de ferro, e por consequencia a preparação faz-se com ligeireza, por isso que os licores estando pouco tempo sobre o fogo, resulta formar-se pouco ou nenhum sal ferroso, alem d'isso não temos necessidade de ajuntar á composição um excesso de potassa ou um corpo estranho ao producto, tal como ammoniaco.

Demais durante a preparação passam-se certos phenomenos pelos quaes conhecemos o momento em que a saturação do acido tartarico pelo sesquioxido de ferro está completa; o mesmo quando saturámos pelo carbonato de potassa, o tartarato acido de ferro formado, porque temos observado que a operação se acha terminada quando não desenvolve mais effervescencia, e que o licor se torna ligeiramente alcalino.

Estes dois tempos de operação fazem com que se não deva addicionar um excesso de ferro ou de potassa na preparação.

Finalmente o producto obtido é sempre identico, completamente soluvel, rico em ferro e bem definido.

F. B. PIMENTEL

(Journal de pharm. e de chim.)

#### OS BANHOS DO ESTORIL

A maior parte dos agentes efficazes de que dispõe a medicina, mercúrio, quinino, vaccina, etc., etc., procede do empirismo. Para combater uma doença a medicina não lhe descobre *à priori* o antidoto: se o caso é novo procura ás

apalpadellas, é obrigada a experimentar *in anima vili*; se é conhecido, se ha factos anteriores, escolhe dos meios tentados o que notoriamente sortiu melhor effeito. E quer seja bom, quer seja mau o resultado, a arte de curar não póde explicar em virtude de que phenomenos materiaes, de que *reacções* elle se produziu. N'isto differe ella essencialmente da chimica: esta sciencia, na grande maioria dos casos, comprehende perfeitamente de quaes combinações ou de quaes decomposições procedem os phenomenos e os corpos do seu dominio; e sabe de que modo e em que circumstancias ha de proceder para obter com segurança um certo resultado. Se o seu methodo se podesse applicar ás reacções da economia vivente então a medicina seria uma verdadeira sciencia.

De todos os meios therapeuticos as *aguas mineraes*<sup>1</sup> são talvez o que a medicina emprega com menos conhecimento de causa. Desde a mais remota antiguidade, e ainda hoje, as aguas com virtudes medicinaes prodigalisadas providencialmente por toda a superficie da terra são escolhidas pelo instincto dos povos (com mais ou menos difficuldades por parte da auctoridade administrativa).

A medicina limita-se depois a tomar nota do numero de casos de certas especies morbidas curados por certa agua. Se esse numero é sufficiente para estabelecer uma *regra geral*, está approvada a agua; se não, não; e continua a duvida persistindo o mais das vezes, a favor da agua abandonada, a crença popular.

Terceira phase que se dá nos paizes mais civilisados: analyse chimica da agua cujas virtudes foram verificadas pela experiencia medica.

Mas para que serve então a analyse chimica? Dir-nos-hão, se a sciencia ainda não comprehende as reacções chimicas

<sup>1</sup> Todas as aguas que se acham naturalmente á superficie ou no seio da terra contêm mais ou menos substancias mineraes e são portanto mais ou menos *mineralisadas*, *aguas mineraes*; mas o uso consagrou esta expressão para as que pela natureza e quantidade dos *corpos estranhos* que contêm produzem na economia animal modificações que determinam a cura ou allivio de certos padecimentos.

determinadas na economia vivente pelos agentes therapeuticos; se a respeito do emprego d'estes agentes não procede senão *estatisticamente*, que utilidade real pôde haver em conhecer a composição de uma agua mineral que já sabemos com certeza efficaç para certas doenças?

Pois ha utilidade real, nos parece.

Sem fallar dos dados adquiridos para a chimica, para a geologia e para a sciencia em geral, sabido em primeiro logar que uma agua de certa e bem definida composição cura ou allivia uma certa e bem definida enfermidade, temos conseguido um *facto* que nos auctorisa n'outra localidade em que appareça agua de composição identica a affirmar, salvas circumstancias muito peculiares, que esta agua é tão efficaç como a primeira para a mesma enfermidade; e a servimo-nos d'ella immediatamente sem dependencia da estatistica.

Em segundo logar, e isto é bem importante, o conhecimento minucioso da composição chimica de uma agua mineral pôde guiar o medico na sua applicação a outras molestias, ou para não applica-la nas molestias, para que é ordinariamente indicada quando estas molestias se complicam com outras que ella pôde aggravar. Isto carece de explicação, mesmo para que não pareça contradizer a allusão que inda agora fizemos á ausencia actual da chimica na pathologia e na therapeutica.

Supponhamos que uma certa agua que cura molestias cutaneas contém forte proporção de um principio que o medico sabe *estatisticamente* ser efficaç para certas affecções nervosas, por exemplo, uma materia gelatinoide (?). É evidente que a experiencia seria bem tentada e provavel o feliz resultado, se, alem das molestias cutaneas, se empregasse tal agua para combater as molestias nervosas.

Mas supponhamos que uma agua excellente contra o rheumatismo contém substancias que *notoriamente* irritam e aggravam as molestias de pelle. Evidentemente o enfermo que tem os dois padecimentos não deve arriscar-se a taes banhos, etc., etc.

Em muitas outras circumstancias, que o leitor já agora pôde conhecer, é igualmente util a analyse chimica das aguas mineraes. Notaremos uma d'ellas.

Supponhamos uma nascente de agua mineral sancionada por uma longa experiencia medica: Aparecem depois nas visinhanças mais nascentes a que o povo ou o espirito da concorrência industrial, allegando a proximidade e uma apparencia similhante, attribuem propriedades identicas. É claro que, salvas preferencias para especialidades pathologicas ulteriormente determinadas, só a analyse chimica pôde pronunciar sobre a identidade ou differença de composição entre as nascentes rivas.

Esta questão dá-se precisamente nos banhos do Estoril, e preocupa com justa razão os seus differentes donos. É para dizer alguma cousa sobre ella que traçamos estas breves linhas.

O proprietario do principal e mais antigo estabelecimento de banhos do Estoril—*os banhos do Casal do Estoril*—tinha já commettido a um chimico, seu amigo, a analyse comparativa, que tão necessaria se torna, das differentes aguas ali applicadas ou destinadas a banhos de doentes.

Mas quando o trabalho ia encetar-se, soube-se que o governo acabava de encarregar officialmente outra pessoa da analyse das *aguas mineraes do reino*, a começar pelas do districto de Lisboa; essa pessoa declarou que começaria pelas do Estoril; e então motivos de delicadeza, faceis de conceber, determinaram o proprietario do *Casal do Estoril*, e o seu referido amigo, a abandonarem o seu projecto de analyse comparativa de todas as aguas mineraes d'aquella localidade.

O chimico escolhido pelo ministerio do reino para tão importante commissão é o digno professor da escola polytechnica, o sr. Agostinho Vicente Lourenço, que tem nome na sciencia pelos seus excellentes trabalhos em chimica organica, e cujo merecimento é finalmente conhecido entre nós.

A sua indisputavel competencia e o character official do seu trabalho porão termo a todas as duvidas que possam emba-

raçar os doentes e os medicos a respeito da natureza qualitativa e da *força* das differentes aguas do Estoril.

No entretanto pedimos licença para dizer os motivos que desde já nos levam a dar a preferencia ás do *Casal*.

Primeiro que tudo uma *estatística* mais avultada, mais averiguada, mais concludente. A sancção da experiencia.

Se depois ou ao lado d'esta consideração capital consultamos os exames incompletos, mas na especie concludentes, que das differentes aguas do Estoril foram feitos em 1835 pelos srs. drs. Francisco Antonio Barral, Simão José Fernandes, Antonio Maria Ribeiro, e pelo sr. José Dionysio Correia; em 1839 pelos redactores do *Jornal das sciencias medicas de Lisboa*; em 1845 pelo sr. dr. Luiz Maria das Neves e Mello, e pelos srs. Antonio José de Sousa Pinto e Francisco Mendes Cardoso Leal Junior, achámos de um modo bem patente que as nascentes que pretendem concorrer com a do *Casal*, já *sancionada pela experiencia*, são de composição e de caracteres physicos muito differentes; e na temperatura como nos principios mineralisadores, attenuações, diluições d'aquelle especialissimo manancial.

Nós mesmo podemos, até certo ponto, convencer-vos d'esta verdade.

A respeito de temperatura:

*Nos banhos do Casal:*

Temperatura ambiente exterior ..... 30 C

Temperatura nas casas dos banhos . . . . . 27,5 C

Temperatura da agua ao brotar do orificio

alimentador do banho n.º 1 . . . . . 30

Idem idem do banho n.º 15 . . . . . 31

*Nos banhos chamados da Pôça, pertencentes á misericórdia* (proximos da praia e affrontados pelas marés):

Temperatura ambiente exterior . . . . . 28,75 C

Idem idem de uma *pôça* ou tanque em

*contacto immediato com a atmosfera,*

e unica origem conhecida . . . . . 28,5 C

*N. B.* Evidentemente a temperatura d'este tanque equilibra-se promptamente com a da atmosphera, e pôde-se affirmar que a da nascente propriamente dita deve ser muito inferior.

Nos banhos do convento de Santo Antonio do Estoril (proximo do mar):

Temperatura ambiente exterior . . . . .	33,5
Idem da agua nascente e corrente ao ar livre e ao sol . . . . .	48

Alcalinidade:

Disse-se sempre que as aguas dos banhos do Estoril são perfeitamente neutras. Nós vimos fazer a experiencia seguinte: papel tornesol vermelho, perfeitamente preparado e agitado n'uma grande quantidade de agua parada (cerca de 1 metro cubico) ou exposto no seio da corrente, volveu á sua natural côr azul no espaço de dez minutos com a agua do *Casal*; com as outras, e n'um tempo mais do que o triplo, não apresentou mudança bem apreciavel.

Somma complexa dos principios mineralisadores indicada pelo *hydrotimetro*:

<i>Banhos do Casal</i> . . . . .	31
<i>Banhos da Póça</i> . . . . .	25 (?)
<i>Banhos do Convento</i> . . . . .	23

Sabor salino, amaciado como por materia gelatinoide ou *glycerica*, unctuosidade, transparencia levemente opalina, etc., são propriedades bem marcadas nas aguas do *Casal*, e que decaem rapidamente ou desaparecem nas da *Póça* e do *Convento*, que verdadeiramente são aguas *salobras*; sendo a ultima quasi potavel e podendo servir para as regas, o que é impossivel com a do *Casal*.

Omittindo varias experiencias que se fizeram nas nascentes, como preparatorio para a analyse projectada, e que corroboram a nossa opinião, julgámos sufficientes as differenças essenciaes que acabámos de notar para que quem quer faça o seguinte simplicissimo raciocinio:

Se as aguas da *Póça* e do *Convento*, ainda não auctorizadas por uma longa experiencia medica, ou menos auctorizadas do que a do *casal*, cuja efficacia para certos casos pathologicos está bem estabelecida, são *de qualquer modo* diferentes d'ella, evidentemente deve ella ser-lhes preferida.

A respeito das enfermidades que podem ser combatidas pelo uso dos banhos do Estoril muita gente está persuadida de que são sómente as cutaneas. É um erro que tem privado muita gente da cura ou de allivio em diferentes padecimentos. A observação muito aturada de praticos entendidos, e confirmada pela auctoridade dos respeitaveis facultativos que acima citámos, põe fóra de duvida que a agua mineral do Estoril é efficaz não só contra as molestias chronicas da pelle de todas categorias, mas tambem contra as escrofulas, chloroses, amenhoreá, disposições paralyticas, algumas affecções nervosas, molestias hepaticas, obstrucções das visceras abdominaes, hemorrhoidas, rheumatismo, esgotta atonica arthritica, etc.

A respeito da sua applicação ao rheumatismo e congeneres exprime-se assim o illustre professor o sr. dr. Francisco Antonio Barral: «... estas aguas seriam preciosas e o seu uso muito mais geral se as *Caldas da Rainha* não attrahissem um grande numero de doentes, que na falta d'ellas recorreriam ás do Estoril, que em muitos casos lhes converiam, aindaque de uma diferente composição... As poucas commodidades do local (Estoril) e a difficuldade das communicações e aspreza da exposição não convidam a dar-lhe preferencia.»

As circumstancias hoje são bem diferentes do que eram quando o sr. dr. Barral escrevia isto. Ha uma excellente estrada, ha vehiculos regulares, ha o vapor de Belem, que nos dizem vae estabelecer uma carreira para Cascaes. A salubridade do sitio reconhecida pelo sr. Barral e por todos os auctores que têm escripto sobre os banhos do Estoril, salubridade que se pôde dizer proverbial, e que só era contrariada para certos doentes pela aridez e pelas asperas ventanias do mar, está hoje admiravel pela arborisação muito in-



telligente e abrigos que têm feito os proprietarios do *Casal*. A respeito de commodidades todas as indicadas no relatorio do sr. Baral e por visitantes entendidos estão executadas nos banhos e nas habitações; e na quinta, que está sendo um lindo passeio. De modo tal que o *Casal do Estoril*, independentemente da efficacia das suas thermas e dos excellentes banhos do mar é hoje pela salubridade, pelos passeios de mar e terra, pelo conforto dos alojamentos, um dos burgos das proximidades de Lisboa em que mais agradavelmente e mais hygienicamente se pôde fazer *villegiatura*.

Por outro lado, persistindo os arrozaes, apesar de tudo, apesar de ser membro importante do ministerio actual um dos signatarios da petição do *Jornal do Commercio*, o redactor que com mais valentia pugna n'esta folha pela causa santa e imprescriptivel da saude publica, persistindo os arrozaes, que viciam com crueldade particular as *Caldas da Rainha*, tornando-a verdadeiramente pestifera, é natural que esta desgraçada villa, sacrificada á maior gloria dos interesses do *Talvae*, seja definitivamente abandonada. E então o Estoril será o seu succedaneo, senão o seu equivalente, senão, para certas enfermidades, que por moda iam ás *Caldas*, o verdadeiro correctivo.

Isto é para ser reflectido pelo proprietario do *Casal*, por todos os proprietarios e pelo municipio do Estoril, pelos medicos e pelos doentes.

Nós gostando muito do sitio do Estoril, e tendo certos achaques contra os quaes não vemos remedio senão no uso assiduo das suas aguas, fazemos votos egoistas para que cada um comprehenda os seus interesses, alem d'isso, certos n'este caso, como sempre, de que o interesse geral não se compõe senão de interesses particulares.

#### SOBRE A ARIEINA — NOVO ALCALOIDE

PELO SR. BIETH

Foi este principio immediato extrahido de uma arvore do Brazil oriental, a *arariba rubra*, cuja casca, cinzenta exte-

riormente e vermelha no interior, é empregada pelos indios para tingir a lã de vermelho. Segundo o sr. de Martius, a *arariba* parece ser visinha da familia das *cinchonaceas*.

Para obter este alcaloide esgota-se a frio a casca com agua acidulada pelo acido sulphurico, e reduz-se á decima parte pela concentração; depois de o ter neutralisado com o carbonato de soda precipita-se por um excesso de acetato de chumbo, que elimina a maior parte da materia corante; o resto depõe-se com o sulphureto de chumbo quando se trata por uma corrente de gaz sulphydrico. O liquido novamente filtrado trata-se pelo carbonato de soda, que fórma um coagulo de aribina impura: agita-se este com ether, que dissolve o alcaloide e vem sobrenadar o liquido; reitera-se esta operação com o que fica, e como a dissolução é sempre um pouco corada, agita-se uma vez com acido chlorhydrico, que se apodera do alcaloide, sendo o chlorhydrato de aribina formado completamente insolúvel n'este vehiculo. Este mesmo chlorhydrato é igualmente insolúvel no acido chlorhydrico concentrado, circumstancia feliz de que se tira partido para terminar a purificação. Depois do que se dissolve na agua, precipita-se pelo carbonato de soda e faz-se crystallisar no ether.

Incolores, os cristaes são umas vezes anhydros, outras vezes hydratados. Os primeiros apresentam-se em octaedros rhomboidaes muito volumosos; os cristaes hydratados, pelo contrario, constituem prismas ócos que efflorescem ao ar; contêm 29,03 por 100, com 16 equivalentes de agua, e obtêm-se pela evaporação espontanea ao ar, enquanto que os primeiros se formam quando se evaporam á ebulição.

Aindaque pouco solúvel na agua, a aribina possui um sabor muito amargo e uma reacção alcalina; funde-se a 22°, e prende-se de novo em cristaes pelo resfriamento. Aquecida em excesso, mas com precaução, volatilisa-se sem se decompor, e absorve o gaz chlorhydrico com desenvolvimento de calor.

O chlorhydrato de aribina crystallisa em prismas brilhantes

de conhecida solubilidade, e o bichlorureto de platina forma com elle um precipitado amarello crystallino.

Os alcalis precipitam a aribina, e o tannino não tem acção sobre ella. A composição d'este alcaloide representa-se por  $C^{46}H^{20}Az^4$ ; é pois uma base isenta de oxygenio, e a primeira do genero que seja solido e crystallisavel.

J. J. ALVES.

(Journal de pharm. et de chim.)

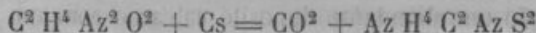
### SOBRE UMA TRANSFORMAÇÃO DA UREA

POR MR. FLEURY, PHARMACEUTICO

Para fazer esta experiencia introduziu-se em um tubo de vidro muito espesso a urea com um ligeiro excesso de sulphureto de carbonio e de alcool absoluto. O tubo, fechado á jampada, foi aquecido durante trinta e seis horas; n'este momento o liquido tinha tomado uma cor amarella, e pelo resfriamento não appareciam crystaes da urea.

Quebrando então a ponta do tubo, debaixo do mercurio, desenvolveu-se uma grande quantidade de acido carbonico; o liquido continha sulphocyanureto de ammonio e um producto de cheiro aliaceo. Evaporada a secco esta solução forneceu crystaes um pouco deliquescentes, desenvolvendo o ammoniaco pela potassa, e não produzindo com o acido hypoazotico a effervescencia caracteristica da urea.

Esta reacção exprime-se pela formula seguinte:



A transformação inversa é mais difficil de executar. Aquece-se a  $100^\circ$  em um tubo fechado o sulphocyanureto de ammonio com oxydo de mercurio e alcool absoluto, forma-se um sulphocyanureto duplo de ammonio e de mercurio solúvel na agua e no alcool, que ainda não foi estudado.

Com o oxydo de prata obteve-se sulphocyanureto de prata, sulphureto de prata, sulphato de prata e um corpo que dá com o acido azotico carregado de productos nitrosos um desenvolvimento de gaz, o que não acontece com o acido puro; é uma reacção caracteristica da urea.

JOAQUIM URBANO DA VEIGA.

## VARIÉDADES

**Meio de reconhecer a pureza do café moido e torrado.**— Consiste em deitar o café puro em agua fria; se não o absorve immediatamente, se não se precipita e tinge pouco a agua, é signal caracteristico da sua pureza, emquanto que as materias com que se falsificou, pelo contrario, precipitam-se com rapidez.

**Produção artificial do ozono como desinfectante.**— Segundo o sr. Delahousse, a purificação das enfermarias dos hospitaes póde ser effectuada a favor do desenvolvimento artificial do ozono, que é substancia capaz de destruir rapidamente os miasmas em virtude da sua grande força oxydante. Para produzir uma corrente constante de ozono basta collocar um fio de platina, torcido em espiral, debaixo de um funil invertido, e tornar o fio incandescente por meio da pilha de Bunsen. O cheiro caracteristico do ozono não tarda a ser percebido, e o papel iodado denuncia logo a sua presença. Uma recommendação feita pelo sr. Delahousse é collocar o aparelho em lugar elevado da enfermaria.

**Presença do acido citrico nas beterrabas.**— Este acido foi já assignalado no succo das beterrabas pelo sr. Michaélis. Tratando as beterrabas não maduras com o fim de lhes extrahir o assucar, o sr. Schrader observou nos vasos de concentração um abundante deposito calcareo com um cheiro empyreumatico e de uma cor mais ou menos carregada.

Menos soluvel na agua quente que na agua fria este deposito póde ser privado do assucar adherente, seja no estado livre, seja no de sucrato de cal.

Assim purificada a dissolução aquosa, naturalmente pouco concentrada, é precipitada pelo hydrogenio sulphurado; a dissolução fortemente acida contém, entre outras, uma substancia que reduz o oxydo de cobre, e que possui uma grande tendencia a dar productos empyreumaticos; é precipitavel pelo alcool: depois da evaporação o liquido sobrenadante dá crystaes de acido citrico.

## AVISO

Devendo-se á sociedade a quantia de 900\$000 réis, proveniente de quotas, unica fonte de receita, roga-se a todos os socios devedores á sociedade em mais de seis semestres, se dignem responder á circular que em janeiro do corrente anno lhes foi dirigida pelo sr. thesoureiro J. F. Norberto, até ao fim de dezembro proximo, na certeza de que não o fazendo n'este praso, serão, por deliberação da sociedade, riscados do seu quadro, publicando-se seus nomes e as quantias de que lhe ficam sendo devedores.

## QUIMICA

## SOBRE O ACIDO AMYDO BUTYRICO

PELO SR. SCHNEIDER

Aquece-se, por algum tempo, com um excesso de ammoniaco, o acido butyrico monobromado, evapora-se depois para expellir o ammoniaco livre, e faz-se ferver com um excesso de oxydo até que não se desenvolva mais ammoniaco. O producto filtrado e quente é submettido a uma corrente de sulphydrico, que precipita o chumbo, e o liquido filtrado evaporado á seccura a banho-maria. O residuo compoe-se essencialmente de acido amydo-butyrico; lava-se com ether, que não dissolve este acido, e faz-se, repetidas vezes, crystallisar no alcool quente.

Os crystaes puros correspondem á formula  $C^8 H^9 Az O^4$ ; são laminas e ás vezes agulhas grupadas concentricamente, que, dessecadas, se apresentam em pó branco com um tacto unctuosos.

Este acido é inodoro e possui um sabor doce, fazendo lembrar a leucina e alanina; a agua o dissolve abundantemente, mas é pouco soluvel no alcool frio. Á temperatura ordinaria

a potassa não desenvolve ammoniaco, mas sim a quente á temperatura de fusão da potassa empregada.

Aquecido moderadamente em um tubo sublima-se em parte. Aquecido bruscamente escurece e produz vapores alcalinos.

O acido amydo-butyrico combina-se indifferentemente com os acidos e com as bases, exactamente como seus homologos, a alanina e a glycose.

J. J. ALVES.

(Journ. de pharm. et de chim.)

## EXAME CHIMICO DA CERA VEGETAL DA MYRICA CERIFERA

POR M. MOORE

Quando se fazem ferver em agua os fructos da *myrica cerifera*, e que se esmagam, elles abandonam approximadamente um quarto do seu peso de materia cerosa, que vem sobrenadar. Separa-se em seguida, e se filtra ainda quente através de um filtro de malhas largas. Funde-se uma segunda vez a cera, e verte-se em moldes onde ella se solidifica, e é assim entregue ao commercio debaixo do nome de cera de murta ou cera vegetal.

M. Leroy fez a analyse elemental d'este producto, e lhe encontrou a composição seguinte:

Carbonio .....	74
Hydrogenio .....	12
Oxygenio .....	14

---

 100

A cera vegetal do commercio apresenta duas variedades; é umas vezes de um cinzento amarellado, outras de um verde carregado. Esta ultima coloração é devida á presença da chlorophylla; tem um cheiro balsamico, ligeiramente aromatico, que é mais pronunciado na cera verde. Entra em fusão de 47° a 49°, e tem uma densidade de 1,004 a 1,006. É mais dura e mais friavel que a cera das abelhas.

Cem partes de alcool fervente dissolvem cinco partes de cera, quatro partes da qual se depositam pelo resfriamento.

O ether dissolve 25 por cento, e a essencia de terebinthina 6 por cento do peso da cera.

A potassa caustica saponifica muito facilmente a cera vegetal, e produz um bello sabão muito soluvel na agua. Os acidos gordos que se formam durante a saponificação, separados pelo acido sulphurico, entram em fusão a 61°, e são soluveis na agua.

A cera de murta contém approximadamente  $\frac{1}{5}$  de palmitina,  $\frac{4}{5}$  de acido palmitico livre e uma pequena quantidade de acido laurico. O acido palmitico  $C^{32}H^{32}O^4$  funde-se a 62°, e o acido laurico  $C^{24}H^{24}O^4$  a 43°.

Quando se deixa durante algum tempo o acido laurico em contacto com o alcool nota-se que elle se etherisa com uma grande facilidade. O ether laurico modifica-se por um ligeiro abaixamento de temperatura, e não é decomposto senão pelo decurso do tempo por uma solução concentrada de potassa caustica, se se opera a uma temperatura moderada.

Mr. Moore teve igualmente occasião de observar nos seus ensaios que o palmitato de prata se electriza muito facilmente friccionando-o n'um almofariz de agatha.

A cera vegetal merece fixar a attenção; ella tem um poder illuminante igual ao da cera, verte-se facilmente nos moldes, branquea-se perfeitamente, e seu preço é muito menos elevado que o da cera de abelhas.

JOAQUIM URBANO DA VEIGA.

#### EXISTENCIA DO ASSUCAR NA URINA NORMAL

Até hoje tem sido considerada a presença do assucar na urina como signal de uma affecção grave; o descobrimento ultimamente feito pelo sr. Bruke, do glucosato de potassa crystallino e insoluel no alcool, deve chamar a attenção de todos os praticos e especialmente dos chimicos.

O sr. Bence Jones, reproduzindo as experiencias do sr. Bruke, chegou tambem a comprovar a existencia d'este corpo por meio do processo seguinte:

Precipitou a urina successivamente pelo acetato neutro e sub-acetato de chumbo, filtrou o liquido e precipitou-o de

novo pela ammonia; no primeiro precipitado não encontrou o assucar, no segundo encontrou uma pequena quantia e uma grande quantidade no ultimo precipitado pela ammonia. Precipitou o chumbo por meio do hydrogenio sulphurado, e obteve um liquido incolor que tem a propriedade de reduzir o licor de Fehling em pouco tempo, e no qual encontrou o assucar em quantidade apreciavel pelo sacharimetro ou pela fermentação.

O methodo melhor para descobrir quantias diminutas de glucose em um liquido é o de Petten-Kofer, que consiste em descolorar o liquido e juntar-lhe algumas gotas de uma solução concentrada de glucosato de soda, depois uma diminuta porção de acido sulphurico e aquece-lo a um calor suave, e a presença do assucar immediatamente apparece pela côr formosa de purpura que o liquido toma.

(Repert. de chim.)

F. J. R. LOUREIRO.

## PEÇAS OFFICIAES

### EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 620 DA SESSÃO DE 9 DE JULHO DE 1862

Presidencia do sr. F. J. R. Loureiro

Às nove horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente, e o sr. primeiro secretario deu conta da seguinte

#### CORRESPONDENCIA

Um officio do delegado de Monchique, o sr. Manuel Gascon, remettendo uns minerios para serem analysados. — Remettidos ás commissões de historia natural e de chimica.

O mesmo senhor participou que o sr. dr. Beirão havia offerecido á sociedade o seu compendio de materia medica e therapeutica, pelo que a sociedade resolveu que em seu nome se agradecesse o offerecimento a s. ex.<sup>a</sup>

Leu-se o parecer da commissão revisora das contas pertencentes ao vigesimo setimo anno, que foi approvado.

Os objectos doados foram recebidos com agrado.



O sr. *Jesus* lembrou, que como a comissão revisora das contas tinha pedido se votassem louvores ao sr. thesoureiro, pela honra e desinteresse com que tem desempenhado aquelle logar, d'isto se fizesse menção na acta, ao que a sociedade gostosa e unanimemente annuiu.

O sr. *Correia* propoz fosse publicado no jornal um mappa mostrando as contas exactamente, e pela mesma fórma que o sr. thesoureiro as apresenta no seu balancete, e assim foi approvedo pela sociedade.

O sr. *presidente* disse que julgava conveniente occupar-se a sociedade dos arranjos necessarios para a sessão solemne.

O sr. *Tedeschi* propoz que se desse voto de confiança á mesa para conjuntamente com o sr. thesoureiro tratar dos arranjos necessarios.

O sr. *presidente* consultou a sociedade se o programma dos premios devia ser o mesmo que nos outros annos, o que a sociedade resolveu affirmativamente.

Passou-se á

ORDEM DO DIA

O sr. *primeiro secretario* fez segunda leitura da proposta por s. s.<sup>a</sup> apresentada em sessão de 28 de junho, sobre um regulamento que determine as quantidades e qualidades das drogas e plantas medicinaes que os droguistas e herbolarios devem vender.

Depois de approvada a urgencia a sociedade deliberou fosse remettida á comissão de pharmacia para esta dar o seu parecer.

O sr. *Tedeschi* chamou a attenção da sociedade e da mesa sobre um projecto, que se diz o governo tem sobre uma nova organização do exercito, e que é preciso que os pharmaceuticos sejam dispensados do recrutamento nas differentes linhas, como consta são dispensadas as outras classes medicas.

Fallaram sobre a materia alguns socios, e tomando a sociedade e a mesa em muita consideração as judiciosas rasões apresentadas pelo sr. *Tedeschi*, deliberou-se encarregar-se a mesa de providenciar a tal respeito.

O sr. *Telles* mandou para a mesa pareceres da commissão de direito pharmaceutico, que ficaram sobre a mesa para a seguinte sessão; e estando a hora adiantada o sr. presidente fechou a sessão ás onze horas da noite, sendo a seguinte, a sessão solemne do vigesimo setimo anno. — *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

ACTA N.º 624 DA SESSÃO SOLEMNE ANNIVERSARIA  
DE 24 DE JULHO DE 1862

Presidência do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

Pelas oito horas e meia da noite, estando presente grande numero de membros effectivos e honorarios, entre estes os srs. drs. Bernardino Antonio Gomes e José Tavares de Macedo, etc., o sr. presidente declarou aberta a sessão solemne anniversaria da sociedade pharmaceutica lusitana, do vigesimo setimo anno, e em seguida cedeu a palavra ao segundo secretario Antonio Joaquim Labate, para fazer a leitura do

RELATORIO DOS TRABALHOS PERTENCENTES AO VIGESIMO SETIMO ANNO  
DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Senhores: — Na qualidade de segundo secretario cumpreme apresentar-vos o relatorio circumstanciado dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana, durante o anno que hoje finda.

Conheço que elle se não comporta bem com minhas diminutas forças, nem me era facil attingir um fim lisonjeiro quando se me tornaram os meios tão escassos.

De um lado a minha insufficiencia, de outro a esterilidade que encontrei nas actas, de que somente tinha a socorrer-me.

No primeiro caso tereis de arrepender-vos de me haverdes nomeado, no segundo poder-se-ha tomar como causa efficiente o movimento retroactivo que a sociedade soffreu no seu pessoal.

Vós o sabeis, senhores. Esta sociedade, tão prestadia ao governo, á sciencia e á humanidade, foi por vezes desalojada dos locaes que occupava e em que havia feito avultadas despezas.

Logo no começo d'este anno teve ella de effectuar duas mudanças.

Não podendo prestar-se ao pagamento de uma renda superior ás forças do seu mesquinho cofre, solicitou e obteve do governo de Sua Magestade um edificio abandonado e em ruínas, o convento de S. João Nepomuceno. Os serviços que havia prestado, e continua a prestar, não contrariavam esta graça, antes a apadrinhavam e lhe serviam de baße.

A sociedade, conscia da sua dignidade, renunciou desde logo nas mãos da auctoridade competente os restos que ainda possuia do edificio da Mouraria.

Passou então a reconstruir no edificio concedido os repartimentos e mais obras necessarias para n'elle poder funcionar.

Fez um inaudito esforço, gastou perto de 400,000 réis, effectuou a sua mudança e ficou maravilhosamente bem collocada.

Porém, senhores, aquelle montão de ruínas não havia até então despertado a attenção de alguém. Logo que se viram aquelles melhoramentos as cousas mudaram inteiramente.

Appareceu o zêlo, a caridade e a philanthropia, trazendo nos braços e afagando aos compassivos peitos a indigencia d'esta lida para lhes servir de salvaterio aquelle jardim de Armida, em que havíamos transformado aquelle antigo matagal.

A sociedade foi desalojada, perdeu quanto tinha despendido, e ainda em cima foi ella bem menoscabada por quem tem sempre mais promptidão em doestar estranhos do que os proprios. Passêmos adiante.

A caridade nem sempre deixa de ser egoista, mórmente quando é um pretexto.

Effectuou a sociedade a nova mudança para este edificio, por ella pago, e em que augmentou o sacrificio, por falta de meios.

Cumpre-me, senhores, que vos lembre uma verdade que todos vós sabeis.

Em todos estes arranjos muito fez a mesa; mas concedei-me

licença para vos dizer bem alto e com voz estridente, que tudo se deve á diligencia, desembaraço e profunda habilidade do nosso nunca assás louvado thesoureiro o sr. Joaquim Ferreira Norberto, coadjuvado tambem por seu digno tio o sr. José Ferreira da Silva.

Estes trabalhos, que levaram tempo a effectuar-se, occasionaram talvez a escassez d'aquelles que podiam abrilhantar este relatorio.

Os calamitosos factos que se seguiram e que lançaram na mais profunda magua a capital e o reino, as infaustas mortes de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V, e de seus augustos irmãos os Serenissimos Senhores Infantes D. João e D. Fernando, obrigando todos os cidadãos aos desempenhos inherentes a semelhantes casos, muito mais obrigavam esta sociedade e a mesa a cumprir deveres importantes e mui delicados pela sua posição scientifica e litteraria.

Tereis visto, senhores, em o nosso jornal a maneira grave e officiosa com que a mesa se houve em circumstancias tão difficeis e melindrosas.

Recordar-vos-heis como a sociedade e muitos dos nossos collegas concorreram para suffragar a alma de Sua Magestade com missa solemne na real capella de Santo Antonio, que a ex.<sup>ma</sup> camara municipal de Lisboa tão cavalheirosamente poz á nossa disposição, assistindo a este acto funebre e de saudosas recordações uma deputação da mesma ex.<sup>ma</sup> camara, grande numero de socios honorarios e effectivos, e de nossos collegas associados para este fim.

Este acto, senhores, foi seguido de outro não menos meritorio. Da quantia apurada para as despezas d'aquelles suffragios houve um excedente, que foi applicado, metade para o asylo das jovens desamparadas, e a outra metade distribuiu-se por dois collegas nossos, a quem a idade e a fortuna negavam rosto lisonjeiro.

A mesa vos agradece, senhores, os votos de confiança que por differentes vezes lhe destes; mas em muito alta consideração tomou a votação unanime da proposta por ella apre-

sentada, collocando no quadro de vosso socio honorario o nosso membro effectivo o sr. Joaquim Ferreira Norberto. favor este bem merecido, pelos repetidos serviços feitos a esta sociedade por aquelle digno collega.

Na reunião dos gremios, para a qual a sociedade, influenciada pelo seu digno membro o sr. José Tedeschi, tanto trabalhou, andámos bem circumspectamente, como se viu dos trabalhos effectuados pela commissão nomeada de entre os nossos consocios e presidida pelo sr. Tedeschi.

A nosso exemplo fizeram o mesmo os nossos dignos collegas, delegados do Porto e Coimbra, por cujos motivos muito se lisonjeou esta sociedade.

As vicissitudes que occorreram, e de que tanto se resentiram os animos todos, fizeram talvez escassear os trabalhos litterarios e scientificos, e foram mesmo causa efficiente para demorar alguns, sobre que a attenção de algumas commissões não pôde actuar.

A commissão de chimica, com aquelle zêlo, saber e habilidade com que tanto se distinguem seus illustres membros, procedeu a diversas analyses chimico-legaes, que pela procuradoria regia da relação de Lisboa lhe foram sujeitas.

A commissão de direito pharmaceutico, presidida pelo nosso respeitavel decano e intelligente collega o sr. Henrique José de Sousa Telles, desempenhou os seus deveres com a proficiencia propria dos caracteres que a compõem, apresentando-vos pareceres sobre propostas que lhe foram remettidas, tendo ella a satisfação de ver approvados por vós, senhores, todos esses pareceres, entre os quaes não é menos interessante aquelle que, sobre proposta minha, collocou n'um logar mais distincto do nosso quadro o ill.<sup>mo</sup> sr. dr. José Antonio Marques, cirurgião de brigada e chefe da sexta repartição da primeira direcção do ministerio da guerra, na qualidade de nosso socio honorario, distincção tão bem merecida, e que altamente nos honra.

Não foi menos bem cabida a grata recordação dos serviços que á sociedade prestou o ex.<sup>mo</sup> conselheiro e muito illustre

sr. dr. José Maria de Abreu, e que ella agradecida reconheceu, collocando nome tão benemerito no quadro de seus socios honorarios.

A par de tão benemeritos nomes entalhou a sociedade com o mesmo titulo o do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. marquez de Loulé, par do reino e ministro e secretario d'estado.

Todos estes astros brilhantes ficaram como gravitando em torno de sol mais fulgurante, El-Rei o Senhor D. Luiz I, que benignamente aceitou o nosso convite, para ser como seus augustos predecessores o nosso protector.

Por indicação do nosso digno socio e illustre collega o sr. José Tedeschi mandou a sociedade lançar nas suas actas uma mui honrosa menção, em commemoração dos relevantes serviços prestados á pharmacia pelo illustre finado o ex.<sup>mo</sup> conselheiro d'estado Manuel da Silva Passos, dando-lhe d'esta arte um testemunho indelevel de amor e de gratidão.

Por esta occasião devo dizer-vos, senhores, que a mesa, depositando nas mãos do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. marquez de Loulé, então ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, a petição que lhe fizestes, pediu e obteve que fosse concedido mais um subsidio, de que resultou ser toda a despeza da impressão de nosso jornal, incluindo o papel, feita por conta do governo de Sua Magestade.

Muito deveis, senhores, á mesa, quero dizer aos incansaveis serviços dos srs. presidente e primeiro secretario, que se não pouparam a qualquer incommodo e sacrificio para preencherem os seus deveres e sustentar o credito e dignidade d'esta illustre corporação.

Todos os funcionarios merecem grandes louvores pelo afan com que desempenharam aquillo de que foram encarregados.

Sobre todos muito se distinguiram o nosso digno presidente o sr. Francisco José Rodrigues Loureiro, em circumstancias de grande apuro para a nossa sociedade, o nosso digno thesoureiro o sr. Joaquim Ferreira Norberto, e o nosso delegado no Porto o sr. João José de Sousa Magalhães.

Apenas o segundo secretario não cumpriu como devia; e podeis acreditar que não foi por falta de vontade, mas sim por mesquinhez de conhecimentos e dos predicados necessários para o desempenho de tal logar, para o que vos peço, senhores, que no anno que vae começar façaes melhor recair esta nomeação.

Peço-vos desculpa, senhores, de não ser mais explicito. Faltam-me as forças, que em mim foram sempre bem mesquinhas.

Lêde as nossas actas, e d'ellas colhereis mais vastas noticias ácerca dos trabalhos da sociedade durante o anno que hoje finda.

Queira a Providencia que o anno que vae começar, vigésimo oitavo da instituição da nossa sociedade, nos seja mais propicio e que possamos progredir nos uteis trabalhos da nossa associação, com ardor, vontade e zêlo, a exemplo de nossos incansaveis collegas instituidores, lamentando comtudo que estando ainda tão viva em nossos corações a dor pela perda da nossa virtuosa Rainha, Sua Magestade a Senhora D. Maria II, nossa protectora, hoje tenhamos tambem a chorar a morte do nosso bondoso Rei, protector e socio, Sua Magestade o Senhor D. Pedro V, e de alguns socios honorarios que abrilhantavam o nosso quadro.

Terminarei, senhores, expondo-vos o estado da receita e despesa da sociedade, e tambem do monte pio pharmaceutico.

A receita da sociedade foi de . . . . . 734\$465

A despesa de . . . . . 731\$165

Saldo . . . . . 3\$300

A receita do monte pio pharmaceutico  
foi de . . . . . 144\$880

A despesa de . . . . . 170\$020

Saldo a favor do thesoureiro . . . . . 25\$140

Existem em inscrições da junta do credito publico, réis

3:800\$000, em metal 249\$700 réis, empréstimo feito á sociedade, de que paga os juros competentes.

A desgraçada viuva de um dos nossos collegas acaba de reclamar alguns soccorros do cofre do monte pio para remir a sua penuria.

O conselho acolheu, como devia, esta petição, e nomeou uma commissão para se informar do estado da requerente, que, se estiver no caso marcado nos estatutos, não deixará de ser attendida.

Senhores, o monte pio, esta bella instituição, deve sempre acolher favoravel a voz dos necessitados, mórmente quando ella é fundada na legalidade e na justiça. Disse.

Terminado este relatorio o sr. presidente cedeu a palavra ao primeiro secretario, que fez a leitura do

PROGRAMMA DAS QUESTÕES SCIENTIFICAS, LISTA DOS DOADORES  
E OBJECTOS DOADOS, E O RESUMO DO QUADRO ACTUAL DA SOCIEDADE  
COM AS ALTERAÇÕES OCCORRIDAS NO ANNO FINDO

A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia do § 8.º do artigo 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias o seguinte

PROGRAMMA PARA O ANNO DE 1862-1863

PRIMEIRA QUESTÃO

A historia da pharmacia portugueza desde a fundação da monarchia até hoje.

SEGUNDA QUESTÃO

Uma pharmacopéa pratica, verdadeiramente portugueza, que represente o estado actual da sciencia.

TERCEIRA QUESTÃO

A enumeração e classificação zoologica dos animaes que habitam qualquer das nossas provincias, que não estejam classificados.

QUARTA QUESTÃO

A analyse chimica completa de uma planta indigena, que tenha uso medicinal reconhecidamente proveitoso, acompanhada da respectiva descripção e classificação botanica e propriedades therapeuticas.



## QUINTA QUESTÃO

Uma memoria que comprehenda:

- 1.º O estado actual da pharmacia em Portugal, em relação aos progressos da sciencia;
- 2.º O seu paralelo ou comparação com a pharmacia estrangeira;
- 2.º Influencia que, sobre o seu melhoramento, interesses materiaes e scientificos, póde exercer a restricta observancia de uma bem regulada policia medica;
- 4.º Prejuizos que da falta de uma tal observancia podem provir á classe, á sciencia e á humanidade;
- 5.º Causas da decadencia da pharmacia entre nós e meios de as evitar e destruir.

## CONDIÇÕES

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corõa de louro, a seguinte inscripção: *Ao membro benemerito*, e do outro o timbre da sociedade e a legenda: *Sociedade pharmaceutica lusitana*. A estes premios terão direito os individuos que satisfizerem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membros honorarios.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escriptas em portuguez, se os seus auctores forem naturaes d'estes reinos, e em francez se forem estrangeiros, e virão expedidas ao primeiro secretario da sociedade, por todo o mez de abril do anno em que houverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria for premiada, e pelo contrario a carta será queimada sem ser aberta se a memoria não obtiver premio, e esta será entregue a seu auctor, pedindo-a, com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria deverão ser approvadas para isso pela sociedade, outrosim serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «*Memoria da sociedade pharmaceutica lusitana*». Alem dos premios acima mencionados o auctor da memoria premiada, impressa e publicada, terá mais cem exemplares, sendo a edição de mil, e cincoenta, sendo de quinhentos.

Finalmente os premios conferidos aos concorrentes nem sempre serão uma prova decisiva de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticó de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade no seu programma.

RELAÇÃO DOS DOADORES E DOS OBJECTOS DOADOS  
DURANTE O VIGESIMO SETIMO ANNO  
DA SOCIEDADE

*Analyse das aguas mineraes acidulo-alkalinas*, do dr. Antonio Cazares, traducção do nosso consocio o sr. Francisco Bernardo dos Santos.

*Archivo municipal de Lisboa*.

*Archivo universal*, alguns numeros.

*Boletim do instituto medico valenciano*.

*Boletim de pharmacia e sciencias accessorias do Porto*.

*Breve memoria das febres intermitentes em Portugal*, pelo sr. Antonio Joaquim Barjona.

*Compendio de materia medica e therapeutica*, pelo sr. dr. Beirão.

*Discurso lido na universidade central* por D. German Martinez e Alvarez.

*Diccionario de pharmacia*.

*Diario mercantil*.

*Estudos sobre a producção agricola e riqueza das beterrabas*, por Eugène Marchand.

*Escholiaste medico*.

*Estudos sobre o garrotinho*, pelo sr. Antonio Maria Barbosa.

*Flora Cesar Augustana*.

*Gazeta medica de Lisboa*.

*España medica.*

*Instituto*, jornal scientifico e litterario.

*Jornal da associação industrial portuense.*

*Instrucção publica.*

*Jornal da sociedade de sciencias medicas.*

*Jornal de pharmacia e sciencias accessorias.*

*O districto de Leiria.*

*O nacional.*

*Memoria do advogado Domingos Martins de Faria.*

*Memoria sobre a preparação da amygdalina*, pelos srs. drs. Caetano, D. José Obede, D. Joaquim Aldir e Fernandez.

*Revista de Braga.*

*Revista de pharmacia e sciencias accessorias*, do Porto.

*Siglo medico.*

*Sulphydós de arsenico*, pelo dr. D. José Alerany.

*Tratado sobre a cultura da vide e fabrico do vinho*, por D. Quintin Chiarloni.

*Prospecto (um) para a chronica de ambos os mûndos*, diario politico e independente.

*Noticia da doença de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V e dos Senhores Infantes*, pelo sr. dr. Bernardino Antonio Gomes.

*Medicina e sciencias*, publicação de Victor Masson & Filhos.

*Um quadro em lona*, pintado a oleo, mostrando o emblema da sociedade pharmaceutica lusitana, offerecido pelo sr. Joaquim Ferreira Norberto, para adornar o tecto da sala das sessões.

RESUMO DO QUADRO DA SOCIEDADE COM AS ALTERAÇÕES  
OCCORRIDAS N'ESTE ANNO LITTERARIO  
SOCIOS PROTECTORES

Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Luiz I.

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II.

BENEMERITO

Ex.<sup>mo</sup> marquez de Loulé, Lisboa.

HONORARIOS

Os srs. Joaquim Ferreira Norberto, Lisboa.

Dr. José Maria de Abreu, Lisboa.

Dr. José Antonio Marques, Lisboa.

## EFFECTIVOS

Os srs. Caetano José Pinto, Lisboa.  
 José Vicente Leitão, Lisboa.  
 Manuel Marques de Brito Costa, Lisboa.

## CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Bernardo Pinto Soares de Miranda, Penafiel.  
 David Teixeira Mendes, Valle Passos.  
 Francisco Antonio de Santos Ferreira, S. Thiago  
 do Cacem.  
 Henrique Mauricio Jorge de Lima, Braga.  
 Joaquim Gomes Duque, Coimbra,  
 Joaquim Cazimiro Barbosa, Massarellas.  
 José Vicente do Carmo, Villa Real de Santo Antonio.

## CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Os srs. Antonio Joaquim de Sousa Martins, Pará.  
 Francisco Vieira de Almeida, Rio de Janeiro.  
 José Baptista de Magalhães, Rio de Janeiro.

## FALLECERAM — CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Marcos Antonio Rebello, Taboão.  
 Guilherme Antonio Peres, Lisboa.

## PEDIRAM A DEMISSÃO — CORRESPONDENTES NACIONAES

Os srs. Joaquim Neves Senior, Lagos.  
 José Thimoteo Candido de Almeida, Pocarica.

## CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Os srs. Candido José de Carvalho e Castro, Maranhão.  
 José Caetano da Silva e Costa, Rio de Janeiro.

## SÓCIOS EXISTENTES

Protectors	2
Benemeritos	18
Honorarios nacionaes	27
Honorarios estrangeiros	42
Honorarios effectivos	59
Correspondentes nacionaes	180
Correspondentes estrangeiros	23
Total	<u>357</u>

Terminado isto, o sr. presidente concedeu a palavra ao ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro dr. José Tavares de Macedo, para ler o relatorio, cuja publicação terá logar no numero immediato.

## VARIÉDADES

**Sobre o trillium.**—Do jornal *El siglo medico* copiámos o seguinte artigo sobre a efficacia da planta que os hespanhoes chamam *trillium*, nas amenorrhagias.

O *trillium*, conhecido só até agora pelas suas propriedades emeticas, gosa hoje tambem da propriedade antimenorragica, depois dos ensaios particulares que sobre ella tem feito o sr. Wheeler, o qual aconselha o seu uso em infusão na dóse de duas colhéres de sopa, de dez em dez minutos, diminuindo esta dóse ou os intervallos quando a amenorrhea manifesta tendencia para cessar.

O sr. Wheeler refere tres casos de completa cura com feliz exito.

Esta planta tem grande analogia nos caracteres botanicos, e com a acção attribuida á planta *páriz*, da familia quadrifolia que outr'ora figurou muito na materia medica, a qual (diz o *American med. monthly. journ.*) cresce abundantemente nos nossos bosques e permite suppor que reunirá as mesmas propriedades do *trillium*, o que bem merecia ser ensaiado.

**Cultivo da quina.**—Os inglezes occupam-se actualmente com a maior actividade na aclimatação e cultivo da quina nas suas diversas colonias; téem-a transportado do Perú para a India meridional e para a Jamaica, tendo já 2:000 plantas aclimatadas em Kiew.

Iguaes ensaios tentaram os francezes na Trindade, mas por ora sem resultado.

**Meio de obter uvas em todo o tempo.**—Segundo se lê no *Restaurador pharmaceutico*, o sr. Pillaus, cultivador inglez, enxerta de escudete uma gemma de vide em março, e um anno depois, em abril ou em maio, obtem uma bellissima planta adornada de muitos cachos de uvas maduras, pro-

prias para mesa. Antecipando ou retardando o enxerto, espera obter uvas naturaes em todos os tempos e estações do anno, e em parte parecem satisfeitos seus intentos e esperanças. Isto, no caso de obter-se em Inglaterra, será muito mais exequível em nossos paizes meridionaes, mais favorecidos pela acção benefica dos raios solares.

**Rolhas para garrafas que contenham venenos.** — Um chimico de Liverpool, o sr. Henry Bird, inventou uma rolha, que ainda ás escuras não pôde ser tirada sem que a pessoa que a tira seja advertida de que a garrafa contém substancia venenosa. A rolha é feita de modo que quando se puxa sem cautela, dá saída a uma parte metallica cheia de prolongamentos pontagudos. Tantos téem sido os casos de intoxicação por engano no uso de certas substancias, que esta invenção pôde ser realmente aproveitavel.

**Legião de honra.** — O imperador dos francezes concedeu, a titulo de recompensa pelos serviços prestados durante a epidemia de febre amarella que grassou em Saint-Nazaire :

1.º A cruz de official da legião de honra ao sr. Gestin, cirurgião de primeira classe da marinha;

2.º A cruz de cavalleiro ao sr. Le Dantec, pharmaceutico de segunda classe;

3.º A medalha militar aos enfermeiros de marinha Touait e Lann.

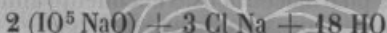
**Jornal de pharmacia e sciencias accessorias da India portugueza.** — Acaba a sociedade de receber o primeiro numero do jornal d'este titulo, cuja publicação se deve ao seu socio correspondente o sr. Antonio Gomes Roberto, primeiro pharmaceutico do hospital militar da Nova Goa. É muito para louvar a iniciativa tomada por este digno socio, e desejámos-lhe felizes resultados por tão ardua empreza.

**A tyrulina, nova materia corante vermelha.** — A tyrulina é ainda um derivado da anilina. Toma-se a anilina, junta-se um peso de acido chlorhydrico e um igual volume de agua, depois uma dissolução de prussiato vermelho, de que se toma quantidade igual á de anilina, e que se faz depois dissolver

em 10 partes de agua. É a este liquido que se junta a dissolução de anilina no acido chlorhydrico, fazendo-o ferver por duas ou tres horas. Depois do resfriamento acha-se formado um precipitado cinzento azulado que se lava por decantação, deixa-se esgotar e faz-se ferver com um liquido composto de uma parte de acido tartrico e duas de agua. A materia corante vermelha achar-se-ha dissolvida no liquido acido, e n' este estado pôde servir para a tintura.

Pôde isolar-se por neutralisação com o ammoniaco que precipita a materia corante, soluvel no espirito de pau, e que pôde ser purificada com seu auxilio. É possivel obter muitas gradações, modificando as proporções acima indicadas.

**Combinações do iodato e iodureto de sodio.** — O sr. Ramelsbergs, que obteve ha vinte annos este composto, acaba de reconhecer que pôde produzir-se directamente abandonando a si uma dissolução formada de iodato de soda e de sal marinho, composição esta que é representada pela formula:



Constitue laminas volumosas e incolores derivando de um prisma romboidal obliquo; limpidas primeiro, tornam-se promptamente opacas em consequencia de uma decomposição em chlorureto de sodio e em iodato de soda (+ HO) crystallisado em agulhas. Decompõem-se a quente separando o iodo e o oxygenio.

#### ANNUNCIO

CONSELHO DE SAUDE NAVAL E DO ULTRAMAR

Perante o conselho de saude naval e do ultramar está aberto concurso para o provimento dos logares abaixo designados de pharmaceuticos dos quadros de saude das provincias ultramarinas, em conformidade do artigo 2.º do decreto de 11 de dezembro de 1851.

INDIA

Um segundo pharmaceutico, vencimento annual. . 384,5000

MACAU

Um primeiro pharmaceutico, vencimento-annual . . 528\$000

MOÇAMBIQUE

Tres segundos pharmaceuticos, vencimento annual 624\$000

ANGOLA

Dois primeiros pharmaceuticos, vencimento annual 768\$000

Quatro segundos pharmaceuticos, vencimento annual . . . . . 624\$000

CABO VERDE

Dois segundos pharmaceuticos, vencimento annual 624\$000

S. THOMÉ E PRINCIPE

Um primeiro pharmaceutico, vencimento annual . 768\$000

Dois segundos pharmaceuticos, vencimento annual 624\$000

Estes vencimentos são pagos em moeda do reino.

Os individuos despachados têm uma patente de capitão ou tenente, conforme forem primeiros ou segundos pharmaceuticos, e como taes têm direito á reforma quando completarem dezeseis annos de residencia na India e Macau, doze na Africa occidental, e dez na Africa oriental.

Têm reforma com meio soldo os que se impossibilitarem de servir depois da metade do tempo exigido para a reforma com o soldo por inteiro (decreto de 23 de julho de 1862, publicado no *Diario de Lisboa* n.º 166 de 26 do mesmo mez).

Os pretendentes áquelles logares entregarão no hospital da marinha os seus requerimentos com os documentos originaes em que provem as suas habilitações scientificas.

Serão preferidos os pharmaceuticos que tiverem curso regular nas escolas medico-cirurgicas do reino.

Hospital da marinha, 13 de agosto de 1862.—*Dr. Francisco Frederico Hopffer*, secretario.



## PHARMACIA

## IODO-ARSENIATO DE MERCURIO NO TRATAMENTO DA SYPHILIS ULCEROSA

O dr. Pedralli, baseado em muitas observações, publicadas pela sociedade medico-cirurgica de Bolonha, affirma que os syphiliticos, tratados por muito tempo, sem exito algum, pelas applicações mercuriaes iodoradas, se curaram facilmente e em breve tempo, por meio do iodo arseniato de mercurio, empregado da seguinte maneira:

1.º Principia-se por applicar internamente 4 gotas da solução que abaixo formulámos, augmentando a dõse todos os dias até 80 gotas, e mais. Quando a cura está adiantada continua-se a prescripção, mas diminuindo as gotas por dia, 2 na rasão do augmento;

2.º O excipiente deve ser ou mucilagem de gomma ou um cozimento sudorifero;

3.º Quando appareça, o que é raro, symptomas de irritação gastro-intestinal, suspende-se por alguns dias o uso do medicamento, e usa-se do carbonato de magnesia em pequenas dõses.

O effeito phagedenico d'este medicamento é o mais prompto e effizaz na syphilis cutanea e ossea. A formula adoptada para a preparação do iodo-arseniato de mercurio liquido é a seguinte:

Iodureto de arsenico . . . . . 20 centigrammas

Agua distillada . . . . . 125 grammas

Dissolva-se n'um matraz de vidro, á lampada de alcool, e junte-se:

Biodureto de mercurio . . . . . 40 centigrammas

Idureto de potassio . . . . . 1 gramma

ou q. b. para  
dissolver com-  
pletamente o  
biodureto.

Filtra-se o liquido e guarda-se em frasco escuro e bem rolhado.

(La españa médica.)

F. J. R. LOURINHO.

#### O OXYGENIO COMO ANTIDOTO DO ETHER E DO CHLOROFORMIO

Hoje que tanto se falla d'estes agentes anesthesicos e que tão frequentemente se empregam nas grandes operações cirurgicas para diminuir ou fazer desapparecer a dor; hoje que conhecemos os bons resultados de tão importantes substancias, incluindo a amylena, entendemos que é da maior utilidade dar conhecimento aos nossos leitores dos ensaios que o sr. Ozanam tem feito com o oxygenio: chloroformisa um animal qualquer, e o deixa depois despertar naturalmente, e em acto continuo chloroformisa-o de novo, e logo o faz voltar a si, fazendo-lhe respirar o oxygenio. Em todas estas simples experiencias achou sempre que o somno anesthesico dura muito menos com a applicação do oxygenio. O mesmo resultado se dá em relação ao ether. Sabido pois que para combater os efeitos do ether e do chloroformio o oxygenio é o agente mais efficaz, o cirurgião operador deverá estar sempre munido de uma quantidade d'este gaz para reanimar o paciente quando seja necessario. D'este modo será possivel evitar todos os accidentes funestos que costumam dar-se, por isso que no homem dura mais a acção dos anesthesicos do que nos animaes; assim, quando a respiração é curta ou entrecortada, torna-se util a applicação do oxygenio como meio de dar-lhe maior força.

Acreditamos que o sr. Ozanam acaba de fazer um grande serviço á cirurgia com a descoberta da applicação do oxygenio, que deverá empregar-se sempre que o exijam as circunstancias.

(La españa médica.)

F. J. R. LOURINHO.

#### SOLUÇÃO DO ACIDO PHENICO CONTRA A TINHA E SARNA

PELO SR. BAZIN

Segundo os exames feitos no hospital de S. Luiz, pelo sr. Bazin, e communicados á academia das sciencias pelo sr. Jean

Lemaire, a seguinte solução constitue um meio de tratamento economico para a cura da sarna e da tinha:

Acido phenico.....	1 parte
Acido acetico a 8° .....	40 »
Agua.....	100 »

F. s. a.

Para a tinha applica-se uma vez por dia uma compressa molhada n'esta solução. Para a sarna uma só loção é sufficiente para matar o acarus.

Junta-se o acido acetico á preparação para fazer penetrar o medicamento debaixo da epiderme até ao fundo das bulbas pilosas.

O acido phenico ou carbonico é um producto que se obtem por distillação do carvão de pedra e por consequencia não tem grande valor venal; alem de que o auctor considera certas applicações hygienicas que este acido pôde admittir, porque a mais importante é a conservação dos cadaveres.

O sr. Lemaire affirma que o cadaver de um homem pôde ter-se em um excellente estado de conservação por menos de 50 centimetros por dóse.

F. B. PIMENTEL.

(Journ. de pharm. et de chim.)

#### UNIÃO DO OLEO DE MASTIC AO BALSAMO DE COPAHIBA

PELO DR. FAVROT

O mastic (*piper angustifolium*) é uma pimenta da America meridional, introduzida em França pelo sr. Dorvault, e levada á exposição universal de Londres. A principal propriedade do mastic é ser adstringente.

Na mesma epocha os medicos inglezes tiveram a idéa de o administrar internamente, em decoção em casos de corrimentos chronicos da uretra. Da mesma fórmula no Perú já este medicamento era desde longo tempo empregado no mesmo sentido.

Na *Flora medica* d'este paiz, pag. 28, pôde-se ler a citação que se segue: *incolæ ad ulceras concrosas et gonorrhæas olue venerææ ortas decoctum affatim auriunt.*

Depois do sr. Dorvault, seu successor mr. Grimand tem continuado suas indagações, e a final concluiu chegar á certeza de que as propriedades do mastic são devidas ao oleo essencial em que abunda esta planta.

Tendo feito preparar com este oleo algumas capsulas, o sr. Favrot diz ter obtido algumas curas na maioridade dos casos em que as empregou.

O nosso collega nota que a acção diuretica é muito intensa e por isso teve a idéa, para a corrigir, de associar o oleo de mastic ao balsamo de copahiba. Eis a formula d'esta preparação:

Balsamo de copahiba .....	100
Oleo essencial de mastic .....	5
Magnesia .....	q. s.

Esta formula é justamente para 100 bolos cobertos de gluten, segundo o processo de Raquin.

Cada bolo contém 1 gramma de copahiba e 50 centigrammas de oleo essencial de mastic, que corresponde a 50 grammas de folhas empregadas para o extrahir.

N'esta combinação o balsamo perde o gosto nauseabundo que lhe é proprio, como se se lhe juntasse a hortelã pimenta.

O effeito d'estes bolos nos casos sobreditos é notavel.

Ha quatro annos que o sr. Favrot diz tratar por esta preparação os corrimentos agudos e chronicos, com vantagem, comparando aquellas preparações análogas, que têm sido empregadas até hoje.

O tratamento local faz-se por injecções com agua distillada bem saturada, do mastic, cuja distillação mr. Grimand prepara da maneira seguinte:

Mastic .....	1 kilogramma
Agua .....	2       »

Para obter 4:000 de agua saturada deve macerar-se o mastic em agua fria durante vinte e quatro horas, anteriormente á distillação.

Parã o tratamento geral ou interno deve recorrer-se aos bolos ou capsulas de que acima demos a respectiva formula.

(Journ. de pharm. et de chim.)

### ELECTUARIO DE CUBEBAS, DE COPAHIBA E MASTIC

POR MR. DEBOUT

Das preparações mais efficazes e as mais empregadas hoje para combater a blennorrhagia é o electuario que mr. Debout não duvida aconselhar a experiencia da formula seguinte:

Copahiba . . . . .	30 grammas
Cubebas . . . . .	41 »
Essencia de mastic . . . . .	2 »
Assucar em pó . . . . .	q. s.

Para tomar em tres dias, envolvido em pão asimo. Recomendam os praticos que cada dóse quotidiana deve ser fraccionada ao menos em quatro doses, de maneira a entreter constantemente as urinas medicamentosas.

F. B. PIMENTEL.

(Journ. de pharm. et de chim.)

### SOBRE O EMPREGO DO CAOUTCHOU TEREBINTHINADO NO TRATAMENTO DA TISICA

PELO DR. HANNON, PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE BRUXELLAS

O caoutchouc muito puro é cortado em fitas delgadas e muito estreitas; n'este estado mergulha-se no oleo essencial de terebinthina (uma parte de caoutchouc para duas de oleo) e deixa-se em maceração. O caoutchouc incha pouco a pouco, por se impregnar da terebinthina, as fitas approximam-se, reúnem-se, confundem-se e finalmente desaparecem na terebinthina.

A solução assim obtida é de cor escura ou parda, e tem a consistencia xaroposa.

Vertido debaixo d'esta fórma na agua o caoutchouc separa-se da terebinthina tomando a fórma solida; n'este estado por modo nenhum se prescreve em poção, porque debaixo da fórma de flocos solidos se torna inerte, não se digere, e por esta rasão não póde produzir effeito.

Da mesma forma é impossivel empregar a dissolução da terebinthina pura, porque o gosto é muito desagradavel.

O meio que melhor me tem satisfeito e que por consequencia permite ao doente tomar o medicamento sem demasiada repugnancia é sem duvida o confeccionar um electuario que prescrevo da maneira seguinte:

Caoutchouc terebinthinado . . . . .	1
Arrobe de sabugo . . . . .	30
Oleo essencial de amendoas amargas . . . . .	3 gotas

Misture e faça s. a. electuario.

A dose do caoutchouc póde ser augmentada pouco a pouco, isto é, á medida que o doente se acostuma ao sabor e gosto da terebinthina, cujo sabor é attenuado pela addição do oleo essencial de amendoa amarga, que obra não só como correctivo, mas muitas vezes como adjuvante.

O doente deve toma-lo na dose de quatro colhêres das de café, por dia, de electuario, isto é, duas de manhã e duas depois de jantar, com intervallos de duas horas cada uma; finalmente póde-se insensivelmente augmentar a dose do caoutchouc terebinthinado entre 5 e 20 grammas para 30 grammas de electuario.

A administração do medicamento deve ser quotidianamente continuado até ao desaparecimento dos symptommas da tísica pulmonar. Não obstante respeito o seu uso e não o abandono; mas n'esse caso costume dá-la em dose menor.

O caoutchouc administrado no estado sólido é inerte, e tanto não faz digestão que atravessa o tubo intestinal sem ter soffrido alteração; depois de ter sido desaggregado por meio do oleo de terebinthina, é digerido facilmente, não perturba o trabalho da digestão, e parece favorecer consideravelmente a hematose.

Finalmente nenhum alimento respiratorio póde lutar com o caoutchouc debaixo d'esta relação; sua composição chimica o explica sufficientemente ( $C^{20} H^{16}$ ). Nenhum corpo é relativamente mais rico em carbone e hydrogenio. Estes elementos

são os unicos que constituem a base do caoutchouc. Administrado aos doentes que soffrem a terrivel molestia da tísica, observa-se que debaixo da influencia do caoutchouc terebinthinado a expectoração diminue rapidamente, a oppressão cessa, os suores nocturnos desapparecem, as déjecções ou evacuações de ventre e a febre suspende-se, e finalmente as forças se reproduzem e a nutrição pouco a pouco reaparece.

Uma outra acção como alimento respiratorio o caoutchouc terebinthinado gosa, da propriedade medicatriz muito pronunciada: e prova-o a rapidez com que a melhora se experimenta. Finalmente a tosse é o primeiro symptoma que desapparece.

A medicação por meio do caoutchouc terebinthinado não se oppõe de nenhum modo, a que se prescreva e ordene por outros agentes therapeuticos que se julguem convenientes, attentos os symptomas observados, e por isso é indispensavel continuar com o electuario de caoutchouc terebinthinado durante o decurso do tratamento.

(Journal de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL

## QUÍMICA

### PESQUISAS SOBRE OS CRYSTAES DA HEMATINA E SOBRE O VALOR DOS MESMOS EM MEDICINA LEGAL

PELOS SRS. BUCHNER E SIMONS

Depois de secco o sangue, tratado pelo acido acetico e visto ao microscopio, manifesta crystaes corados em fórmias bem definidas; n'este estado tem recebido do sr. Peichman, auctor d'esta descoberta, o nome de *hematina* ou *crystaes de hematina*. Estes crystaes microscopicos da fórmula rhomboidal apresentam algumas vezes a fórmula de uma lançadeira. Sua côr, ordinariamente de um escuro vermelho sujo, varia de amarello sujo a escuro carregado.

Têm grande tendência a grupar-se, tomando a fórmula de cruz ou estrella. Em medicina legal deve-se dar importancia

a estas fórmias bem caracterisadas, porque effectivamente se encontram ainda outras que não são exclusivas da hematina: a bile, por exemplo.

Estes cristaes, examinados ao microscopio, são insolúveis na agua, alcool, acidos acetico, phosphorico e chlorhydrico; difficilmente soluveis no ammoniaco, acido sulphurico diluido e no acido nitrico ordinario; mas sobretudo são facilmente soluveis na potassa caustica com coloração verde carregado, no acido sulphurico concentrado com coloração verde carregado sujo, e deposito viscoso negro, e no acido nitrico fumante com coloração de um escuro vermelho.

Para fazer este exame em caso de experiencia concentram-se os liquidos antes da addição do acido acetico; destacam-se com cuidado as nodoas que se acham sobre os vestidos, roupa branca, pau, ferro, etc., tendo a precaução de o seccar primeiro a um calor brando; porém se a nodoa data de algumas semanas, ou mesmo de alguns mezes, faz-se macerar em uma pouca de agua. O liquido é evaporado á temperatura de 40° a 60°, e o residuo é tratado pelo acido acetico crystallizado, e evaporado de novo, operando-se em um pequeno vidro de relógio, que depois se colloca debaixo do microscopio para examinar os cristaes. As nodoas mais antigas e descoradas pouco ou nada cedem pelo contacto da agua, e então convem macerar-se no acido, ou mesmo ferver-se até que o liquido colore.

Segundo os auctores, os cristaes vermelhos arroxados podem só por si fazer duvidar, mas a sua solução sendo tratada pelo acido acetico concentrado é vermelha côr de tijolo, emquanto que a hematina é de um escuro vermelho sujo. O residuo solido se redissolve na agua com uma côr purpurea, no acido chlorhydrico sem côr, no potassa com coloração azul, emquanto que os cristaes de hematina são insolúveis na agua e no acido chlorhydrico, dando a final com a potassa uma solução verde carregada.

Não se póde com certeza dizer quaes os caracteres dos crys-



taes de hematina, para poder affirmar, na hypothese dos auctores, a presença do sangue quando se tem obtido.

(Journal de pharm. e de chim.)

F. B. PIMENTEL.

NOVAS PESQUISAS SOBRE OS AMALGAMAS METALLICOS E SOBRE  
A ORIGEM DE SUAS PROPRIEDADES CHIMICAS

POR MR. JULES REGNAULD

Já demonstrei em um precedente trabalho que as propriedades chímicas do zinco e do cádmio amalgamados se ligam aos phenomenos thermicos no momento em que estes dois corpos se unem ao mercurio.

Estas novas indagações me conduzem a generalisar estas relações e tanto que se estendem a um grande numero de metaes, e acrescentando porém que pelo facto da amalgamação uns, como o zinco, se elevam na escala das afinidades positivas, outros como o cádmio se abaixam.

Entre os metaes submettidos a estas experiencias comparativas aquelles que se tornam electro-positivos unindo-se ao mercurio são os seguintes: *ferro, nichel, cobalto, zinco, estanho, antimonio, cobre, chumbo e bismutho.*

O zinco, estanho e chumbo são os unicos entre estes corpos que pelo simples contacto e sem acção chímica ou physica se combinam com o mercurio. Tenho provado que a amalgamação do estanho e do chumbo é como a do zinco acompanhada de um abaixamento de temperatura notavel. Portanto nos tres casos em que a medida das temperaturas póde fazer-se directamente durante a reacção, se nota que a afinidade positiva do composto cresce á medida que o calor da constituição augmenta.

É permittido concluir-se que os outros metaes amalgamados, entre os quaes se observam algumas propriedades identicas, as devem a esta mesma causa. Alem d'isso devo acrescentar que a comparação de seus calores latentes, da fusão e da ordem chímica que occupam, é sem duvida favoravel a esta fórma de ver.

Pelo exame do quadro que comprehende os calores latentes

da fusão dos metaes experimentados nos convencemos d'isso; ora, uns são exactos e resultantes da determinação calorimétrica, outros sómente são alguns valores approximativos, deduzidos da relação estabelecida por mr. Person, entre o calor latente, o coefficiente da elasticidade e da densidade dos metaes.

## CALOR LATENTE DA FUSÃO

Ferro.....	64,171	calculo
Nichel.....	55,367	»
Cobalto.....	51,633	»
Zinco.....	28,130	experiencia
Estanho.....	14,252	»
Antimonnio.....	12,455	calculo
Cobre.....	33,881	»
Chumbo.....	5,369	experiencia
Bismutho.....	12,640	»

Os tres primeiros metaes inscriptos n'este quadro têm para o mercurio a afinidade que parece pouco differente da do zinco, e como alem d'isso o seu calor latente é incontestavelmente superior a este, segue-se que o augmento de afinidade positiva dos amalgamas é uma consequencia de calor que se limita a estes ultimos.

As propriedades electro-chimicas dos metaes amalgamados collocados na ordem inferior do zinco se explicam igualmente segundo os mesmos principios.

Com effeito, se por uma parte o calor latente é geralmente inferior ao do zinco, assim mesmo se unem ao mercurio em virtude da sua fraca afinidade, como a formação da liga, o que se póde verificar para o estanho e mesmo para o chumbo é uma causa de resfriamento.

Emquanto aos metaes congenes do cadmio, isto é, os que desenvolvem calor amalgamando-se, e que devem, segundo a theoria, abaxiar na ordem das afinidades, tenho-os achado no grupo dos metaes collocados em uma grande distancia do mercurio, fazendo o papel electro-positivo.

A sua combinação com este ultimo é a consequencia de uma afinidade energica, e como o seu calor de fusão parece ser fraco, a producção do calor durante a reacção se manifesta com uma intensidade notavel.

O potassio e o sodio, cuja amalgamação se opera com desenvolvimento de calor que a elevação da temperatura vae até á incandescencia, me têm fornecido o meio de dar a estas idéas um novo registo de verificação. Algumas experiencias, cujos resultados são tão puros como constantes, me têm provado que os amalgamas de potassio e de sodio, formados em virtude d'estas afinidades poderosas, são negativos relativamente aos metaes puros; elles apresentam pois os extremos limites dos phenomenos chimicos e thermicos offerecidos pelo cadmio. Estes phenomenos igualmente se acham em muitos metaes das primeiras secções, cujas propriedades têm sido previstas.

Em resumo d'estes exames podem tirar-se as conclusões seguintes:

Todas as vezes que um metal é amalgamado, a sua posição na escala das afinidades sofre uma modificação. O resultante pôde ser em sentido contrario, mesmo para alguns metaes visinhos, porque elle depende ao mesmo tempo da funcção chimica do metal e de seu calor latente da fusão.

Se elle tem ali abaixamento de temperatura durante a combinação do metal com o mercurio, se por consequencia o calor da constituição do amalgama é superior ao do metal, este ultimo eleva-se na ordem das afinidades positivas.

Quando a união dos phenomenos thermicos é inversa, quando a liga se forma com o desenvolvimento de calor, o metal amalgamado é negativo em relação ao metal livre.

(Journal de pharm. et de chim.)

F. B. PIMENTEL.

#### NOTA SOBRE A PREPARAÇÃO DE ALGUNS ETHERES SULPHURADOS

POR M. ER. BAUDRIMONT

Sabe-se que o chlorureto de ethyla serve para a preparação de um certo numero de ethers sulphurados. Assim fa-

zendo reagir este corpo sobre diferentes saes em dissolução alcoolica, taes como o sulphureto de potassio, o sulphurato de sulphureto de potassio, o sulphocyanureto de potassio e o sulphocarbonato de sulphureto do mesmo metal obtem-se por dobrada decomposição o sulphureto de ethyla  $C^8 H^{10} S^2$ , o mercaptam-ethylico  $C^4 H^6 S^2$ , o sulphocyanureto de ethyla  $C^6 H^4 Az S^2$ , e o sulphocarbonato de sulphureto de ethyla  $C^{10} H^{10} S^6$ .

Mas ou seja por causa da extrema volatilidade do chlorureto de ethyla, ou por qualquer outro motivo, o seu emprego não é muito productivo na preparação dos ethers precedentes. Imaginei pois substituir-lhe o iodureto de ethyla  $C^4 H^5 I$ , que se pôde obter hoje tão facilmente, que é muito mais facil de se manejar, e cujas reacções parecem mais promptas e faceis.

Assim, para preparar o sulphureto de ethyla  $C^8 H^{10} S^2$  transformo 100 grammas de potassa caustica, que dissolvo no alcool, em monosulphureto de potassio  $K S$  pelos processos conhecidos; depois verto esta solução em uma retorta fechada a esmeril, de 1 litro de capacidade, e munida do seu recipiente, que se deve cercar de gelo ou de agua muito fria, e em seguida ajunto ao liquido da retorta 50 grammas de iodureto de ethyla, fechando-a promptamente. A reacção é muito viva e o calor produzido é muitas vezes bastante forte para volatilisar uma parte do sulphureto de ethyla, cuja origem é a dobrada de composição  $2 (C^4 H^5 I) + (K S) = C^8 H^{10} S^2 + 2 (K I)$ . Assim é muitas vezes necessario moderar a reacção, mergulhando a retorta em agua fria. Vê-se o iodureto de potassio formado depositar-se no fundo do licor.

Quando o liquido está sufficientemente resfriado ajunta-se-lhe uma nova quantidade de 50 grammas de iodureto de ethyla, tomando as mesmas precauções. Fazem-se ainda duas addições successivas d'este ether com os mesmos cuidados <sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Ao todo 200 grammas d'este corpo, ou um pouco menos de um equivalente, a fim de deixar no licor um excesso de sulphureto de potassio para haver toda a certeza de se ter destruido todo o iodureto de ethyla.

depois procede-se á distillação a banho-maria, até que o liquido que passa não torne a agua leitosa. Põe-se então o producto da distillação em um frasco com cinco ou seis vezes o seu volume de agua. Agita-se vivamente durante alguns momentos, a fim de dissolver o alcool arrastado, deixando-se depois em repouso.

O sulphureto de ethyla separa-se da dissolução aquosa e vem sobrenadar á superficie do liquido. Lança-se o todo em um funil de registo, que se cobre de uma placa de vidro, para evitar a perda que produziria a volatilisação do ether, depois quando a agua está bem separada d'este ultimo, abre-se o registo para que ella escorra de maneira a não conservar mais que o liquido ethereo que se faz em seguida cair em um frasco, contendo alguns fragmentos de chlorureto de calcio. Agita-se para que absorva a agua que podia conservar o sulphureto de ethyla, que se rectifica em seguida, collocando-o no seu aparelho de distillação, aquecido a banho-maria. Obtem-se assim em muito pouco tempo sulphureto de ethyla muito puro, cujo peso é igual a  $\frac{1}{4}$  do iodureto de ethyla empregado.

Encontra-se no residuo da primeira operação todo o iodureto de potassio que durante ella se formou e que póde servir a uma nova preparação de iodo, e por consequencia de iodureto de ethyla.

Substituindo á solução alcoolica de monosulphureto de potassio a do sulphurato de sulphureto do mesmo metal  $K_2S_2H_2$ , e fazendo reagir sobre elle o iodureto de ethyla, com todas as precauções precedentemente indicadas, obtem-se o mercaptam ethylico  $C^4H^6S^2$  com uma extrema facilidade.

O iodureto de ethyla reagindo a quente sobre uma solução alcoolica de sulphocyanureto de potassio  $K^2C^2AzS^2$ , dá, pelo mesmo processo, o sulphocyanureto de ethyla  $C^4H^4C^2AzS^2$ . Sómente como este producto é apenas mais denso do que a agua (1,020) de que elle se separa com muita facilidade, dever-se-ha substituir á agua pura o emprego de uma solução concentrada de sal marinho que força o sulphocyanureto de

ethyla a vir promptamente á superficie do liquido. De resto opera-se como se disse, observando todavia que este sulphocyanureto de ethyla não entrando em ebullicão senão a 146°, ao principio é só alcool que passa no recipiente; o ether só passa em ultimo lugar. Saturando de sulphureto de carbonio uma solução alcoolica pouco concentrada do mesmo sulphureto de potassio, fazendo depois reagir sobre ella, com o auxilio do calor, o iodureto de ethyla, forma-se o sulphocarbonato de sulphureto de ethyla  $C^4 H^{10} S^2 C^2 S^4$ , que se separa do licor, ajuntando-lhe cinco ou seis vezes o seu volume de agua. O ether mais denso vae ao fundo do vaso. Decanta-se e rectifica-se por meio de chlorureto de calcio e da distillação.

Procuro actualmente applicar o mesmo modo de preparação aos ethers methylicos e amilicos sulphurados, que farão talvez objecto de uma segunda nota.

JOAQUIM URBANO DA VEIGA.

## PEÇAS OFFICIAES

### EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

(Continuação da sessão solenne de 21 de julho de 1862.)

#### APONTAMENTO DE ALGUMAS NOTICIAS RELATIVAS A THOMÉ PIRES

ESTUDO PARA A HISTÓRIA DE PHARMACIA EM PORTUGAL NO XVI SEculo

Pelo ex.<sup>mo</sup> conselheiro José Tavares de Macedo

Socio benemerito da sociedade pharmaceutica lusitana

Entre as noticias que os portuguezes, depois da conquista de Malaca, obtiveram mais explicitas de cousas da Asia oriental, tomaram promptamente grande vulto as que respeitavam á China. As mercadorias que d'ali vinham a Malaca, a policia dos chins, uma vaga noticia da extensão do imperio, tudo era proprio para suscitar em um povo igualmente amigo de aventuras e do commercio, os mais vivos desejos de conhecer um paiz que promettia ser tão curioso, e cujo trato se mostrava tão rico; e os primeiros portuguezes que tiveram occasião de ver os portos da China, com o que d'elles contavam, especialmente das suas maravilhas industriaes, cada vez augmentavam mais aquelles desejos. Por isso quando el-rei D. Manuel,

em 1515, mandou para a India o governador Lopo Soares de Alvarenga, mandou tambem com elle uma armada commandada por Fernão Peres de Andrade, com destino especial de ir assentar relações de commercio na China, para o que devia tambem ir um embaixador a tratar com o governo d'aquelle paiz. Como esta embaixada não era objecto de ostentação em que se fossem gosar os prazeres de dispendiosos festas, mas era uma legação laboriosa e arriscada, não foi do reino nomeiado o embaixador, cuja escolha ficou ao prudente arbitrio do governador da India.

Estava então na India Thomé Pires, pharmaceutico, o qual tinha sido mandado pelo governo, na qualidade de perito, para a escolha das drogas medicinaes. Dos seus primeiros annos só sabemos que era natural de Leiria, e que fôra boticario do principe D. Affonso, o mal aventurado filho de el-rei D. João II; mas deve ter passado vida estudiosa e applicada; poisque, como expressamente diz João de Barros, era de bom saber na sua profissão <sup>1</sup>, e alem d'isso tinha outros conhecimentos, como bem deixa entender Gaspar Correia, que provavelmente o conheceu e tratou. Affonso de Albuquerque, cuja alta intelligencia sabia apreciar devidamente os homens, o havia empregado em varias commissões, de que sempre dera boa conta <sup>2</sup>: por fôrma que não obstante a conhecida opposição de Lopo Soares á pessoa de Albuquerque, e portanto, como é costume, aos homens que elle mais distinguia, foi Thomé Pires nomeiado para ir á China, como embaixador, com cartas de el-rei D. Manuel e do governador da India. Os nossos historiadores todos concordam que não havia na India homem mais proprio para esta embaixada, porque alem da sciencia, possuia muito bom juizo; era de natural generoso, aprasivel

<sup>1</sup> No jornal da sociedade pharmaceutica de 1838, pag. 36, se lê uma carta de Thomé Pires para el-rei, com bastantes informações das drogas do oriente.

<sup>2</sup> Talvez que algumas d'estas commissões fosse a do cargo de escrivão de feitoria de Malaca, que só me lembro achar mencionada em Barbosa, na *Bibliotheca lusitana*. Vide Thomé Pires.

no trato, até nos negocios publicos; e era muito curioso de aprender e de examinar as cousas, com um espirito vivo para tudo.

Foi portanto Thomé Pires conduzido na armada de Fernão Peres, quando da India seguiu para a China, levando um rico presente para entregar ao *rei* d'aquelle paiz, como então se lhe chamava. Depois de muitas demoras chegou Thomé Pires a Cantão. O seu desembarque foi uma verdadeira solemnidade. Saltou em terra no meio de uma estrondosa salva de artilheria; ia ricamente vestido, e acompanhado de numerosas pessoas, todas igualmente bem vestidas, e de uma grande musica de trombetas, segundo o estylo do tempo. Foi recebido ostentosamente pelas principaes auctoridades chinezas, que lhe deram para seu aposento umas casas das melhores da cidade, onde logo o foram visitar os principaes funcionarios, e lhe queriam ministrar a mesa, segundo era costume com os embaixadores que entravam no paiz; mas Thomé Pires não aceitou por então, dizendo que se conformaria ao costume da terra quando principiasse a viagem para a côrte. Sete portuguezes ficaram com o embaixador, os mais tornaram para os navios.

A politica china era então como é hoje, e como havia já sido por muitos seculos, ao mesmo tempo cautelosa, vagarosa e altiva. Aindaque depois do desembarque de Thomé Pires as auctoridades chinezas permittiram todas as relações com a armada de Fernão Peres, e este quando se retirou deixou os chinas muito satisfeitos, poisque mandou annunciar que pagaria ou faria pagar tudo quanto fosse devido pela gente da sua armada; comtudo largo tempo passou antes que do imperador viesse ordem para que o embaixador podesse seguir para a côrte; tantas vezes foi necessario dar informações ao governo, e tantas perguntas e exames julgou este necessarios.

Partiu a final Thomé Pires para Nankin <sup>1</sup>, fazendo caminho

<sup>1</sup> Janeiro de 1520.



por agua. Levava tres embarcações com bandeiras e toldos de seda, sobresaindo nas bandeiras as armas de Portugal. Do caminho escreveu a Simão de Andrade, que tivesse a cidade de Cantão por pequena cousa em respeito de outras que elle tinha visto <sup>1</sup>. Quatro mezes gastou até Nankin, onde recebeu aviso para seguir para Pekin; e que lá se trataria dos seus negocios <sup>2</sup>.

No entanto havia chegado á China Simão de Andrade, irmão de Fernão Peres. O procedimento que então teve, assim este capitão como a gente da sua armada, de tal sorte irritou os chinas de Cantão contra os portuguezes, que começaram a considera-los como piratas; e quando Thomé Pires chegou á côrte, alem dos embaraços nascidos da divergencia que se achou entre a carta de el-rei D. Manuel e a de Fernão Peres, e da opposição que fazia um embaixador de el-rei de Malaca, que expunha os damnos que os portuguezes lhe tinham feito, chegaram tambem cartas das auctoridades de Cantão, que pintando os portuguezes com as mais negras côres, indisporam os ministros reaes contra a negociação de Thomé Pires, que inteiramente se mallogrou. Os incidentes que se passaram são contados com variedade e ao mesmo tempo pouco explicitamente para podermos dar um juizo sobre a sua habilidade como negociador; só podemos dizer que nos parece impossivel, que ainda em outra qualquer côrte, outro qualquer embaixador, aindaque dotado de todos os talentos e da mais larga experiencia, pudesse obter uma negociação vantajosa e talvez mesmo o ser attendido, tendo contra si ainda menos circunstancias e condições más de que teve Thomé Pires.

O embaixador foi a final mandado sair da côrte, e até foi preso. Segundo o maior numero dos escriptores Thomé Pires morreu na cadeia cercado de criminosos e malfeitores: comtudo Gaspar Correia, convindo em que estivera preso, deixa entender que fôra depois solto, mas que nunca o deixaram

<sup>1</sup> Barbosa diz que Thomé Pires escrevêra uma *Summa oriental, começando do estreito do Mar Roxo até á China*, dedicada a el-rei D. João III.

<sup>2</sup> Só chegou a Pekin em janeiro de 1521.

sair da China até que falleceu. E talvez isto seja o mais plausível, pois segundo o mesmo escriptor elle mandou ao governador D. Duarte de Menezes um livro em que narrava as grandezas e riquezas da China, que aos nossos então pareceram duras de crer, como ainda muitos annos depois aconteceu a um illustre viajante e escriptor portuguez, a que os tempos modernos têm feito mais justiça <sup>1</sup>.

A embaixada da China, de que foi encarregado Thomé Pires, não era uma d'aquellas legações em que o ministro vae já contando com as grandes festas que lhe hão de fazer, e com o prazer que espera gosar retribuindo com grande fausto e aparato os applausos que espera. Para a embaixada de Thomé Pires era necessario um homem de alta intelligencia e de um saber positivo: tinha a observar os productos do paiz e a julgar d'elles por comparação com os das outras regiões; devia observar os costumes e estylos do paiz; devia tratar com uma côrte civilisada, mas de costumes inteiramente diversos dos da Europa e ainda dos outros reinos da Asia: era finalmente necessario que pela sua intelligencia nas negociações e pelo seu modo de proceder não ficasse abaixo do que convinha ao nome portuguez, altamente elevado então na Asia pelos feitos do grande Albuquerque, a quem foi succeder Lopo Soares: e não é pequena gloria para a nação portugueza que lhe não faltasse portuguez para uma tal commissão, nem é menos honroso para a nobre classe dos pharmaceuticos portuguezes que um dos seus membros fosse com razão julgado o homem mais apto para tão difficil e alto encargo. Dissé.

Acabada a leitura de tão bem escripto e importante trabalho, a que o auditorio prestou a attenção que merecia, começou o sr. presidente, Francisco José Rodrigues Loureiro por enunciar o seu discurso, que terá a devida publicação no proximo numero.

<sup>1</sup> Lê-se em Fernão Mendes Pinto que Thomé Pires casára na China e deixára uma filha. Comtudo sérias ponderações levam a duvidar da exactidão d'esta noticia.

## VARIEDADES

**Meio de tirar ao sulphato de cobre o ferro que contém.** — Agita-se a solução de sulphato de cobre com carbonato de cobre basico, recentemente preparado e ainda humido, obtido pela precipitação de uma solução de sulphato de cobre, por meio do carbonato de soda. Deixando repousar a mistura todo o ferro se separa no estado de carbonato ferroso, e a dissolução filtrada não contém o menor indicio do ferro.

**Compendio de materia medica e therapeutica.** — Acaba de ver a luz publica o primeiro tomo da obra d'este titulo, de que é auctor o nosso mestre e insigne lente de materia medica na escola medico-cirurgica de Lisboa, o sr. dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, socio da sociedade pharmaceutica lusitana, a quem fez tão primorosa offerta. A proficiencia com que se acha escripta e o estylo conciso e claro tornam esta obra a base de uma solida instrucção.

**Pensão.** — Á viuva do fallecido collega e socio benemerito Joaquim Nunes Barbosa, que tão relevantes serviços prestou á sociedade pharmaceutica lusitana, concedeu o monte pio pharmaceutico a pensão annual de 36,5000 réis, por se achar comprehendida no espirito da lei.

**Morte sentida.** — Falleceu no dia 8 do corrente mez o nosso collega e amigo Leonardo da Guarda e Paiva, estabelecido em Leiria, victima de uma tísica pulmonar, que ha muito lhe minava a existencia. A sua falta é sentida por todos os leirienses, pelos seus amigos e collegas, e por nós que dividimos sempre n'elle o character de bom cidadão, bom amigo e bom collega.

J. J. ALVES.

## NECROLOGIO

No dia 8 de setembro corrente entregou a alma ao Creador o pharmaceutico o sr. Leonardo da Guarda e Paiva, estabelecido em Leiria, e socio provincial da benemerita sociedade pharmaceutica lusitana. Era um modelo de honradez e no-

breza de character, querido de todos os leirienses e de todos que o conheciam e tratavam, sempre promptissimo em coadjuvar todas as emprezas uteis e philanthropicas, devendo-lhe nomeadamente o monte pio dos artistas leirienses efficaz e valiosa coadjuvação e protecção, merecendo por isso que esta sociedade o nomeasse seu presidente effectivo e honorario. Como cidadão concorreu sempre como os primeiros para o esplendor e engrandecimento da terra que tinha adoptado; como pharmaceutico prestou valiosos serviços ao hospital de Leiria, primeiro como ajudante, enquanto eu estive encarregado da administração da sua botica, e depois succedendo-me na mesma administração. Depois de estabelecido, com bastante trabalho e quasi sem recursos, soube com inimitavel tino e bonhomia conciliar os seus licitos interesses com os melhores e mais uteis serviços prestados aos povos nas occasiões criticas de epidemias, e sempre a tal ponto, de se tornar um homem eminentemente querido, conceituado e popular.

Amigo do seu amigo até á heroicidade e abnegação de si, ninguem como o sr. Paiva comprehendia e executava melhor a santa virtude da gratidão!

Infelizmente, um homem dotado de tão raras qualidades lutava desde mais de doze annos com a enfermidade que devia cortar-lhe a existencia no vigor dos annos, e para que a sciencia foi impotente, e nos ultimos tempos lutou com padecimentos acerbos, e os seus derradeiros momentos foram atrozmente attribulados.

A sociedade pharmaceutica perdeu um membro zeloso e prestante, a classe tem de menos um collega typo de honradez, e eu particularmente perdi um amigo verdadeiro, a quem devia innumeras finezas e favores, parte das quaes já em outra parte e publicamente mencionei. Contristado por um tal acontecimento, serve-me ao menos de lenitivo a esperanza de que Deus terá recompensado as virtudes do amigo, chamando-o a gosar da eterna bemaventurança. Assim seja.

Coimbra, de setembro de 1862.

C. J. X. Coimbra.

## PEÇAS OFFICIAES

## EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

(Continuação da sessão solemne de 24 de julho de 1862)

DISCURSO PRONUNCIADO PELO PRESIDENTE, O SR. FRANCISCO  
JOSÉ RODRIGUES LOUREIRO

Meus senhores:—Não é ao merito, porque eu não o pos-  
suo, mas é á vossa muita bondade que devo a honra de sen-  
tar-me n'esta cadeira.

Tambem não posso acreditar que fosse com vistas de pre-  
miar o talento que assim procedestes, porque eu tambem o  
não possuo, e vós muito bem o sabeis, mas quizestes com  
isto experimentar as minhas diminutas forças intellectuaes,  
animando-as por este meio.

Eu, senhores, deveria ter sido o ultimo de entre vós em  
quem esta escolha recaisse, mas por uma casualidade impre-  
vista aconteceu o contrario, e visto que vos illudistes elegen-  
do a insufficiencia para o logar mais elevado d'esta sociedade,  
tereis que soffrer resignados as minhas muitas e indesculpa-  
veis faltas!

A minha actual posição, senhores, é sobremaneira critica,  
e eu não sei, não atino como remedia-la. O meu justo receio  
duplica quando me lembro que este logar tem sido sempre  
desempenhado pelos mais distinctos oradores, que d'elle irra-  
diaram as mais melodiosas vozes, os mais eloquentes discursos!

O regulador interno d'esta sociedade incumbe aos presi-  
dentes a obrigação de apresentar-vos n'este dia, a todos os  
respeitos solemne, um discurso sobre a utilidade das asso-  
ciações scientificas, com muita especialidade em relação a  
esta sociedade.

Mas que poderei eu dizer que se não tenha já dito tantas  
vezes d'este mesmo logar, por tantos e tão dignos oradores?

Carente de talento e não menos de principios de eloquen-  
cia, desfavorecido, como sou, d'esses vastos e profundos pen-  
samentos, de idéas sublimes e estylo brilhante, atavios indis-  
pensaveis para a confecção de um discurso digno de vós e  
do assumpto do dia, que figura, digo, poderei eu fazer?

A de pobre e desprezível regato na presença do grande oceano!

Assás conheço a minha insufficiencia para imitar, nem mesmo por sombras, os talentosos consocios, os srs. Leitão, Sousa Pereira, Oliveira, Carvalho, Dionysio Correia, Tedeschi e Telles, illustrados cavalheiros que me antecederam, e por seu turno honraram esta cadeira!

Animado porém pela certeza de que fallo a uma reunião de litteratos, cuja proficiencia ha de supprir generosa as minhas notaveis faltas, eu vou sem mais proemios dar cumprimento ao vosso honroso preceito, não como eu cordialmente desejava e vós tinheis direito a exigir de mim, mas da maneira que me for possível e minhas apoucadas forças m'o permittirem.

Em geral, as sociedades humanas, senhorés, podem dizer-se tão antigas como os mesmos homens, e qualquer que fosse o modo por que ellas appareceram sobre a terra, devia ser sempre com o fim de concentrar a força pára a mais prompta e efficaz defeza das familias ou da propria vida, unica causa em que mais poderiam empenhar-se os homens da natureza, os homens da primitiva.

Mais tarde, e quando já melhor avaliadas as sociedades, sempre crescentes na rasão directa do desenvolvimento da civilisação e das necessidades, ou fosse para se livrarem dos perigos que de continuo rodeiam o homem, ou fosse para melhor gosar ou para repellir os obstaculos que se oppozeram aos seus desejos, impostos pelas leis naturaes, estas foram sem duvida as causas que motivaram a necessidade das primeiras sociedades.

Creada a sociedade civil, a experiencia foi advertindo a conveniencia de crear outras, a primeira provavelmente com o fim de adquirir maior somma de meios, para tambem com elles gosar maior somma de commodidades.

As sociedades scientificas porém tiveram outra origem, porque outra era tambem a sua missão, outro o seu fim.

O homem da sciencia não trabalha para adquirir riquezas,

como aquelles que trabalham só para si. Elle trabalha para a humanidade, para todo o mundo, embora sacrifique o seu descanso, os seus cabedaes, a sua saude, e quantas vezes a propria existencia! Eu o provo.

Miguel Servet, porque descobriu a circulação pulmonar, foi victima da intolerancia de Calvino, que o odiava; morreu queimado!

Galileo, porque descobriu a ponderabilidade do ar, a lei do descenso dos corpos, e, como Cartesio, proclamou o movimento da terra sobre si mesmò e á roda do sol, foi mettido nos carceres do santo officio, e condemnado a um perpetuo silencio, castigo cem vezes peor que a morte, para um tal genio!

O immortal Hervey, porque fez presente ao mundo scientifico da mais surprehendente descoberta philosophica, mereceu os maiores sarcasmos de todos os seus contemporaneos (provavelmente porque o não entendiam); mas a posteridade, sempre mais justiceira, viu n'elle um grande genio, reconhecendo a verdade das suas descobertas.

Nas sciencias, bem como na politica, ha ingratos e ha traidores!

Desculpae, senhores, esta pequena digressão, que eu julguei necessaria, para provar o meu dito. Eu volto ao nosso assumpto.

Se contemplarmos o homem errante, isolado pelas praias e pelos bosques, encontra-lo-hemos sempre mais ou menos associado, ora formando familia, ora tribu, ora nação.

O gigantesco dedo da historia nos traça no successivo volver dos seculos a existencia das sociedades humanas e os destinos que cumpriram muitos povos da antiguidade, quando catastrophes destruidoras aniquilaram a sua existencia: sejam d'isto exemplo os estereis areiaes da Lybia, que por sua natureza movediça occuparam as cidades mâis florescentes da antiguidade, aniquilando povoações inteiras, tornando um paiz fertil e saudavel em ermos inhospitos, onde hoje apenas vagueiam miseraveis e degeneradas creaturas!

Athenas e Esparta, ao contrario, por sua melhor posição geographica, distinctas modificações e bom solo, foram o berço das melhores sociedades, o foco da maior civilisação.

Riqueza, sentimentos elevados e homens de intellectualidade deram-se na patria de Pericles e de Alcibiades.

Sobriedade, vigor physico e amor patrio foi modelo o nobre povo de Lycurgo!

É innegavel, senhores, que ali nasceram milhares de sociedades, e que as sciencias e as artes ahi floresceram á sombra das cordilheiras calcareas e dos magnificos valles e bosques da Grecia e da Italia, e mais tarde estenderam-se ao resto do continente, protegidas pelas brisas do Mediterraneo.

Todas as sciencias, senhores, têm uma connexão intima e se coadjuvam mutuamente; mas vista a curta comprehensão humana e a limitada extensão da vida, foi forçoso dividi-las em differentes ramos especiaes e applicar-se cada individuo a um d'estes, recolhendo dos outros aquella parte que lhe é indispensavel para formar um corpo de doutrina que possa fazer o seu patrimonio, emquanto que a universalidade dos conhecimentos é a partilha e dote da humanidade toda.

Bem conhecida é pois a utilidade das sociedades, sem mesmo excluir as politicas, porque aindaque alguma vez possam trazer algum inconveniente, já em outras occasiões têm produzido grandes vantagens para a sociedade.

São ellas quem pôde conseguir reunir e concentrar os recursos materiaes e intellectuaes de muitos individuos, que isolados nenhuma efficacia teriam.

São ellas quem tem desenvolvido enormes forças, espalhando as luzes, civilisando os povos, creando riquezas, facilitando os prazeres, coadjuvando os governos que as protegem, e ainda mesmo aquelles que apenas as deixam vegetar.

As sociedades scientificas, senhores, são o foco da mais nobre emulação, e esta tem excitado esses genios raros, que com suas grandes descobertas têm posto em movimento



enormes sommas de cabedal, com a creação de novas industrias e com grandes modificações introduzidas nos processos de outras, de que resultam novos proveitos, e com estes maior abundancia de commodidades para a vida.

Pela constante preseverança nas experiencias consegue o homem apoderar-se dos mais reconditos segredos da natureza, e depois de conquistar-lhe esses thesouros de inexaurivel riqueza, procura, a seu bel prazer, transformar os seus productos para utilizar forças immensas, antes perdidas e dispersas na natureza, já no ar, já na agua e já na terra. No sentir de um auctor moderno, os mais admiraveis inventos do engenho humano no nosso seculo são, sem contradicção, a viação ferrea e telegraphia electrica.

E com effeito, senhores, elles são o magico condão da felicidade das nações, porque absorvem e annullam as distancias, economisam o tempo e os braços, e descaptivando assim estes dois grandes capitães, vão por meio da mais fertil acção levar como de improvisa a prosperidade e a civilisação a todos os povos, ainda aos menos credulos no poder magico das sciencias.

As montanhas cortam-se, os rios e os mares communicam-se, o pensamento communica-se instantaneo, a presteza, a celeridade e a perfeição assignalam hoje a existencia das sociedades e o completo triumpho das sciencias.

A agricultura, o commercio, a industria e todo o genero de communicação, tudo emfim experimenta uma prodigiosa transformação pela poderosa iniciativa d'estes irresistiveis reformadores que remoçam e embellezam todos os paizes onde chegam, fazendo-lhes saborear as commodidades da civilisação moderna.

Quando os gosos da intelligencia se tornaram uma necessidade, a civilisação creou um mundo ideal, a que chamou sciencia, e que os antigos gregos e romanos denominavam sabedoria, reverenciando-a como dom da *Divindade!*

As sociedades scientificas portanto são a omnipotencia terrestre, porque n'ellas reside o principal dom dos mila-

gres, e é n'isto que consiste a grande differença que separa a civilisação moderna da que lhe antecedeu.

Ora se tantos e tão apreciaveis são os serviços que as sciencias prestam á humanidade em geral, de quanto maior transcendencia não são os que lhe prestam, quando enferma, as sciencias medicas, de que a pharmacia faz parte essencial, cada uma em seu ramo especial, procurando á porfia qual ha de descobrir, colher e fazer conhecer os melhores meios de restituir á saude e conservar esse bem de incalculavel valor, a vida!

Hoje, senhores, celebrámos a vigesima setima sessão anniversaria da sociedade pharmaceutica lusitana! Dia duas vezes memoravel para nós: como cidadãos, por ser anniversario do ingresso da liberdade n' esta bella capital, e como pharmaceuticos, por ser a primeira vez que n'este paiz esta corporação se constituiu em sociedade scientifica.

Salve, ó dia de eterna gloria! Tu quebraste as algemas que nos roxeavam os pulsos, como cidadãos, e desthronaste a prepotencia que nos opprimia como pharmaceuticos!

Felicitemo-nos, senhores, pela honrosa duração d'esta prestante sociedade e pelo nunca interrompido exercicio de suas laboriosas funcções, aindaque através das maiores difficuldades, mas de que sempre tem sabido triumphar, pela boa vontade e constante dedicação de seus illustrados membros, saber e prudencia de eximios cavalheiros que a têm gerido durante o já longo periodo da sua existencia.

Regosijemo-nos pois por esta nunca interrompida duração e pela continuação que a sua actual posição nos afiança de futuro, e pelo muito que a sciencia e a humanidade lhe devem já, e que ainda lhe deverão no correr dos tempos.

Senhores! O fertil espirito da associação no nosso paiz chegou primeiro á vossa classe do que a muitas outras; foi ella uma das primeiras que deu tão nobre exemplo, constituindo-se em sociedade apenas a liberdade raiou no nosso bom solo, animados todos os seus illustres fundadores d'aquella febre salutar que tem revolido o mundo scientifico, politico e lit-

terario, e que tem produzido as mais importantes descobertas em toda a parte do mundo, aonde a espantosa alavanca da liberdade tem chegado.

É pois uma verdade incontestavel que o vosso caracteristico distinctivo é o espirito da associação, porque, repetimos, vós fostes dos primeiros que n'esta terra se constituíram em sociedade scientifica, o que vos honra tanto mais, quanto é sabido e notorio que as sociedades scientificas são a fonte inexgotavel das maravilhas do homem, em cujo quadro se inclue a pharmacia, que como sciencia tem tanto senão mais direito do que as outras artes uteis á consideração dos governos e do publico, e isto tanto mais quanto seus serviços são de maior e mais transcendente utilidade publica.

Desculpae, senhores, se eu me esqueço da minha insufficiencia para o logar que occupo e a que talvez dê causa a ufania de que me deixei possuir, em sentar-me n'esta cadeira, e poder do alto d'ella annunciar-vos, sem receio de ser contrariado, que, como sociedade, tendes conseguido já o que não seria dado obter a milhares de individuos isolados, por mais sabios e activos que fossem.

Lançaes um rapido golpe de vista sobre a historia da sociedade, e notareis com satisfação progressos de não pequena valia, devido tudo á vossa constante dedicação, ás vossas fadigas, ao vosso desvelado zêlo e amor pela sciencia.

Já tendes conseguido melhorar em parte a instrucção pharmaceutica, destruindo alguns abusos.

Tendes adquirido muito maior reputação scientifica, e mais consideração publica.

Creastes e tendes sustentado, sem nenhuma interrupção, um jornal scientifico, todo fructo das vossas vigalias, e cujas paginas attestam os importantissimos serviços prestados ao estado pela sociedade.

Tendes estabelecido uma fertilissima correspondencia litteraria com grande numero de sociedades scientificas, nacionaes e estrangeiras.

Com estes nobres exemplos tendes desenvolvido uma emu-

lação digna, por certo, dos maiores elogios, porque é a ella que se deve a expansão de abafadas luzes, que o obscurantismo deprimia.

Não vos é estranho, senhores, que em todos os paizes onde os governos cuidam sollicitos na instrucção e bem estar dos seus administrados, a pharmacia é devidamente considerada, porque a taes governos importa muito a saude dos povos, e não menos o progresso das sciencias, e com muita especialidade a pharmacia, para ensino da qual têm elles decretado preparatorios em larga escala, que juntos a outros ramos scientificos accessorios de pharmacia, possam dar ao alumno o preciso desenvolvimento, sem o que o resultado é sempre acanhado e demasiadamente rachitico.

É uma verdade axiomatica que a pharmacia recebe materiaes de todos os seres da natureza, e por isso lhes são indispensaveis vastissimos e profundos conhecimentos dos tres reinos naturaes; d'esses interessantissimos conhecimentos philosophicos, tão uteis á sciencia como encantadores para a alma do verdadeiro philosopho observador; assim, por exemplo:

Quando as nossas indagações têm por objecto descortinar o ameno campo da natureza, sentimos renascer em nossa alma aquella idéa de grandeza que é inseparavel da *Divindade!*

Quando tratámos de estudar isoladamente os seres, surprehende-nos o seu admiravel organismo, a multiplicidade de suas funcções e a immensa variedade que n'elles observamos!

Quando tratámos de investigar as relações que entre si têm, a nossa admiração duplica ao contemplar o magnifico espectáculo que se apresenta á nossa vista!

Quando julgámos encontrar um ser qualquer independente, e até certo ponto completamente isolado, no meio d'esse immenso pelago de creaturas, é então quando o encontrámos tão intimamente ligado com tudo quanto o rodeia que nos vemos obrigados a considera-lo como uma das chaves

da cadeia universal, uma peça perfeitamente ajustada ao grande mosaico da criação!

A complicadissima obra d'essa immensidade de seres, diz o nosso distincto litterato Mousinho de Albuquerque, nada é obra do acaso, tudo obedece á causa das causas! Á fonte do grande ser, que obra perpetuamente do alto dos céus, d'onde contempla a execução da sua magestosa obra!

O mais leve atomo que o vento agita, bem como o orbe gravitante que alumia o espaço, tudo é regido por leis sabias, constantes e invariaveis.

A esta surprehendente maravilha da criação devemos ajuntar, para admirar mais ainda, a singeleza e perfeição das leis a que o grande auctor submetteu toda essa immensidade de seres ligados por ellas a uma necessidade e mutua dependencia, sendo todos por seu turno, ora causa, ora effeito; o que nos auctorisa, não a suppor, mas a asseverar que essas pequenas creaturas que o homem estranho á sciencia julga insignificantes, não são atomos que a esmo venham pousar sobre as rodas da machina do mundo, ao contrario, ellas são outras tantas rodas que contribuem igualmente para a regularidade do movimento.

Desde o homem até o mais insignificante zoophyto, desde o mais corpolento gigante do reino vegetal, até á mais insignificante relva, que apenas tapisa os prados, tudo é regido por leis sapientissimas e irrevogaveis, e, se assim não fôra, tambem é opinião nossa, que a existencia dos seres ficaria á mercê de novas combinações, e então as obras do Creador confundidas com as dos homens!

O conhecimento d'essa immensa e variada profusão de seres é da mais alta importancia para o pharmaceutico digno d'este nome, para bem e fielmente desempenhar quanto lhe é dado, não só em relação á sciencia que professa, como tambem para bem comprehender a harmonia do todo e as partes que compõem esse vastissimo conjuncto, sem o que mal poderá conceber a harmonia universal.

Mas para adquirir este complexo de conhecimentos philo-

sophicos são indispensaveis e rigorosamente necessarios os cursos completos de physica, de chimica e historia natural dos tres reinos. Vamos demonstra-lo.

Precisa:

Da physica, para adquirir o mais perfeito conhecimento das propriedades geraes e permanentes dos corpos e dos phenomenos que elles apresentam sob a acção de causas passageiras, susceptiveis de estender essa mesma acção a distancias apreciaveis, e que desaparecem com a cessação d'essas mesmas causas que os produziu, das leis que os regem, das causas e circumstancias que os acompanham, que os produzem e se lhe seguem;

Da botanica, para adquirir os meios e regras para conhecer os vegetaes, por meio dos seus caracteres distinctivos, com brevidade, certeza e facilidade, descrevendo-os fielmente por meio da photographia, e chegar finalmente ao mais perfeito conhecimento organographico, anatomico e physiologico d'estes seres tão interessantes á materia medica;

Da zoologia para pelos meios anatomicos, physiologicos e organologicos, ora simples, ora comparados, adquirir o mais exacto conhecimento do quadro geral dos animaes que povoam a terra; as suas especies, qualidades, virtudes e propriedades medicinaes;

Da mineralogia, para conhecer e differenciar os mineraes pelos seus caracteres externos, propriedades geraes e accidentaes, meios e regras para os reconhecer nos seus differentes estados, e discrimina-los quando confundidos na natureza com outros productos mineralogicos.

Precisa da chimica, finalmente, d'esse prototypo das sciencias naturaes, para bem e profundamente conhecer e avaliar aquellas mudanças que provém de causas cuja acção é nulla a distancias apreciaveis, e que se exerce entre as molleculas componentes dos mesmos corpos, e cujos effeitos permanecem ainda mesmo depois da cessação da causa que os produziu e fez adquirir novos caracteres e propriedades, contemplando e seguindo a natureza na parte mais intima e de-

licada de suas obras, indo buscar os atomos imperceptiveis á vista e ao tacto, crear meios que lhes indiquem a sua natureza, caracteres que lhe afiancem a sua identidade. Surprender esses mesmos atomos na sua acção reciproca, assistir, por assim dizer, ao nascimento e formação dos corpos, e pôr em evidência a sua composição intima, fixando a especie, o numero e a natureza dos elementos que o constituem, em harmonia com as sabias doutrinas que ao mundo scientifico legaram os celebres chimicos Lavoisier, Scheel, Priestley e outros.

Já por muitas vezes, senhores, se vos tem fallado d'este mesmo logar da união da pharmacia com a chimica, e se provou até á evidencia que os pharmaceuticos não eram simples mercadores, e vós muito bem sabeis que a philosophia chimica nasceu da composição dos medicamentos, bem como não ignoraes que a pharmacia é uma sciencia que abrange vastissimos conhecimentos, e que por isso se não pôde separar das sciencias naturaes sem lhe destruir a essencia.

É verdade que antes das theorias de Stahal, Charas, Glauber, Kunckel e Lemery só tratavam do aperfeiçoamento da pharmacia; mas Geoffroy, Cadet, Macquer e Beaumé trataram tanto do aperfeiçoamento da pharmacia como da chimica, e quando esta ultima sciencia tomou maiores dimensões, Lavoisier, Priestley, Chaptal, Guiton e Bertholet tentaram separa-las, mas debalde, porque lá vieram à *posteriori* as famosas doutrinas de Vanquelin, de Pelletier, de Bayen, de Parmantier, Doyenex e Prust, que tornaram a apertar para sempre os laços fraternaes d'estas duas inseparaveis irmãs, e com justissimos fundamentos, porque ellas não são senão ramos de um mesmo tronco, a mesma origem as nutre e fortifica, e no desenvolvimento de uma está o aperfeiçoamento da outra; ambas se prestam mutuo apoio, e é d'esta intima união que a pharmacia tira os seus maiores laureis de gloria.

Quando o homem da sciencia conheceu que por meio d'ella não só gosava, como tambem já tinha conseguido os meios de suavisar a dor que physicamente o affligisse, tratou tam-

bem de indagar quaes as relações em que estava com o terreno que habitava, e que causas poderiam contribuir, mais ou menos, directa ou indirectamente para o seu bem estar.

Depois de muitos ensaios a experiencia veio provar-lhe que o seu estado physico, a moral, a sua intellectualidade, os males que amarguravam a sua vida publica ou particular, as glorias ou adversidades da sua patria ou familia, as aguas e os locaes das habitações eram causas que juntas ás condições orographicas e geologicas do respectivo solo contribuiam poderosamente para o seu melhor ou peor estado de saude, bem como para o seu mais ou menos prompto desenvolvimento physico-intellectual.

Já um famoso orador romano reconheceu estas verdades, quando comparou os habitantes de Carthago, physica, moral e intellectualmente, com diversos povos da Italia! O grande Tasso assim o indica na sua *Jerusalem libertada*, e o veneravel Hypocrates no seu immortal *Tratado de ares, aguas e logares*, estabeleceu preceitos que ainda hoje são objecto de admiração dos sabios, por sua importancia hygienica e porque ainda agora mesmo seguiam por elles nas indagações d'esse variadissimo oceano dos systemas.

Quando o observador assim se achava entregue á contemplação d'esse variadissimo theatro da natureza, occupado unicamente dos seres terrestres, e em satisfazer ás necessidades physicas de primeira ordem, foi chamado pelo genio da civilisação, sempre incansavel em seus progressos, a levantar tambem para o céu seus olhos indagadores!

Ei-lo de novo surprehendido ao divisar esse admiravel painel, que tantas vezes vira sem reflexão, nem lhe ligar a devida importancia!

Ahi observa essa immensa abobada celeste marchetada de brilhantes astros; de innumera quantidade de mundos luminosos, que a sabia mão da omnipotencia disseminára no indefinido espaço! Contempla-os, estuda-os e descobre a regularidade dos seus movimentos; classifica-os pelas suas grandezas, e acha que as orbitas são proporcionaes ás massas e



reciprocas aos quadrados das distancias; que o sol é o ponto fixo da natureza, e que todos os outros corpos celestes se movem á roda d'elle! Continua percorrendo a atmosphaera, estuda os meteoros e as suas causas, discrimina os gazes de que ella se compõe, as leis que regem o ambiente que circumda o globo terraqueo, estabelece os preceitos e cria as leis por que deve guiar-se no estudo dos corpos inertes, as suas differentes qualidades e especies; e finalmente para operar novas transformações não esqueceu crear tambem a crystallographia e a oryctonisia.

Oh! Virtude sublime! Quão espantosos e caracteristicos são os seus effeitos!

Mas oh! Senhores! Onde me conduz o meu enthusiasmo!

Acaso possuímos nós os elementos necessarios e indispensaveis para dotarmos os nossos alumnos com essa avultada somma de conhecimentos que a sciencia reclama, e que só poderiam ser obtidos com a precisa e indispensavel regularidade em aulas especiaes e proprias, cuja criação o governo nos nega? Não, mil vezes não!

Pois não poderão responder-nos, que é porque se não dão exemplos d'esta ordem, porque estes effectivamente se dão nas nações mais adiantadas na civilisação do que nós.

Consulte-se a sua respectiva legislação, e ver-se-ha que ali a pharmacia é considerada a par dos outros ramos medicos, que os alumnos pharmaceuticos são obrigados a passar pelo crisol dos mais rigorosos exames de preparatorios, que muito os habilitam para os subsequentes estudos da sciencia e que dão sempre os melhores resultados ainda no mais obcecado entendimento, e só com taes habilitações é que são admittidos aos estudos da sciencia, mas em aulas especiaes, onde esta se estuda em cursos regularissimos, e assim mesmo só depois de mostrar que têm o grau de bacharel em letras é que o alumno pôde obter o diploma de pharmaceutico legal, com o qual fica desde logo como qualquer dos outros ramos medicos habilitado para abrir o seu laboratorio em qualquer

parte da respectiva nação, sem mais dependencia de auctoridade ou licença de alguém.

Pelo que deixámos referido se póde claramente inferir que a nossa crença, a nossa escola e as nossas doutrinas são e serão sempre que os pharmaceuticos sejam o mais possivel instruidos.

Dir-se-ha, talvez, que são demasiados tantos sacrificios para tão insignificante retribuição, mas nós responderemos a taes argumentos, que estes são só proprios de quem ignora que quanto mais instruidos elles forem, tanto mais respeitaveis e necessarios se tornarão, e que a humanidade enferma encontrará n'elles maior somma de recursos para suavisar os males que a affligem, e as nações tambem muito lucrarão com isso, porque da saúde de seus membros, em geral, resulta sempre para ellas um grande elemento de prosperidade.

N'aquellas nações ha leis que, como sabeis, garantem aos pharmaceuticos seus fóros, indemnidade e recompensas litterarias, quando por sua distincção o merecem, concedendo-lhes os graus de licenciado, bacharel, doutor, etc., sendo esta a causa que tanto tem contribuido para que a sciencia abi tenha tido tão espantoso incremento em nossos dias, marchando sempre a par, se não adiante dos outros ramos da sciencia de curar.

Em tempos mais remotos a pharmacia n'este paiz tambem chegou ao nivel das necessidades que a sciencia então reclamava, devido tudo á illustração e civismo dos monarchas d'aquelles tempos, que se davam ao trabalho de conhecer das necessidades dos povos, e entenderam sempre que d'esta classe bem illustrada resultavam grandes beneficios aos seus administrados!

E vós, senhores, muito bem sabeis, escusado é dizerlo, quaes foram as causas que nos fizeram retrogradar á infancia!

Mas essa borrasca destruidora passou, aniquilou-se!

E vós, ó nobres e esforçados cavalheiros, fundadores d'esta

sociedade, fizestes-lhes as honras funebres faz hoje vinte e sete annos!

Ainda uma outra vez o repetimos, em tempos que ainda não vão longe, vós o sabeis, a pharmacia entre nós foi milhares de vezes mais privilegiada, attendida e favorecida do que os outros ramos. E quem ousará pôr em duvida que ao pharmaceutico são necessarias mais habilitações scientificas do que áquelles?

Mas agora perguntaremos a nós mesmo: e poderão estas habilitações obter-se com a precisa e indispensavel regularidade e aproveitamento, da maneira e pela fórma por que os estudos pharmaceuticos estão organisados na actualidade?

A nossa opinião é negativa, porque entendemos que taes estudos só e unicamente podem obter-se convenientemente ampliados em escolas proprias e especiaes d'estas disciplinas.

É innegavel, senhores, que ao pharmaceutico são indispensaveis e rigorosamente necessarios, alem das mathematicas, os cursos completos de physica, de chimica, botanica, mine-  
rologia, zoologia e materia medica propriamente pharmaceutica.

Ora, sendo indispensaveis, como deixámos referido, todas estas habilitações, porque só por meio d'ellas se póde chegar ao verdadeiro conhecimento e apreciação dos phenomenos e das variadissimas reacções que nos offerecem os corpos uns sobre os outros, como podem, dizemos nós, ser adquiridos taes conhecimentos senão estudando magistralmente as qualidades dos corpos, a sua natureza e os methodos analyticos e syntheticos?

Os nossos collegas de Londres, Hamburgo, Paris e de S. Petersburgo, ajudados pela protecção superior dos seus respectivos governos, fundaram sociedades como esta, que promettem indefinida duração e de que tanto proveito tem tirado a sciencia, como a humanidade enferma.

E sereis vós, pharmaceuticos portuguezes, menos aptos para a cultura da sciencia do que aquelles?

Só o suppo-lo seria um crime imperdoavel! Mas tem esta

sociedade gosado a protecção que áquelles nunca faltou? Com grande magua o dizemos, não!

E resta-nos ainda ao menos alguma esperança de obtermos o que de justiça se nos deve, e que ha tantos annos e com tanto fundamento pedimos? Só o tempo o decidirá.

Qual será pois a causa de tanto desprezo por uma sociedade d'esta ordem, que com tão justificados motivos pede a criação de uma escola especial de pharmacia?

Porventura será, porque o governo se não quer prestar a incluir no orçamento mais uma pequena verba para a sua criação?

Ignorámos qual seja a causa, mas a ser esta, diremos que não ha razão nenhuma de conveniencia attendivel que justifique esta má vontade, porque muitas e avultadissimas despesas se fazem em cousas de nenhuma ou insignificantissima utilidade publica, para as quaes ha toda a facilidade em propor as respectivas sommas, e nenhuma difficuldade em as approvar sem maior reflexão nem exame.

Ignorará acaso a auctoridade que nós importámos do estrangeiro avultadissimas quantias de preparados, em troco do numerario que por elles nos levam, e que isto nunca aconteceria se a esta honrosa, mas pouco feliz classe, se concedessem os meios de instrucção e a protecção que pede, o que áquelles nunca faltou?

Creemos que ninguem contestará esta verdade, e a quem ousar po-la em duvida responderemos que Alexandre, por ignorante do paiz que pisava, perdeu o seu exercito quasi todo nos areaes da Gerdosia, onde nvens de pó, um sol ardente e o intenso frio das noites o destruíram em tres dias, emquanto que os antigos habitantes da peninsula hespanica, melhor conhecedores da topographia do seu paiz, conseguiram que as serras cantabricas, a serra nevada e as planicies aridas e elevadas das duas Castellas contribuissem mais ainda do que o valor dos seus batalhões para ali conterem os exercitos ismaelitas, fanaticos pela crença e rudes por natureza!

Ah! Senhores! Que mesquinhas vistas de interesse publico

poderão aconselhar a continuação de tão inaudito desprezo por esta sociedade, por uma classe inteira?

Que conveniencia resultará ao governo de continuar a manter e apoiar a falta de instrucção em individuos que rejeitam, detestam, odeiam e repellem a ignorancia, e que em troca pedem, querem e ambicionam a maior latitude no seu ensino?

Que proveito tirará, repetimos nós, de affrontar a razão, negando-se a um deferimento favoravel á pretensão d'esta sociedade, que ha tantos annos, e com tão justificados fundamentos, pede a creação de uma escola especial de pharmacia, onde os seus alumnos adquiram a somma de conhecimentos com que, a exemplo d'aquelles que possuem estes meios, possam um dia offerecer á sua patria o suffragio das suas fadigas litterarias, o penhor da sua maior gloria?

É muita infelicidade nossa, senhores, e em nosso entender é maior ainda o ser pharmaceutico n'esta terra.

Que ignominia para o nosso seculo, em que as letras tanto têm avençado em sua magestosa carreira!

Só n'este paiz se nota esta má vontade, esta indifferença e falta de excitação para o aperfeiçoamento de uma sciencia cujos destinós parece estarem ainda á mercê do mais ferrenho obscurantismo.

São na verdade grandes os males que affligem as classes medicas em geral, mas com especialidade os que pesam sobre a pharmacia, e todos elles provém immediatamente do descuido e falta de protecção das auctoridades superiores; e para não faltar á verdade elles têm sido sobremaneira aggravados pela infeliz desunião das tres classes, o que nunca aconteceria se ellas tivessem sabido respeitar-se reciprocamente; e ainda agora se se podesse conseguir vê-las unidas, como sempre deveriam ter vivido, muito aproveitaria isso aos tres professorados; porém esta, mais que tudo necessaria união, difficilmente poderá conseguir-se, porque em qualquer das classes dão-se pretensões exageradas.

Mas para fazer bem, e arrepende de ter praticado o mal, nunca é tarde, senhores!

Respeitemos os outros, para que nos respeitem, e n'isso estará tudo!

Deixem-se os exagerados de sustentar caprichos de superioridade de uma ou outra classe para interesses facultativos iguaes, e entendam, como nós entendemos, que, se uma d'estas sciencias é grande e philosophica, se é amiga da humanidade, se leva a consolação ao triste e a saude ao doente para junto do leito: philosophica, sublime e grande é tambem a outra, porque todas com igual esmero contribuem para enxugar as lagrimas inherentes ao leito de dor!

Todas juntas são o balsamo que cicatriza profundas feridas, e como irmãs têm iguaes obrigações a cumprir, conspirando unidas para demorar por algum tempo mais a tremenda exactão universal que a providência exige de todo o ser vivente, procurando restituir a saude ao seu semelhante, o mais apreciavel de todos os bens terrestres, poisque igual é o dever de todas, igual é a sua missão e igual é tambem a sua historia!

As tres profissões, senhores, têm prerogativas que ninguém lhes pôde disputar. São igualmente dignas e independentes para se gerirem a si.

Nenhuma d'ellas necessita do predominio da outra para estabelecer categorias em igualdade de circumstancias, nem é humanamente possivel que alguma tolere a tutela da outra.

Já é tempo, senhores, de acabar com essas odiosas supremacias, dando a todas igual consideração, fazendo consistir as distincções só e unicamente no saber, na virtude e no merito, como é de lei e de eterna justiça!

E vós, senhores, que tendes tido tanta paciencia, lutando com tantas difficuldades, sem nunca desanimar, redobrae vossos esforços e continuae no vosso nobre empenho, tão magestosamente começado e com tanta coragem seguido e sustentado, e um dia as vossas fadigas serão coroadas!

Estreitae cada vez mais os laços que vos ligam, e assim unidos formareis um quadrado invencivel aos ataques do vosso cobarde, mas traiçoeiro inimigo!

Nem sempre a má estrella vos ha de perseguir! Os homens,

bem como as cousas, succedem-se e com o volver do tempo modificam-se as crenças e variam as formulas; e o Ente Supremo, á vontade do qual tudo se move, e que sempre tem velado pela vossa conservação, deparará um dia quem vos faça a justiça que de direito incontestavel se vos deve e que nunca cessareis de reclamar e pedir até conseguirdes entregar a pharmacia, a vossa predilecta, a si propria, ás suas unicas forças, desannexando-a dos outros ramos medicos, que longe de a auxiliarem em suas tão nobres quão louvaveis aspirações, só lhes servem de empecilho, sem motivo apreciavel que tal opposição justifique.

Senhores! Longo vae já o meu fastidioso e mal alinhado discurso, eu vou terminar; mas antes d'isso permitti que eu continue por mais um pouco a abusar da vossa provada paciencia, chamando a vossa attenção para um outro objecto, que tambem é obra vossa e que só da vossa vontade e concorrência do maior numero depende a sua continuação, o seu augmento e prosperidade!

Quero fallar-vos do monte pio pharmaceutico! Eu bem sei que o dia é solemne e de jubilo para esta sociedade, e por isso eu não deveria, talvez, lembrar-vos, menos ainda procurar penetrar esse profundo abysmo de miserias insondaveis a que fica sujeita a innocente orphandade e a viuvez quando o chefe lhes falta; mas nós aqui todos somos irmãos, eu devo ser franco, e já que tenho a fortuna de vos ver reunidos, vou pedir-vos que não esquecaes a obrigação que vos impõe o sagrado dever de chefes de familia, o cumprimento do preceito divino que esta sociedade teve em vista quando creou esta bella instituição!

Eu bem sei que os tempos são maus, que as circumstancias são pessimas para todos, e que sobre a classe pesam difficuldades insuperaveis; mas, senhores, quando Deus cria o homem e lhe marca o destino sobre a terra, quer sempre que elle viva associado e em communitade com os seus semelhantes, e que mutua e reciprocamente se soccorram uns aos outros.

Cumprámos pois o preceito divino, estreitemos cada vez mais os laços da nossa fraternidade e convidemos os nossos collegas de toda a parte do reino, que ainda nos não pertencem, a virem alistar-se nas fileiras d'esta sociedade e nas do monte pio, que se prestem e venham com o seu contingente coadjuvar o augmento e progresso d'esta santa instituição, d'este grande pensamento philosophico, d'este dogma de todas as religiões, d'este sublime e elevado principio de direito natural; principio coevo com a nossa existencia, gravado em todos os corações; preceito moral, hoje mais que nunca, proclamado em todas as sociedades do mundo conhecido e entre as mesmas familias, desde a mais humilde choça até ao mais sumptuoso lar!

Virtude sublime e divina! Moral santa, que inspira na modestia heroismos de prodigio e merito, sem as aclamações ruidosas da multidão que já hoje só o fanatismo celebra com galas e festejos! Caros collegas e amigos! Não consintaes que tão philosophica instituição se defina por falta da vossa concorrência, não consintaes que a vossa viuva infeliz e innocentes orphãos fiquem á mercê do distrahido passageiro, mendigando d'elle a migalha de pão diario! Não consintaes, caros collegas, que taes scenas se realizem.

Procurae por todos os meios ao vosso alcance evita-las. Se não podeis assegurar-lhes um futuro de venturas, procurae ao menos evitar-lhes tão dolorosas, tão duras humiliações; vinde todos depositar n'este pio estabelecimento, annualmente, o possivel producto das vossas economias, e com o que tambem grangeareis o bom nome de virtuosos bemfeitores da humanidade desvalida! Disse.

### VARIEDADES

**Reactivo muito sensivel do enxofre.**—Segundo o sr. Schlosberger, uma dissolução de molybdato de ammonia no acido chlorhydrico, diluido de agua, *azula* em presença dos vestigios de enxofre. Por este meio reconhece-se a presença d'este metalloide até em um cabelo.



## PHARMACIA

## EFFEITOS THERAPEUTICOS DA AGUA OXYGENADA

O sr. Richardson assegura que o peroxydo de hydrogenio é utilissimo no rheumatismo, tanto chronico como agudo; que com a applicação tem paliado efficazmente a dispnea, e nos casos de affecções valvulares do coração acompanhadas da congestão pulmonar; que dissipa os enfartes escrofulosos e ganglios lymphaticos tão promptamente como o iodo, que no enfarte inflammatorio dos ganglios mesentericos anima as funcções digestivas e favorece a tolerancia do oleo de figado de bacalhau e do ferro, e na ictericia tem sido de grande utilidade, activando a digestão e as secreções. Produz, falla o mesmo auctor, um excellente effeito na coqueluche, diminuindo os accessos da tosse com maior rapidez do que qualquer outro medicamento, exceptuando a mudança de ar. Alguns atacados de bronchite chronica com accessos asmaticos experimentam com a sua applicação promptos allivios.

Não possui porém propriedade alguma especifica contra a anemia, mas communica aos ferruginos uma effiacia muito maior no tratamento d'este estado morbido, bem como no tratamento das primeiras phases da tísica pulmonar, exercendo além d'isso uma acção muito vantajosa sobre as funcções digestivas, e no ultimo grau de tísica diminue muito a oppressão, ordenando, segundo o auctor, á maneira do opio, com a vantagem de não produzir narcotismo.

O peroxydo de hydrogenio é de uma applicação dolorosissima na laringite chronica; é porém impotente contra o cancro, e na diabete augmenta a secreção urinaria, diminuindo sua densidade.

O melhor methodo para preparar o peroxydo de hydrogenio é o do sr. Thenard (acção do acido chlorhydrico sobre o peroxydo de bario); e ajunta mais o auctor, que uma solução

de dez volumes de hydrogenio é a fôrma mais conveniente que pôde empregar-se.

Administra-se de 1 oitava até  $\frac{1}{2}$  onça, em uma quantidade determinada de agua, á qual se não devem juntar outras substancias activas.

F. J. R. LOUAINO.

(British medical journal.)

#### TRATAMENTO DAS ULCERAS DAS PERNAS

O sr. Desmalines diz que o meio melhor consiste na compressão por meio de tiras aglutinantes preparadas com o seguinte emplastro:

Cera branca . . . . .	100 grammas
Emplastro rezinoso . . . . .	500    "
Pedra calaminar preparada . . . . .	60     "

Misture.

As prescrições, diz elle, para a applicação d'este medicamento consistem em:

1.º Limpar as ulcers perfeitamente e desembaraça-las das crostas que tenham, por meio de cataplasmas emollientes, simples ou regados com acetato de chumbo liquido ou laudano, havendo dores.

2.º Reprimir as carnes fungosas por meio do nitrato de prata, collocando a ulcera em estado de não precisar dos emollientes e serem superfluos os excitantes.

3.º Depois procede-se á applicação das tiras, de modo que circunde a perna, comprimindo moderada e uniformemente.

As tiras devem ser de 2 a 2  $\frac{1}{2}$  centímetros de largo e de comprimento sufficiente para ligar toda a perna. A parte centrica das mesmas se applicará á parte posterior ou opposta ao ponto em que reside a ulcera. Cada uma deve cobrir dois terços da outra.

4.º Para evitar o edema empregar-se-ha uma ligadura circular desde os dedos até ao Joelho.

F. J. R. LOUAINO.

(El siglo medico.)

## QUÍMICA

## PREPARAÇÃO DOS IODURETOS DE CALCIO, DE BARIO E DE LITHIO

PELO SR. LIEBIG

Empregue-se 1 onça de phosphoro amorpho em pó e 4 onças de agua, e junte-se pouco a pouco 20 onças de iodo, que se misturará com o phosphoro debaixo de agua por meio de uma vareta de vidro.

A dissolução adquire uma côr trigueira, que desapparece á medida que o phosphoro se dissolve, cuja reacção se pôde activar aquecendo a mistura a calor de banho-maria.

Quando a dissolução se torna clara separa-se do pequeno excesso de phosphoro que se não dissolveu e depositou, e se satura com a baryta, até dar ao liquido uma ligeira reacção alcalina; a dissolução meio saturada espessa-se por meio do phosphato de baryta que se forma. Quando a saturação está completa filtra-se e lava-se o precipitado de phosphato barytico retido no filtro.

O liquido filtrado contém iodureto barytico, que durante a evaporação se combina com o acido carbonico do ar, e se precipita, o que tambem se pôde conseguir pela cal.

É facil por meio das dissoluções do iodureto de bario ou de calcio obter o iodureto de lithio, decompondo-as pelo carbonato de lithina.

Pôde tambem empregar-se o phosphoro no estado ordinario em lugar do referido amorpho; a reacção então se verificará mais promptamente e até com certa violencia. No fim da operação o phosphoro empregado encontra-se no estado amorpho.

É evidente que a dissolução incolor assim obtida é formada por uma mistura dos acidos iodhydrico e phosphorico. Deve ter-se cuidado de juntar a esta dissolução um pequeno excesso de iodo para a colorir em amarello ligeiro, em termos a evitar a formação do acido phosphoroso.

Para sete partes de iodo empregado devem tomar-se duas de carbonato de lithina, finamente pulverisado e hydratado; a reacção é bastante lenta e só depois de vinte e quatro horas se completa a decomposição dos ioduretos pelos carbonatos.

Tambem póde obter-se saturando directamente com o carbonato de lithina a dissolução que contenha os acidos iodhydrico e phosphorico, porque o phosphato de lithina se precipita. Este ultimo sal póde transformar-se em iodureto, juntando-lhe algumas gotas de acido sulphurico e iodureto de bario; o excesso d'este ultimo é decomposto por uma dissolução de carbonato de lithina.

Não é indispensavel saturar completamente a dissolução acida pela baryta ou cal; quando ha possibilidade de a dividir em duas partes convem mais satura-las separadas e depois mistura-las; a quantia notada de baryta ou de cal é sufficiente para saturar todo o acido phosphorico.

Decompondo os ioduretos de calcio ou de baryta pelos carbonatos de soda ou de potassa puros obtém-se os ioduretos muito puros, o que não póde ter logar quando se opera pelo methodo em que se emprega o ferro.

F. J. R. LOUZEIRO.

(Repert. de chim. applic.)

## DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

CHRONOLOGIA DE TODAS AS LEIS, ALVARÁS,  
DECRETOS, PORTARIAS, EDITAES, ETC., RELATIVOS AOS PHARMACEUTICOS  
DESDE A FUNDAÇÃO DA MONARCHIA PORTUGUEZA  
(Continuação do tomo 2.º da 4.ª serie, pag. 182)

N.º 265

PORTARIA DE 27 DE JUNHO DE 1862, MANDANDO REGULAR A ADMISSÃO  
AOS EXAMES DOS ALUMNOS PHARMACEUTICOS DE SEGUNDA CLASSE

Tendo sido presente a Sua Magestade El-Rei o requerimento de Joaquim Augusto Mendes Pedroso, filho de José Mendes da Costa Pedroso, natural de Santarem, pedindo ser admittido aos exames a que são obrigados os alumnos pharmaceuticos de segunda classe, pelo artigo 11.º da carta de lei de 12 de agosto de 1854, sem ter de passar pelos exames

de precedencia necessarios aos estudantes estranhos aos lyceus, na conformidade do artigo 58.º do decreto regulamentar de 10 de abril de 1860; e attendendo a que o supplicante mostra ter mais de oito annos de boa pratica pharmaceutica; attendendo a que a disposição, contida no artigo 11.º da lei de 12 de agosto de 1854, teve por fim legislar a respeito de uma classe de alumnos que se acha em condições especiaes: ha por bem o mesmo augusto senhor mandar declarar que os alumnos de segunda classe podem ser admittidos aos exames que lhes são determinados pelo artigo 11.º da lei de 12 de agosto, independentemente dos de precedencia a que se refere o artigo 38.º do decreto de 10 de abril de 1860; devendo as certidões d'aquelles exames conter a clausula expressa de poderem só ser valiosos para os effeitos do mencionado artigo 11.º da lei citada.

O que assim se participa ao commissario dos estudos, reitor do lyceu nacional de Lisboa, para seu conhecimento e execução.

Paço, em 27 de junho de 1862.— *Anselmo José Braamcamp.*

(Diario de Lisboa, n.º 149 de 1862)

N.º 266

DECRETO DE 23 DE JULHO DE 1862, REGULANDO OS QUADROS DOS EMPREGADOS DE SAUDE DAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

Usando da faculdade concedida pelo § 1.º do artigo 15.º do acto adicional á carta constitucional da monarchia;

Depois de ouvido o conselho ultramarino e o de ministros; hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Os quadros dos empregados de saude das provincias ultramarinas, estabelecidos no decreto de 11 de dezembro de 1851, os vencimentos e as graduações militares dos mesmos empregados serão regulados conforme a tabella que faz parte integrante d'este decreto.

§ unico. Aos empregados do quadro de saude do estado

da India, que servirem em Timor, se abonarão os vencimentos designados para os que residirem nas provincias de Africa.

Art. 2.º No provimento dos logares dos quadros de saude das provincias ultramarinas continuará a observar-se a legislação vigente.

Art. 4.º Os facultativos e pharmaceuticos, pertencentes aos quadros de saude do ultramar, têm direito a ser reformados com o soldo por inteiro, quando completarem dezeseis annos de residencia effectiva nas possessões de Asia, doze de Africa occidental e dez nas de Africa oriental.

§ unico. Aos mesmos facultativos e pharmaceuticos se contará por mais metade, para todos os efeitos da reforma, o tempo que tiverem servido em Timor, em Benguella, em Bissau e em Cacheu.

Art. 6.º Os facultativos e pharmaceuticos que tiverem direito a ser reformados, e quizerem continuar n'este serviço, terão mais, no primeiro anno, a quantia resultante da divisão do respectivo soldo, pelo numero de annos marcado para a sua reforma; no segundo anno o dobro; e assim por diante até á totalidade d'aquelle soldo.

§ unico. Esta melhoria de vencimento ser-lhes-ha conservada na data da reforma effectiva.

Art. 7.º Os facultativos e pharmaceuticos que se impossibilitarem de servir, tendo completado metade do tempo designado no artigo 4.º do presente decreto, serão reformados com metade do soldo respectivo, e vencerão mais por cada anno que tiverem servido, alem dos fixados n'este caso de reforma, um augmento de soldo, na mesma proporção estabelecida no artigo antecedente.

Art. 8.º Todos os empregados dos quadros de saude das provincias ultramarinas terão, na ida e na volta, transporte á custa do estado, alem da respectiva ajuda de custo.

Art. 9.º Os facultativos e o primeiro pharmaceutico do quadro de saude da India têm a seu cargo o ensino medico-

cirurgico e pharmaceutico da escola de Goa, e vencerão mensalmente por este serviço a quantia de 20\$000 réis em moeda forte.

§ unico. Na falta ou impedimento do primeiro pharmaceutico o serviço do magisterio será exercido pelo segundo pharmaceutico.

Art. 10.º Os facultativos e pharmaceuticos que, tendo leccionado durante dezeseis annos na escola medico-cirurgica de Goa, continuarem no serviço do magisterio, receberão mais um terço da gratificação estabelecida no artigo antecedente.

Art. 11.º Alem dos vencimentos designados nos artigos 4.º e 6.º continuarão a receber por inteiro a gratificação do ensino os facultativos e pharmaceuticos que, tendo exercido o magisterio, forem reformados em conformidade do artigo 4.º Terão tambem a mesma gratificação e mais um terço os que forem reformados depois de vinte e quatro annos do dito serviço, e sómente metade da respectiva gratificação os que se impossibilitarem de servir, nos termos do artigo 7.º

.....  
Art. 13.º Os empregados dos quadros de saude das provincias ultramarinas gosarão do fóro militar e estarão sujeitos ás leis e regulamentos militares.

.....  
Art. 15.º O governo reformará, em harmonia com o presente decreto, o serviço de saude nas provincias ultramarinas, e regulará o provimento dos logares dos quadros de saude das mesmas provincias.

Art. 16.º Fica revogada a legislação em contrario.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar o tenha assim entendido e faça executar. Paço, em 23 de julho de 1862. = REI. = *José da Silva Mendes Leal.*

TABELLA A QUE SE REFERE O ARTIGO 1.º DO DECRETO DESTA DATA

EMPREGOS	GRADUAÇÕES	VENCIMENTO MENSAL EM MOEDA FORTE		GRATIFICAÇÃO DE RESIDENCIA		NÚMERO EM CADA PROVINCIA					
		SOLDO S	No estado da India e Macau	Em todas as provincias de Africa	INDIA	MOCAMBIQUE	ANGOLA	CABO VERDE	S. THOMÉ E PRIN- CIPE	MACAU	
Physico mór, medico ou cirurgião . . . . .	Tenente coronel	18,5000	30,5000	50,5000	1	1	1	1	1	1	
Cirurgião mór, idem . . . . .	Major . . . . .	45,5000	25,5000	45,5000	1	1	1	1	1	1	
Facultativos de primeira classe, idem	Capitão . . . . .	24,5000	20,5000	40,5000	2	4	4	4	1	1	
Facultativos de segunda classe, idem	Tenente . . . . .	22,5000	20,5000	40,5000	3	4	4	6	2	1	
Primeiros pharmaceuticos . . . . .	Capitão . . . . .	24,5000	20,5000	40,5000	1	1	2	1	1	1	
Segundos pharmaceuticos . . . . .	Tenente . . . . .	22,5000	10,5000	30,5000	3	4	4	2	1	1	

Secretaria d'estado dos negocios da marinha e do ultramar, 23 de julho de 1862. — José da Silva Mendes Leal.



## PEÇAS OFFICIAES

EXTRACTO DAS ACTAS DAS SESSÕES LITTERARIAS

ACTA N.º 622 DA SESSÃO DE 30 DE JULHO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às oito horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario*, dando conta da correspondencia, leu um officio do nosso consocio e delegado em Mirandella, o sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, em que noticiava uma arrematação, feita perante a mesa da misericordia, dos medicamentos precisos para os doentes do hospital da mesma, e que houve um pharmaceutico que arrematou aquelle fornecimento por certo e determinado tempo e por certa e determinada quantia; sendo d'este modo atacada a lei e menoscabado o credito pharmaceutico.

Fallaram sobre a materia os srs. Tedeschi, Correia, Veiga, Loureiro e Labate, e apresentando-se muitos exemplos d'estes contratos, com grave prejuizo do credito pharmaceutico, a sociedade pronunciou-se, sentindo que collegas seus concorram a taes arrematações, d'onde provém desconsideração e grande lesão de interesses para a classe.

O sr. *Veiga* requereu fosse dirigida ao governo e ao conselho de saude uma representação sobre estas infracções da lei.

O sr. *presidente* pondo a votação se se devia remetter copia authentica do contrato ao conselho de saude publica, a assembléa resolveu affirmativamente, assim como pondo a votação o requerimento do sr. *Veiga*, este foi approved, resultand ficar a mesa auctorizada para representar ao governo, pelo ministerio do reino, e mandar copia do contrato para o conselho de saude publica.

O sr. *Correia* pediu, para antes da ordem do dia, que a sociedade encarregasse a mesa de agradecer ao nosso socio benemerito, o ex.<sup>mo</sup> sr. Tavares de Macedo, as provas de interesse e consideração que significou lendo no dia da ses-

são solemne a biographia do distincto pharmaceutico Thomé Pires, assim como o offercimento da mesma para ser impressa no nosso jornal.

S. s.<sup>a</sup> enumerando as provas de interesse e consideração que o nosso socio benemerito sempre tem dado por esta sociedade, esta resolveu fosse dirigido pela mesa um officio em que sefizesse sentir ao ex.<sup>mo</sup> sr. Tavares de Macedo quanto esta sociedade havia ficado penhorada.

Antes de se proceder á ordem do dia, a sociedade resolveu que fossem admittidas duas propostas para socios, a n.º 1 apresentada pelo sr. J. F. Norberto, e a n.º 2 pelo sr. Quadros; e depois de approvada a urgencia e corrido o escrutinio foram proclamados socios correspondentes o sr. Antonio Augusto Franco, residente em Veiros, proposta n.º 1, e o sr. Francisco Pinto de Magalhães, proposta n.º 2.

O sr. *presidente* declarou que ia passar-se á ordem do dia, e convidou os socios para formularem as suas listas.

ORDEM DO DIA

ELEIÇÃO DOS FUNCIONARIOS DA SOCIEDADE PARA O VIGESIMO OITAVO ANNO

Procedendo-se conforme o artigo 14.º dos estatutos foram eleitos os srs.

PRESIDENTE

Francisco José Rodrigues Loureiro.

PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE

Henrique José de Sousa Telles.

SEGUNDO VICE-PRESIDENTE

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

PRIMEIRO SECRETARIO

Joaquim José Alves.

SEGUNDO SECRETARIO

Antonio Joaquim Labate.

## PRIMEIRO VICE-SECRETARIO

Manuel Vicente de Jesus.

## SEGUNDO VICE-SECRETARIO

Joaquim Urbano da Veiga.

## THESOUREIRO

Joaquim Ferreira Norberto.

## VICE-THESOUREIRO

Pedro Ferreira Norberto.

## BIBLIOTHECARIO

José Ferreira da Silva.

## VICE-BIBLIOTHECARIO

José de Matos Saraiva.

## COMISSÕES

## QUIMICA

Primeiro operador, Manuel Vicente de Jesus.

Segundo dito, Joaquim José Alves.

Terceiro dito, Claudino José Vicente Leitão.

Substituto, Eduardo Germano da Silva e Castro.

## SAUDE PUBLICA

Vogal, Narcizo José Gomes do Souto.

Dito, Joaquim de Sant'Anna Machado Figueira.

Dito, Sebastião Athanasio Estanislau da Silva.

Supplente, Eugenio Rodrigues de Oliveira.

## PHARMACIA

Vogal, Joaquim Urbano da Veiga.

Dito, João Augusto Sollar.

Dito, Pedro Ferreira Norberto.

Supplente, Antonio Alves Sabino.

## PHYSICA

Vogal, Joaquim Ferreira Norberto.

Vogal, Francisco José Rodrigues Loureiro.  
 Dito, José de Matos Saraiva.  
 Supplente, Joaquim Rodrigues Pereira da Silva.

## HISTORIA NATURAL

Vogal, Thomás de Aquino Alves.  
 Dito, Antonio Joaquim Labate.  
 Dito, Francisco Maria Nogueira.  
 Supplente, Francisco Rodrigues Barreiro.

## DIREITÓ PHARMACEUTICO

Vogal, Henrique José de Sousa Telles.  
 Dito, José Tedeschi.  
 Dito, Francisco Fortunato de Assis.  
 Supplente, Francisco José Cabral de Quadros.

O sr. *presidente* declarou que estando a hora muito adiantada não havia tempo de se proceder á eleição dos delegados da sociedade; e fechou a sessão eram nove hora e meia da noite, dando para ordem do dia da immediata a posse dos novos funcionarios e o mais que se offerecer. — Antonio Joaquim Labate, segundo secretario.

## ACTA N.º 625 DA SESSÃO DE 15 DE AGOSTO DE 1862

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às oito horas e meia da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* leu a seguinte

## CORRESPONDENCIA

Um officio da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo para no laboratorio se proceder á analyse chimica das visceras do parcho Manuel da Costa e Oliveira, a requerimento do delegado da primeira vara.

Outro officio do sr. presidente Francisco José Rodrigues Loureiro, agradecendo o ter sido novamente eleito presidente; mas declarando não poder aceitar em virtude do seu estado de saude e afazeres.

Outro officio do socio Labate, pedindo igualmente escusa

dos logares de segundo secretario e vogal da commissão de historia natural, para que fôra reeleito.

A sociedade, não obstante haver tomado na consideração devida as reclamações do sr. presidente e segundo secretario, fez taes instancias, attentos os bons serviços d'estes seus funcionarios, que obrigou os ditos senhores a retirarem as suas escusas, não conseguindo comtudo do sr. Labate o aceitar o cargo de membro da commissão de historia natural, e que fica vago.

Outro officio do sr. Thomás de Aquino Alves, pedindo a sua demissão de vogal da commissão de historia natural, para o que apresentou motivos que a sociedade tomou na devida conta, concedendo-lhe a demissão pedida.

Em seguida leu a lista dos objectos doados, que foram recebidos com especial agrado.

#### ORDEM DO DIA

##### PROPOSTA

O sr. *J. J. Alves* apresentou uma proposta para socio effectivo, que declarou urgente; approvada a urgencia e corrido o escrutinio, foi proclamado unanimemente socio effectivo o pharmaceutico, residente actualmente em Lisboa, o sr. Firmino Antonio Raposo, que achando-se no recinto da sociedade foi pelo segundo secretario introduzido na sala.

O sr. *Raposo* agradeceu em termos urbanos e cavalheirosos o bem acolhido que fôra pela sociedade, e prometeu coadjuvava-la no que couber em suas forças.

##### PARERES DE COMMISSÕES

O sr. *H. J. Sousa Telles* mandou para a mesa um parecer da commissão de direito pharmaceutico, que não teve primeira leitura por se achar a hora avançada, ficando reservada para a seguinte sessão.

Estando a hora adiantada, o sr. presidente fechou a sessão eram dez horas e meia da noite, dando para ordem do dia da sessão immediata propostas, pareceres de commissões e a

eleição de dois vogaes para a commissão de historia natural, para o que se passarão os seguintes avisos.—*Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

ACTA N.º 624 DA SESSÃO DE 10 DE SETEMBRO DE 1862

Presidência do sr. F. J. Rodrigues Loureiro

Às nove horas da noite foi aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da antecedente.

O sr. *primeiro secretario* declarou não haver correspondencia, e apresentou a lista dos objectos doados, que foram recebidos com agrado.

O sr. *presidente* deu parte à sociedade, que apenas constou à mesa a doença do sr. Thomás de Aquino Alves, esta o visitára, tendo a satisfação de annunciar que se achava quasi restabelecido.

Passou-se á

ORDEM DO DIA

ELEIÇÕES

O sr. *presidente* declarou que sendo a primeira parte da ordem do dia a eleição de dois vogaes para a commissão de historia natural, interrompia a sessão para cada um formular as suas listas. Procedendo-se ao escrutinio, saíram eleitos os srs. Lazaro Joaquim de Sousa Pereira e José Augusto da Silva Gameiro.

Declarou igualmente que em virtude do §. 6.º do artigo 1.º do regulamento interno, a mesa nomeára os srs. directores e vice-directores de commissões permanentes, as quaes ficam definitivamente constituídas da seguinte forma.

COMMISSÕES

CHIMICA

Manuel Vicente de Jesus, director e primeiro operador.

Joaquim José Alves, vice-director e segundo operador.

Claudino José Vicente Leitão, terceiro oeraor.

Eduardo Germano da Silva Castro, substituto.

## PHARMACIA

- Joaquim Urbano da Veiga, director.  
 João Augusto Sollar, vice-director.  
 Pedro Ferreira Norberto, vogal.  
 Antonio Alves Sabino, substituto.

## SAUDE PUBLICA

- Narcizo José Gomes do Souto, director.  
 Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras, vice-director.  
 Sebastião Athanasio Estanislau da Silva, vogal.  
 Eugenio Rodrigues de Oliveira, substituto.

## PHYSICA

- Joaquim Ferreira Norberto, director.  
 Francisco José Rodrigues Loureiro, vice-director.  
 José de Matos Saraiva, vogal.  
 Joaquim Rodrigues Pereira da Silva, substituto.

## HISTORIA NATURAL

- Lazaro Joaquim de Sousa Pereira, director.  
 Francisco Maria Nogueira, vice-director.  
 José Augusto da Silva Gameiro, vogal.  
 Francisco Rodrigues Barreiros, substituto.

## DIREITO PHARMACEUTICO

- Henrique José de Sousa Telles, director.  
 José Tedeschi, vice-director.  
 Francisco Fortunato de Assis, vogal.  
 Francisco José Cabral de Quadros, substituto.

## PROPOSTAS

O sr. *Telles* mandou para a mesa uma proposta, que declarou urgente: «para que esta sociedade declare por uma votação se o salepo, linhaça, etc., etc., são ou não substancias medicamentosas»; e pedindo a palavra depois de appro-

vada a urgencia, explicou os motivos pelos quaes queria que a sociedade se occupasse d'aquella materia.

O sr. *Alves*, depois de posta á discussão a proposta, mostrou a differença existente entre medicamento e substancia medicamentosa; e que apesar de ser uma cousa clara e de facil resposta, comtudo propunha fosse remettida a uma commissão para dar o seu parecer, e depois a sociedade resolveria como julgasse.

O sr. *Correia*, querendo fazer ver a differença, que s. s.<sup>a</sup> diz haver entre substancia medicamentosa e medicamento, desejava que a discussão avançasse até final resultado.

Fallaram contra a opinião do mesmo senhor os dignos socios os srs. Loureiro, *Alves* e *Telles*, propondo o sr. *Correia* que o sr. *Telles*, auctor da proposta sujeita, desse mais explicações por onde se podesse avaliar o sentido d'aquellas palavras «substancias medicamentosas».

O sr. *Telles* fez algumas observações sobre a proposta do sr. *Correia*, e pediu para que lhe fosse concedido retirar a sua.

Depois do sr. *Alves* ter a palavra para uma explicação, o sr. *Correia* pediu tambem para retirar a sua proposta.

Consultada a sociedade sobre o pedido do sr. *Telles*, para retirar a sua proposta, a sociedade não consentiu.

A respeito da proposta do sr. *Correia*, consultada tambem a sociedade, esta resolveu affirmativamente. Sendo approvada a proposta do sr. *Alves*, a sociedade deliberou que a proposta do sr. *Telles* fosse mandada á commissão de pharmacia para dar o seu parecer.

O sr. *Alves* mandou para a mesa uma proposta de um candidato a socio correspondente, que declarou urgente.

Depois de approvada a urgencia e corrido o escrutinio foi proclamado socio correspondente o sr. José Maria de Sousa, residente no Rio de Janeiro.

Não havendo mais a tratar o sr. presidente fechou a sessão ás onze horas da noite, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres e segundas leituras. — *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.



## ACTA N.º 623 DA SESSÃO DE 24 DE SETEMBRO DE 1962

Presidência do sr. F. J. R. Loureiro

Às sete horas da noite o sr. presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e aprovada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* leu a seguinte

## CORRESPONDENCIA

1.º Um officio da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo que no laboratorio se proceda a um exame toxicologico nas visceras de Manuel José de Jesus, em virtude de uma deprecada vinda da comarca de Benavente, dirigida ao juiz do primeiro districto criminal, sendo o exame promovido pelo delegado da primeira vara.

2.º Um officio da mesma procuradoria, para se proceder á analyse chimica nas entranhas da menor Maria, de quatro annos, supposta envenenada, a requerimento do delegado da quinta vara, por deprecada de Porto de Moz, dirigida ao terceiro districto criminal.

3.º Um officio da mesma procuradoria para se proceder da mesma fórma nas visceras de Domingos, filho de Januario Brono, residente em Paderne, julgado de Albufeira, por deprecata vinda de Loulé e cujo comprimento promove o delegado da sexta vara perante o juiz do terceiro districto criminal.

4.º Relação dos objectos doados.

O sr. *Correia*, pedindo a palavra, disse lhe constava que algumas vezes as visceras remettidas para exames toxicologicos vinham de tal fórma acondicionadas que não só podiam obstar ao bom andamento das analyses, mas muito principalmente pelo estado de decomposição comprometter a saude e até a vida dos operadores, e por isso convinha que a sociedade se occupasse desde já em fazer instrucções que tornassem regulares taes remessas.

O sr. *Alves* asseverou o que o sr. *Correia* acabava de expor, e ainda ultimamente acontecido n'uma das analyses acima mencionadas, para o que lhe parecia apenas se lembrasse á procuradoria regia da relação de Lisboa a inconveniencia com que eram feitas taes remessas.

O sr. *Jesus* disse estar de accordo com as idéas do sr. *Correia*, no entanto lhe parecia que já existiam instrucções feitas pela sociedade a este respeito, e em vista d'isso bastaria que no officio de remessa do resultado do exame a que ultimamente se procedeu, se fizesse sentir o pouco cuidado com que tinha sido feito aquelle acondicionamento, e pedindo providencias para que se não repita.

O sr. *Telles* mostrou que a sociedade se tinha occupado de instrucções muito minuciosas a este respeito e a maneira de serem remettidos taes objectos.

O sr. *presidente* consultando a sociedade, esta decidiu em conformidade com a indicação apresentada pelo sr. *Jesus*.

#### ORDEM DO DIA

O sr. *J. J. Alves* mandou para a mesa uma proposta, que declarou urgente, e approvada a urgencia e corrido o escrutinio foi proclamado sócio correspondente nacional o sr. *Francisco Antonio Pacheco*, pharmaceutico, estabelecido na villa de Extremoz.

Teve segunda leitura o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre exames de pharmacia, e como não estivessem presentes os seus auctores, ficou a sua discussão para a sessão seguinte, para o que a sociedade resolveu se lhes officiasse n'este sentido.

Não havendo mais a tratar, ás dez horas foi fechada a sessão, dando o sr. *presidente* para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres e segundas leituras. — *Antonio Joaquim Labate*, segundo secretario.

## VARIEDADES

**Sobre os valerianatos usados em medicina.** — O sr. Lan-derer acha, debaixo da relação therapeutica, que o acido valerico artificial não corresponde ao que se prepara com a raiz de valeriana; convida os medicos a não prescreverem senão este ultimo.

**Segundo o sr. J. Nicklès** a differença entre estes dois acidos é devida a um phenomeno de isomeria da mesma ordem que o que distingue o acido metacetico do acido butyrico-acetico ou a propylamina da trimethylamina.

**Reducção da prata cuprifera.** — Segundo o sr. Verlandt, faz-se dissolver a liga no acido azotico e evapora-se a fim de expellir o excesso de acido. Para 30 grammas de sal obtido tomam-se 150 grammas de agua distillada, filtram-se e ajuntam-se 420 grammas de uma dissolução de sulphato de protoxydo de ferro, na proporção de 165 grammas de sulphato para 255 grammas de agua. Formar-se-ha um deposito cinzento, muito tenue, que se lava com acido sulphurico diluido, e depois com agua distillada: este deposito é a prata metallica, chimicamente pura.

**Condição a observar na preparação do ceroto de saturno.** — O ceroto de saturno não se póde conservar por muito tempo sem amarellecer. Para evitar este inconveniente convem, segundo o sr. Eggenfels, fazer fundir a banho-maria a cera e o oleo, ajuntar por pequenas porções e agitando sem cessar o extracto de saturno previamente aquecido, e incorporar a agua de rosas ou agua simples.

**Estudos estatísticos, hygienicos e administrativos, sobre as doenças e mortalidade do exercito portuguez.** — O nosso amigo, o sr. dr. José Antonio Marques, cirurgião de brigada, chefe da sexta repartição da primeira direcção do ministerio da guerra, sempre incansavel em prestar serviços á sciencia e ao paiz, acaba de publicar a obra d'este titulo, que offereceu á sociedade pharmaceutica lusitana, de que é socio honorario. Esta publicação vem mais uma vez confirmar os muitos

titulos que o auctor possui para figurar como uma illustrada capacidade medica.

**Oleo de coco como succedaneo da banha de porco.**—Este oleo possui a vantagem de se não tornar rançoso tão promptamente como a banha; é empregado geralmente em fricções, de preferencia a qualquer outro, bastando o calor da pelle para o fluidificar, facilitando prompta absorpção, emquanto que a banha é mais morosa n'este effeito, enxovalha muito mais os tecidos, por maior que seja o cuidado no aceio, e exhala cheiro menos agradável.

As pomadas preparadas com o iodureto de potassio e banha tornam-se amarellas em pouco tempo; signal certo do iodureto se transformar em iodo puro, o que não tem logar quando preparadas com o oleo de coco ou se alguma vez tem logar é muito mais tarde.

A banha empregada no preparo das pomadas para os olhos deveria tambem ser substituida por elle, bem como em muitas outras circumstancias se deveria tambem preferir este excipiente, porque não decompõe, como a banha, as substancias com quem se combina. É miscivel á agua até á terça parte do seu peso, circumstancia que o torna recommendavel para a dissolução dos saes que devam entrar nas formulas.

Tem um preço modico, não tem cheiro desagradavel e é branco, ordinariamente.

**Pharmacopéa na Italia.**—Submetteu-se ao dr. Betti, distincto professor florentino, o exame da seguinte questão: «Convirá ordenar que vigore em todo o reino de Italia uma só pharmacopéa?» No informe que está redigindo propõe-se o dito professor apresentar algumas *Considerações sobre o livre exercicio da pharmacia.*

**Presença da asparagina na scorzonera.**—Da raiz da *scorzonera humilis* (synanthereas), cujas propriedades são excitantes e diaphoreticas, se extrahе a asparagina, processo dyalético já empregado com vantagem pelo sr. Buchner.

## QUIMICA

### SOBRE A PESQUISA DO BROMIO

PELO SR. FREZENIUS

O melhor vehiculo a empregar para dissolver o bromio que acaba de ser deslocado pelo chloro é, como o demonstrou o sr. Balard, e que se pratica hoje em França, o sulphureto de carbonio, principalmente para o iodo. O sr. Frezenius, que verificou o facto com o cuidado que emprega sempre em todos os seus trabalhos, insiste sobre a necessidade de evitar um excesso de chloro e empregar o sulphureto de carbonio isento dos ácidos sulphuroso e sulphurico.

A preferencia que dá ao sulphureto de carbonio sobre o ether e chloroformio, é fundada por elle nos ensaios directos comprehendidos com licores titulados contendo bromuretos em maior ou menor quantidade. As dissoluções não contendo mais que  $\frac{1}{30,000}$  de bromio no estado de bromureto de potassio, quando são tratadas pela quantidade requerida de chloro, não communicam a menor coloração ao ether ou ao chloroformio, enquanto que o sulphureto de carbonio recebe uma côr amarella perfeitamente visivel. É portanto este vehiculo que mais convem n'esta circumstancia; alem d'isso, como é mais pesado que a agua, fica no fundo d'este liquido com o bromio que dissolveu eahi o conserva por algum tempo.

Se o bromureto é acompanhado de um iodureto, é necessario previamente eliminar o iodo, ajuntando um pouco de hypoazótide e uma gota de sulphureto de carbonio, que se apodera do iodo deslocado. É então que se pôde proceder á separação do bromio.

J. J. ALVES.

### A CERATOPHYLLINA

PELO SR. HESSE

Este principio immediato extrahe-se da *promelia ceratophylla* (da variedade *physodes*, *betula alba*), que se lava em agua fria e depois se faz macerar por quinze dias em agua a

ferver limpida. No liquido d'esta maceração o acido chlorhydrico produz um precipitado amarello floconoso, que lavado em agua fria, depois de separado, se faz seccar ao ar livre e se trata pelo alcool na proporção de 75 por 100. O residuo pastoso é de côr verde carregado; dissolvido em uma dissolução concentrada de carbonato de soda quente, pelo resfriamento abandona a ceratophyllina que se purifica por crystallisações em alcool fraco fervente e negro animal. Este novo principio immediato crystallisa em prismas brancos e é mais solavel em agua quente do que em agua fria; muito solavel em alcool, ether, lixivia de potassa ou de ammonia e agua de cal.

A dissolução alcoolica dá com o sesqui-chlorureto de ferro uma coloração purpurina, e com o chlorureto de cal uma tinta rubra, que desaparece no excesso do reagente. Não é precipitado pelos azotatos de chumbo e de prata.

A ceratophyllina é solavel nos acidos azotico e sulphurico, aquecida com este ultimo carbonisa-se. Tem um sabor acre e presistente, funde-se a 147° e o ponto da sua congelação é a 106°; é volatil e sublima-se facilmente em laminas.

F. J. R. LOUREIRO

#### USO DA TINTURA DE CAMPECHE NA ANALYSE DAS AGUAS POTAVEIS

É bem conhecida, diz o sr. Carasse, a extrema sensibilidade da tintura de pau campeche para descobrir na agua a presença dos bicarbonatos alcalinos, e principalmente o bicarbonato de cal. Alguns atomos d'este sal são sufficientes para fazer adquirir a côr violeta á tintura amarella do campeche.

Assim é que se pôde utilizar esta propriedade na analyse das aguas potaveis; todavia pôde acontecer que a reacção se produza de uma maneira notavel, aindaque a agua não contenha vestigio algum de carbonato alcalino.

«Havia pouco tempo, falla o auctor, que eu tinha examinado uma agua perfeitamente pura, cujo manancial se encontra n'um terreno silicoso. Esta mesma agua foi-me conduzida em um vaso de folha bem limpa. Depois de varios ensaios,

que me fizeram persuadir da carencia de saes calcareos, qual não foi a minha admiração ao ver com a tintura de campeche uma coloração violeta magnifica.»

«Suspeitando então que a permanencia por algum tempo na folha podia ser a causa da reacção obtida, fiz colher nova agua em um frasco de vidro, e está foi ensaiada pela tintura, que não apresentou mudança alguma na materia amarella da tintura.»

Pareceu-me de grande interesse a publicação d'este facto, porque é possivel que esta reacção, em tudo semelhante á dos bicarbonatos alcalinos, possa induzir a erro na analyse de uma agua qualquer.

(Bul. da soc. de pharm. de Vosges.)

F. J. R. LOUZEIRO.



Este principio assucarado que este chimico descobriu nos productos da decomposição da phloretina, bem como da querectina é susceptivel de mudar uma parte do seu hydrogenio contra o bromo ou radicaes. Ao composto bromoretado que elle antecedentemente tinha feito conhecer ajunta tambem uma serie de compostos novos, de que os mais notaveis são:

*Phloroglucina nitrada* ( $C^{12} H^5 Az O^4 O^6$ ), é solavel em agua quente, tem sabor amargo e apresenta-se em bellas escamas rubras. Obtem-se pelo acido azotico; a reacção é energica e só acalma pelo resfriamento.

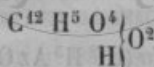
A phloroglucina é atacavel mesmo á temperatura ordinaria pelo chlorureto de acetyla, produzindo-se prismas brancos de phloroglucina acetylada. O chlorureto de benzoile dá logar a um composto analogo. Unida aos alcalis e misturadas as dissoluções alcoolicas dá logar a combinações pouco estaveis; com o ammoniaco torna-se escura e se dissolve, dando pela evaporação espontanea uma crystallisação brilhante composta de agulhas finas que se conservam inalteraveis, só emquanto estão seccas; estas agulhas constituem a phloramina, que é

soluvel em alcool e insoluvel em ether, e muito pouco em agua. O sabor é adstringente.

Os alcalis a escurecem, com os acidos dá logar a compostos salinos bem definidos. Com o acido sulphurico concentrado dá logar a uma reacção que se assimelha a tyrosina e que é devida ao acido sulphophloraminico, que occasiona com o perchlorureto de ferro uma bella coloração violeta. Para obter este acido faz-se digerir por uma hora a banho-maria a phloramina com o acido sulphurico concentrado, dilue-se em agua, neutralisa-se pelo carbonato barytico, descolora-se por meio do carvão e abandona-se á evaporação lenta, que dá em resultado a formação de crystaes em agulhas agrupadas e concentricas que dão as indicadas reacções mesmo a um grau de diluição consideravel.

O azotato de mercurio não tem acção sobre a phloramina, ao passo que ataca fortemente a tyrosina. Esta ultima dá logar a productos de decomposição que encerra os derivados do quinon, emquanto que com a phloramina nada se tem podido obter de igual.

Depois do que diz o auctor fui conduzido a acreditar que a phloroglucina contém o radical mono-atómico  $C^{12} H^5 O^4$  da formula seguinte:



F. J. R. Louanno.

**PRODUCTOS DA DECOMPOSIÇÃO DA REZINA DE GUAIACO**  
PELOS SRS. HLASIWETZ E GILM

*Acido guaiacínico ou guaiarétínico*  $C^{40} H^{26} O^8$ . — O processo indicado pelo auctor, de preferencia para o obter, consiste em fazer ferver por meia hora, com leite de cal, a rezina de guaiaco purificada, filtrar em seguida, seccar o residuo e esgota-lo pelo alcool a quente, que fornece uma tintura amarella, que ao ar parece esverdeada, o que não acontece quando ella é conservada em uma atmospherá de acido carbonico.

Depois de separado o alcool por meio da distillação trata-se por uma lixivia de soda caustica de 1,3 de densidade;



pelo resfriamento o sal separa-se em uma massa crystallina que se purifica espremendo-a levemente, e triturando depois com nova lixivia de soda se submete á crystallisação em agua. Os crystaes tratados pelo acido hydrochlorico deixam isolar o acido organico, a cuja purificação se acaba de proceder, fazendo-o crystallisar em acido acetico, em que facilmente se dissolve a quente.

Tambem crystallisa facilmente em alcool, mas em um e outro caso elle se separa em agulhas concentricamente grupadas, as quaes são friaveis e inodoras quando são depositadas no acido acetico, molles, flexiveis; penetradas de agua mãe, e dotadas de um ligeiro cheiro de baunilha, quando a crystallisação se opera em alcool. O acido guaiarétinico é insolúvel em agua, que perturba fortemente a sua solução alcoolica, e quando se limita a produzir uma ligeira perturbação o acido separa-se no espaço de uma noite em escamas brilhantes que se deve julgar puro quando reuna as seguintes condições:

- 1.<sup>a</sup> A de não esverdear ao contacto do ar;
- 2.<sup>a</sup> A de esverdear e não azular em contacto com o sesqui-chlorureto de ferro em dissolução alcoolica;
- 3.<sup>a</sup> A de não esverdear nem azular com a agua chlorada vertida na solução alcoolica.

Finalmente esta ultima não deve azular quando, tornada leitosa por uma pequena quantidade de agua, se lhe juntam algumas gotas de acido azotico fumante.

Os crystaes do acido guaiarétinico são fusiveis entre 75° e 80° centigrados; a solidificação é instantanea. Aquecido alem do ponto da fusão transforma-se em massa resinosa. Aquecido sobre uma lamina de platina arde com uma chamma fuliginosa.

Produz saes neutros e saes acidos, os saes alcalinos são os uniões crystallisaveis; aindaque com alguma difficuldade se obtêm em estado definido, porque os saes neutros e os saes acidos crystallisam facilmente juntos, e algumas vezes os primeiros se decompõem pela simples ebulição para formarem saes acidos.

Todos contêm agua da crystallisação. Os guaiarétinatos terrosos são em fôrma de pós brancos amorphos; o sal de prata escurece exposto á luz e reduz-se promptamente pela ebullicão.

*Acido bromorado*  $C^{42} H^{22} Br^4 O^8$ . —Vertendo gota a gota o bromio em uma dissolução sulpho-carbonica de acido guaiarétinico o liquido torna-se rubro-carmim, depois violeta e por fim escuro. Evaporado a banho-maria decompõe-se, evoluendo torrentes de acido bromhydrico, e se obtem um residuo crystallino que se lava immediatamente em alcool a frio, para depois o fazer dissolver em alcool fervendo.

O chloro comporta-se, como o bromio, approximadamente, com a differença que a sua purificação demanda menos cuidado. O acido sulphurico dissolve o acido guaiarétinico tomando a côr rubra.

O acido azotico ataca-o fortemente e o converte em uma materia resinosa.

Aquecendo a calor mais forte este acido volatilisa-se em parte, mas a calor lento dá lugar á formação do guaiacol, o qual exposto a temperatura fria abandona a pyroguaiacina.

*Pyroguaiacina*  $C^{19} H^{22} O^6$ . —Em acido fraco que com a soda e potassa caustica forma saes crystallisáveis, que convenientemente aquecidos esverdinham immediatamente.

Estes saes têm a propriedade de precipitar pelo azotato de prata, e o producto ennegrece promptamente.

Com o acido sulphurico quente a pyroguaiacina produz uma serie de colorações, tratada pela agua a dissolução abandona um pó de côr azul; obtem-se igual tratado, e em tudo analogo, tratando o acido pyroguaiacnico pelo peroxydo de manganéz ou pelo acido chromico.

A agua chlorada colora em rubro, e o sesqui-chlorureto de ferro em verde.

N'uma epocha como a nossa, em que têm grande importancia as materias colorantes artificiaes, estas reacções colorantes não devem de fôrma alguma passar despercebidas. Seria mesmo bom saber-se até que ponto ellas terão relação

com aquella especie de nuvem que se manifesta na tintura de guaiaco quando esta é submettida a certas influencias oxydantes.

(Journ. de pharm. et de chim.)

F. J. R. LOURIMO.

### ALGUNS FACTOS NOVOS SOBRE AS LEVADURAS OU ESPUMAS ALCOOLICAS

PELO SR. PASTEUR

O sr. Pasteur chama leveduras alcoolicas aos productos cellulares ou fermentos organisados que se desenvolvem nos liquidos assucarados neutros ou ligeiramente acidos, taes como o mosto da cerveja e das uvas, o sumo da pera, do camoez, etc. Estas producções variam sensivelmente de volume, de fórma e de estrutura, e é uma questão digna de saber-se se as leveduras são de natureza identica ou se existem muitas e distinctas leveduras alcoolicas, porque ainda ha grande incerteza sobre a origem d'estas producções.

Existirá porventura alguma relação de origem entre as liagens e as leveduras alcoolicas? Se se abandonam a uma temperatura espontanea os sumos assucarados naturaes ou artificiaes, neutros ou acidos, as liagens apparecem quasi sempre primeiro, e simultaneamente se mostram de tal ou de tal levedura alcoolica. Para nos convenceremos, diz o sr. Pasteur, que a apparição das cellulas da levedura nada têm de commum com as liagens, as granulações ou cellulas da polpa dos fructos é sufficiente para provocar a fermentação espontanea das leveduras nos liquidos assucarados, assás acidos, para evitar o apparecimento das liagens e alem d'isso filtrados e perfeitamente limpidos. O sumo das uvas maduras é o mais proprio para esta experiencia; pois não dá logar nas condições indicadas pelo sr. Pasteur senão ás cellulas da levedura misturadas com alguns pequenos crystaes limpidos e brilhantes de tartarato de cal.

Não ha motivos sufficientes para pensarmos que a apparição das leveduras esteja dependente da presença das liagens. Para o sr. Pasteur a existencia simultanea d'estas producções nos liquidos assucarados não é senão uma coincidencia fortuitamente occasionada pela facilidade, com a qual po-

dem provir de taes meios, ou neutros ou levemente acidos. Assim, o sumo da pera não fornece senão a levadura quando se torna um pouco acido pela addição de alguns millesimos de acido tartrico.

A levadura formada do sumo da uva filtrado não apresenta todas as fórmulas de globulos debaixo de pontos apreciaveis, e jamais apresenta pequenos globulos isolados; parece pois resultar d'aqui que todos estes globulos nascem uns dos outros, o que não acontece ás materias em dissolução.

Á medida que a fermentação prosegue o seu curso a levadura muda pouco a pouco de aspecto; ella perde sua disposição morosa, e os que de novo nascem são mais globosos, mais esphericos e mais granulosos. O sr. Pasteur reconheceu que as leveduras alcoolicas são mais activas quando se formam pela influencia do ar.

Quando se manifestam globulos de levadura da cerveja em um liquido assucarado albuminoso vêem-se no seguinte dia cobertos de herborisações, tendo já fornecido corôas de cellulas, sendo ellas mesmo as vias de propagação das herborisações.

Somos pois obrigados a admitir que os globulos se desenvolvem na rasão do engrossamento d'aquellas. O mesmo auctor, ajudado do microscopio, tem seguido, passo a passo, as mais reconditas phases da levadura.

A levadura alcoolica da cerveja será identica á levadura alcoolica das uvas?

O sr. Pasteur não se julga ainda auctorizado para resolver definitivamente esta questão, mas os factos que elle tem podido reunir lhe dão indicios talvez mais profundos e radicacs de differenças do que se poderia acreditar. Elle conclue seu communicado por uma observação sobre a mycoderme vini-cerevisie.

Esta planta cellularia tem necessidade do gaz oxygenio para viver, emquanto ella exhala acido carbonico. Se juntarmos uma certa quantidade d'ella a uma dissolução de assucar ao abrigo do ar, as articulações da mycoderme vivem a be-

neficio do assucar sem ar livre, e, cousa curiosa, tornam-se em levadura alcoolica por este assucar. A planta affecta, n'esta nova condição, em volume e em estrutura, tem propriedades physiologicas que a distinguem na apparencia das articulações mais delicadas da mycoderme vini.

(Bull. de la société chimic.)

F. J. R. LOUREIRO.

## PEÇAS OFFICIAES

No dia 2 de novembro proximo passado a mesa da sociedade, constituida em commissão, foi recebida por Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, que ouviu com a maior attenção a seguinte:

ALLOCUÇÃO FEITA A SUA Magestade EL-REI O SENHOR D. LUIZ I  
POR OCCASIÃO DO SEU CONSORCIO COM A SENHORA D. MARIA  
PIA DE SABOYA

Senhor!—Se o homem, desde que vê o mundo, contrahe a obrigação de amar a sua patria, não menos dever lhe cabe de amar o soberano da mesma patria, quando elle é dotado, como Vossa Magestade, de qualidades descendentes da mais virtuosa das mães e Rainha a Senhora D. Maria II, cuja memoria não será facil apagar do coração de todos os bons portuguezes.

Se o consorcio de Vossa Magestade com a Senhora D. Maria Pia de Saboya ha produzido o maior entusiasmo em todos os angulos da nação; se o jubilo manifestado por todos os verdadeiros portuguezes é reconhecido por Vossa Magestade, creia tambem Vossa Magestade que a sociedade pharmaceutica lusitana, que tem a honra de possuir a real protecção, aprecia e exalta este ditoso consorcio pelas virtudes que ornãam a Rainha, que saberá, com o seu amor, fazer a felicidade de Vossa Magestade e da nação portugueza.

Digne-se Vossa Magestade acolher estes votos sinceros e verdadeiros da sociedade pharmaceutica lusitana, que não cessará de elevar preces á Divina Providencia para que conceda a Vossa Magestade, á Rainha e a toda a real familia longos annos de vida, de paz e de extrema felicidade.

Lisboa, 2 de novembro de 1862.—O presidente, *Francisco José Rodrigues Loureiro*—O primeiro secretario, *Joaquim José Alves*—O segundo secretario, *Antonio Joaquim Labate*.

Sua Magestade encarregou o sr. presidente de agradecer á sociedade as expressões que acabava de dirigir-lhe, declarando que as tinha no mais elevado apreço.

ALLOCUÇÃO FEITA A SUA Magestade EL-REI D. FERNANDO II  
POR OCCASIÃO DO CONSÓRCIO DE SUA Magestade  
EL-REI D. LUIZ I COM A SENHORA D. MARIA PIA DE SABOYA

Senhor!—A sociedade pharmaceutica lusitana, que tem a fortuna de possuir a Vossa Magestade por seu socio protector, encarregou a respectiva mesa de cumprimentar a Sua Magestade El-Rei pelo seu feliz e ditoso consorcio com a Senhora D. Maria Pia de Saboya, e Rainha de Portugal, missão que ella acaba de cumprir, e por tão aprasivel motivo, vem perante Vossa Magestade cumprir igualmente o mesmo sagrado dever.

Digne-se pois Vossa Magestade acolher benigno, como costuma, os mais puros sinceros votos da cordeal amizade, estima e respeito que lhe consagra a sociedade pharmaceutica lusitana, que nunca cessará de regar ao Todo Poderoso, conserve e guarde a augusta pessoa de Vossa Magestade e a toda a real familia.

Lisboa, 2 de novembro de 1862.—O presidente, *Francisco José Rodrigues Loureiro*—O primeiro secretario, *Joaquim José Alves*—O segundo secretario, *Antonio Joaquim Labate*.

Sua Magestade disse, que afastado um pouco dos negocios publicos, nada tem podido saber da sociedade, senão pelo que lê no seu jornal, que todos os mezes recebe.

Procurou e ouviu todas as explicações dadas pelo sr. presidente, e fez votos para que a sociedade continue seus trabalhos sem interrupção, porque lhe deseja todas as venturas, e lhe agradece as sinceras expressões de pura amizade que lhe dirige.

## ABUSOS DE POLICIA PHARMACEUTICA

Sendo presente á sociedade, em sessão de 30 de julho do corrente anno, o officio e mais documentos do nosso consocio e delegado da sociedade em Mirandella, o sr. José Silverio Rodrigues Cárdozo, respectivo á illegal arrematação feita pela mesa da santa casa da misericordia da mesma villa, a sociedade, louvando o procedimento d'este seu digno funcionario e zêlo pelo cumprimento da lei, desacatada pelas auctoridades e pseudo-pharmaceuticos, com prejuizo de uma classe inteira e da humanidade enferma, resolveu, como lhe cumpria, representar ao conselho de saude publica do reino, e que se publicassem todos os documentos respectivos á questão, que são os seguintes:

OFFICIO E MAIS DOCUMENTOS SOBRE A ARREMATAÇÃO ILLEGAL  
DE MEDICAMENTOS FEITA PELA MESA DA SANTA CASA DA MISERICORDIA  
DA VILLA DE MIRANDELLA, ENVIADOS Á SOCIEDADE  
PELO SEU DELEGADO EM MIRANDELLA  
O SR. JOSÉ SILVERIO RODRIGUES CARDOSO

Delegação da sociedade pharmaceutica lusitana na comarca de Mirandella.— Ill.<sup>mo</sup> sr.—Tenho a honra de remetter a v. s.<sup>a</sup>, para conhecimento da nossa sociedade, de que é digno secretario, o documento incluso em que se mostra haver a misericordia d'esta villa procedido á arrematação dos medicamentos para os doentes do hospital a seu cargo, com o abatimento certo de 31 por cento menos do que o preço que marca o regimento dos preços dos medicamentos.

A mesa sabia evidentemente que esta arrematação é prohibida pela lei, aliás com justa razão, porque a má fé facilmente illude os interessados n'este monopolio, com manifesto prejuizo dos doentes; todavia baseada em identicos abusos, que infelizmente se dão por outras partes, quiz seguir o mau exemplo, acobertando-se com o pretexto de esmola, para mais airosamente sophismar a lei, que nos é vedado alterar para mais ou para menos dos preços marcados na tabella.

Este abuso torna-se ainda mais escandaloso pelo facto de ser o arrematante membro da mesa, filho do actual provedor da misericórdia e não ter carta de exame e aprovação. Póde afoitamente dizer-se que tudo na nossa terra vae como vae e não como deve, mas o que diz respeito ao ramo de policia medica jaz n'um cahos vergonhoso! E o peor é que sem esperanza de remedio efficaz para tão grave mal, como o que está soffrendo a misera humanidade.

Mas emfim, como diz o dictado, que tanto bate a agua na pedra até que a faz amollecere, não deve a n'ossa sociedade pharmaceutica deixar passar sem correctivo mais este escandalo, levando-o, por interesse e decoro da classe, ao conhecimento do conselho de saúde publica, ao menos para que o registre.

Não é por despeitado que me queixo. Prezando-me de ter consciencia e dignidade, não intervi n'esta arrematação.

Deus guarde a v. s.<sup>a</sup> Mirandella, 17 de julho de 1862. — Ill.<sup>mo</sup> sr. primeiro secretario da sociedade pharmaceutica lusitana. — O delegado, *José Silverio Rodrigues Cardoso*.

Ill.<sup>mo</sup> sr. — Diz José Silverio Rodrigues Cardoso, pharmaceutico estabelecido n'esta villa, que precisa se lhe passe por certidão, em fórmula legal, o auto ou acta da mesa da santa casa da misericórdia d'esta villa, relativa á arrematação dos medicamentos para o hospital da mesma santa casa; e caso na referida acta haja alguma outra deliberação, pretende o supplicante que a certidão se passe sómente do que respeita á arrematação dos medicamentos, com todas as condições da alludida arrematação. — Pede a v. s.<sup>a</sup>, ill.<sup>mo</sup> sr. provedor da santa casa da misericórdia d'esta villa, se digne mandar passar a certidão requerida, pelo respectivo escrivão — E. R. M.<sup>co</sup> Mirandella, 14 de julho de 1862. — *José Silverio Rodrigues Cardoso*.

Passe do que cónstar. Mirandella, 14 de julho de 1862. — *Francisco Ignacio de Cid Mello e Castro*.



Frederico Albino de Araujo Leite, escrivão da santa casa da misericordia d'esta villa :

Certifico que, vendo o livro das actas da mesa da santa casa da misericordia d'esta villa de Mirandella, na parte que diz respeito ao fornecimento dos medicamentos para os doentes do hospital da mesma santa casa, n'elle, a paginas 39, se lê o seguinte :

« No mesmo acto, tendo andado em praça o fornecimento dos medicamentos para os doentes do hospital da santa casa da misericordia, e não havendo quem os fornecesse com maior abatimento do que 31 por cento, menos do que o preço que marca o regimento dos preços dos medicamentos, foi o ramo entregue ao pharmaceutico Domingos Cesar Cid, que se sujeitou, a titulo de esmola, a fornecer os ditos medicamentos com o abatimento certo de 31 por cento na somma total, com a condição de que se lhe fará pagamento todos os tres mezes, tendo logar o primeiro pagamento no dia 14 de outubro, por isso que o fornecimento principia no dia 14 de julho, inclusivè. E por se obrigar a estas condições assignou com a mesa e commigo Frederico Albino de Araujo Leite, escrivão da santa casa da misericordia. Mirandella e casas do despacho da santa casa da misericordia, 13 de julho de 1862. = O provedor, Francisco Ignacio de Cid Mello e Castro = Francisco de Sousa Rebello Pavão = Manuel Antonio de Medeiros = Francisco Antonio Dias = Antonio Florencio Ribeiro = Domingos José Mendes = Domingos Cesar Cid = Frederico Albino de Araujo Leite. »

Está conforme. Mirandella, 15 de julho de 1862. = O escrivão da santa casa da misericordia, *Frederico Albino de Araujo Leite.*

REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA  
DIRIGIDA AO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DO REINO  
SOBRE OS CITADOS ABUSOS DE POLICIA  
PHARMACEUTICA

Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — Sendo presente á sociedade pharmaceutica lusitana a representação do pharmaceutico José Silverio Rodrigues Cardoso, seu delegado em Mirandella, e bem assim

uns documentos, cujas copias inclusas remetto a v. ex.<sup>a</sup>, e por onde se vê o acontecido com a arrematação dos medicamentos para a misericordia da sobredita villa, e resultando d'aqui grave prejuizo, não só aos interesses da classe pharmaceutica, que assim vê sophismar-se as leis em vigor, mas tambem para a humanidade enferma, que muito soffre com taes arrematações, que fazem pôr em duvida a boa qualidade dos medicamentos, e maxime n'este caso que se diz serem fornecidos por individuo não habilitado: todas estas rasões induzem a sociedade a pedir ao conselho de saude publica do reino haja de empregar os meios mais energicos, como em outras circumstancias ha posto em pratica, a fim de que cessem abusos de tal ordem.

Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Lisboa e secretaria, aos 27 de agosto de 1862. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. presidente do conselho de saude publica do reino. — O primeiro secretario, *Joaquim José Alves*.

### VARIÉDADES

**Offerta.** — O nosso membro honorario e insigne naturalista o sr. dr. Frederico Welwitsch offereceu á sociedade, que agradece, *A synopse explicativa de amostras de madeiras e drogas medicinaes, e de outros objectos ethnographicos, colligidos na provincia de Angola, enviados á exposição internacional de Londres em 1862, incluindo os que foram offerecidos ao gabinete pharmacologico da escola medico-cirurgica de Lisboa.*

**Transformação do acido quinico em acido benzoico.** — Esta transformação obtem-se em vaso fechado a 110° e com o acido quinico saturado de gaz iodhydrico ou antes pelo processo de Dessaignes, submettendo á distillação com o iodureto de phosphoro uma dissolução concentrada de acido quinico. A reacção pôde ser interpretada da maneira seguinte:



O auctor observou igualmente que o acido quinico se transforma em acido hippurico no organismo.

# INDICE ALPHABETICO

DAS

## MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

- A**
- Abusos de policia pharmaceutica. 231.
- Acetato de ammonia (sobre a falsificação e adulteração do). 8.
- Acetato de cobre (neutro) (idem). 8.
- Acetato de cobre (sub) (idem). 8.
- Acetato de chumbo neutro (sobre a falsificação e alteração do). 32.
- Acetato de chumbo (sub) (idem). 32.
- Acetato de ferro (idem). 32.
- Acetato de mercurio (idem). 32.
- Acido amydo-butyrico (sobre o). 141.
- Acido azotico (dosagem volumetrica do). 10.
- Acido benzoico (envenenamento pelo). 121.
- Acido carbonico liquido (sobre as propriedades do). 16.
- Acido citrico (presença do) nas beterrabas. 140.
- Acido cyanhydrico (investigações ácerca do). 99.
- Acido phenico contra a tinha e sarna (solução do). 162.
- Acido picramico. 100.
- Acido quinino (transformação do) em acido benzoico. 234.
- Acido sulphurico sobre o residuo insolúvel do opio exaustivo pela agua de todos seus principios solúveis n'ella (acção do). 73.
- Acta da sessão solemne anniversaria em 24 de julho de 1862. 146, 171 e 181.
- Actas (extracto das) de sessões litterarias. 10, 39, 57, 77, 97, 118, 144, 209, 212, 214 e 217.
- Agua oxygenada (efeitos therapeuticos da). 201.
- Alcaloides de quina (dosagem dos). 83.
- Alcatrão (nota sobre a influencia do) no ar atmospherico em suas relações com o phosphoro. 103.
- Allocação dirigida a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I. 11.
- Allocação dirigida a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando. 12.
- Allocações dirigidas a Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Luiz I e D. Fernando, pelo consorcio com a Senhora D. Maria Pia. 229.
- Amalgamas metallicos, novas pesquizas sobre elles e sobre a origem de suas propriedades chímicas. 169.
- Anilina sobre o organismo animal (acção da). 99.

- Analyse chimico-legal das visceras do senhor infante D. João, duque de Beja (relatorio da), etc. etc. 41.
- Annuncio de abertura do concurso para o provimento de diferentes logares de pharmaceuticos dos quadros de saude das provincias ultramarinas. 159.
- Annuncios para provimentos de logares de pharmaceuticos do ultramar. 60.
- Antidoto do envenenamento pelo stramonio. 45.
- Antidoto do ether e do chloroformio (oxygenio como). 162.
- Antimoniato de potassa como reactivo (preparação do). 17.
- Apparelho digestor (novo). 401.
- Aribina (novo alcaloide). 137.
- Arsenito de strychnina. 63.
- Assucar na urina normal (existencia do). 143.
- Assucar na urina normal (novo methodo para determinar o). 6.
- Atropina (sulphato de) (acção anesthetica da applicação topica do). 52.
- Aviso aos socios devedores á sociedade em mais de seis semestres. 141.
- Azeite artificial. 16.
- Caffeina (novo reactivo para a) 16.
- Campeche (tintura de) seu uso na analyse das aguas potaveis. 222.
- Caoutchouc terebinthinado no tratamento da tísica (sobre o emprego do). 165.
- Cera vegetal da *myrica cerifera* (exame da). 142.
- Ceratophyllina. 221.
- Ceroto de saturno (condições a observar na preparação do). 219.
- Chloro (acção do) sobre o acido butyrico. 17.
- Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, etc. 204.
- Côruleum, nova cor. 98.
- Compendio de materia medica e therapeutica, pelo nosso socio o sr. dr. Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão. 179.
- Cozimento branco de Sydenham (modificações na preparação do). 24.
- Creozota (composição da). 68.

## D

## B

- Balsamo tranquillo (novo processo para preparar o). 5.
- Banhos do Estoril. 130.
- Bromio (sobre as pesquisas do). 221.
- Bromuretos metallicos com o ether (sobre as combinações formadas pelos). 115.

## C

- Café moido e torrado (meio de reconhecer a pureza do). 140.
- Café falsificação do) por meio da chicoria. 104.

- Decreto de 23 de julho de 1862, regulando os quadros dos empregados de saude das provincias ultramarinas. 205.
- Descoberta (nova). 15.
- Digestor (novo aparelho). 101.
- Digitalina (productos de sua composição). 54.
- Digitalis (propriedades medicinas da). 108.
- Discurso pronunciado na sessão solemne de 24 de julho de 1862 pelo nosso socio benemerito o ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro dr. José Tavares de Macedo, relativo á pessoa de Thomé Pires. 174.
- Doadores e dos objectos doados (relação dos) durante o vigesimo setimo anno da sociedade. 154.
- Dosagem volumetrica do acido azotico. 40.

## E

- Electuario de cubebas, de copa-  
hiba e mastic. 163.  
Emplasto contra as ulceras das  
pernas. 202.  
Envenenamento pelo acido ben-  
zoico. 121.  
Enxofre (reactivo muito sensivel  
do). 200.  
Estudos estatisticos, hygienicos e  
administrativos sobre as doencas  
e mortalidade do exercito portu-  
guez, pelo sr. dr. Marques. 219.  
Ether bromo-bismutico. 110.  
Ethers sulphurados (nota sobre  
a preparação de alguns). 171.

## F

- Fermentação acetica. 69.  
Formula contra a gastralgia. 103.  
Formula contra a gota. 23.  
Formula contra as echymoses das  
palpebras e subjunctivas. 26.  
Frio sobre a agua (acção do). 120.

## G

- Glicerina (meio facil para reco-  
nhecer a pureza da). 74.  
Glicerina fulminante. 104.  
Glycerolado de amydo. 81.  
Glycerolado de oxydo rubro de  
mercúrio. 82.  
Glycerolado de bichlorureto de  
mercúrio. 82.  
Glycerolado de sulphato de cobre  
82.  
Glycerolado de sulphato de qui-  
nino. 82.  
Guaiacina (acção do acido sul-  
phurico sobre a). 54.

## H

- Hematina, pesquisa sobre os  
crystaes d'esta e sobre o valor

dos mesmos em medicinal egal.  
167.

## I

- Iodo-arsenito de mercurio no tra-  
tamento da syphilis ulcerosa.  
161.  
Iodureto de arsenico, e do iodu-  
reto duplo de arsenico e de  
mercúrio (sobre a preparação  
do). 65.  
Iodureto de bario (preparação do).  
203.  
Iodureto de calcio (idem). 203.  
Iodureto de ferro (pilulas de). 63.  
Iodureto de lythio (preparação  
do). 203.  
Iodureto de potassio (sobre o). 18.

## J

Jornal de pharmacia e sciencias  
accessorias da India portugue-  
za. 158.

## K

- Kerosoleno, novo anesthesico. 15.  
Koussina (processo para a prepa-  
ração da). 31.

## L

- Levaduras ou espumas alcoolicas  
(alguns factos novos sobre a).  
227.  
Lithina (presença da) nas pedras  
meteoricas. 80.

## M

- Materias corantes vegetaes (notas  
sobre as). 34.  
Minerios pobres de cobre (trata-  
mento dos). 55.

Mistura de iodureto de potassio e de lobelia contra a asthma. 21.  
Morte sentida. 179.

## N

Noticia curiosa. 59.

## O

Objectos doados e doadores durante o vigesimo setimo anno da sociedade (relação dos). 154.  
Oferta. 534  
Officinos e mais documentos sobre a arrematação illegal de medicamentos na villa de Mirandella, enviados á sociedade pelo sr. J. Silveira Rodrigues Cardoso. 231.  
Oleo de coco como succedaneo da banha de porco). 220.  
Oleo de mastie (união do) ao balsemo de copahiba. 163.  
Opio (sobre uma nova variedade de). 83.  
Oxalato de cerio (sobre o emprego do). 26.  
Oxydo de azote (preparação do prot) pela via humida. 120.  
Oxydo de manganio, seu uso medicinal. 3.  
Oxygenio como antidoto do ether e do chloroformio. 162.  
Ozone como desinfectante (produção artificial do). 140.  
Pensão. 179.  
Pensões ás viúvas dos pharmaceuticos hespanhoes. 14.  
Pharmacopéa na Italia. 220.  
Pharmacopéa franceza. 80.  
Phloroglucina. 223.  
Phosphoro sobre o chlorato de mercurio (acção do). 75.  
Poção contra a diarrhéa rebelde que de ordinario acompanha a dentição. 6.

Pomada de iodureto de potassio (sobre a) preparada com a adição de glicerina. 22.

Pomada contra a erysipéla. 25.  
Portaria de 27 de julho de 1862, mandando regular a admissão aos exames dos alumnos pharmaceuticos de segunda classe. 204.

Pilulas de iodureto de ferro. 63.  
Pilulas de carbonato de ammoniaco, contra a bronchite chronica. 62.

Prata cuprifera (redução da). 219.  
Programma apresentado pela sociedade pharmaceutica lusitana para o anno de 1862-1863. 152.

Pyroglicerina. 104.

Pyrites de cobre (tratamento das). 52.

## Q

Quadro actual da sociedade com as alterações occorridas no presente anno litterario. 155.

Quina (cultivo da). 157.

Quimimetria (modificação ao processo da). 66.

Quimimetria (modificações introduzidas pelo sr. Glenard e Guillermond no processo da). 87.

Quinina (novo processo para a extracção da). 83.

## R

Reactivo para a caffeina (novo). 16.

Refracção (indicios de) vantagens que em pharmacia se poderão obter por meio d'ella em um grande numero de casos, quando bem determinada. 61.

Relatorio dos trabalhos pertencentes ao vigesimo setimo anno da sociedade pharmaceutica lusitana, pelo segundo secretario o sr. A. J. Labate. 146.

Relatorio sobre a missa que a sociedade e varios pharmaceuticos, não socios, mandaram ce-

lebrar por alma de seu socio protector El-Rei o Senhor D. Pedro V, etc. 18.

Remedio contra a asthma. 21.

Representação da sociedade ao conselho de saude, pedindo providencias sobre a arrematação illegal de medicamentos em Mirandella. 223.

Respiração dos vegetaes (sobre a). 15.

Rezina de guaiaco (productos da decomposição da). 224.

Rezina de scamonea (acção do acido sulphurico sobre a). 54.

Rolhas para garrafas que contem venenos. 158.

## S

Saes em que os corpos electro-negativos substituem o hydrogenio basico (sobre uma nova classe de). 93.

Santonina (acção do acido sulphurico sobre a). 54.

Sedimentos urinaes (sobre os). 100.

Soda caustica (preparação da). 80.

Stramonio (antidoto do envenenamento pelo). 15.

Strychnina (arsenito de). 63.

Sulphato de cobre (meio de tirar ao) o ferro que contém. 179.

Tartarato ferrico-potassico das pharmacias, seguido de um processo de preparação d'este medicamento. 123.

Theobromina (transformação da) em cafeina. 75.

Trillium (sobre o). 157.

Tirosina (preparação da). 27.

Tyrolina (a) nova materia corante vermelha. 158.

## U

Urea (sobre uma transformação da). 139.

Urina normal (existencia do asucar na). 143.

Uvas (meio de obter) em todo o tempo. 157.

Vinagre (processo para a fabricação do) de beterraba. 90.

## V

Valerianatos usados em medicina (sobre os). 219.

Veratrina (uso topico da) contra as dores que acompanham a menstruação. 21

Verrugas (destruição das). 59.

Centro de Documentação Farmacêutica

Tannino (antidoto da strychnina) 64.

Xarope citro-alealino contra a diatesis urica. 103.



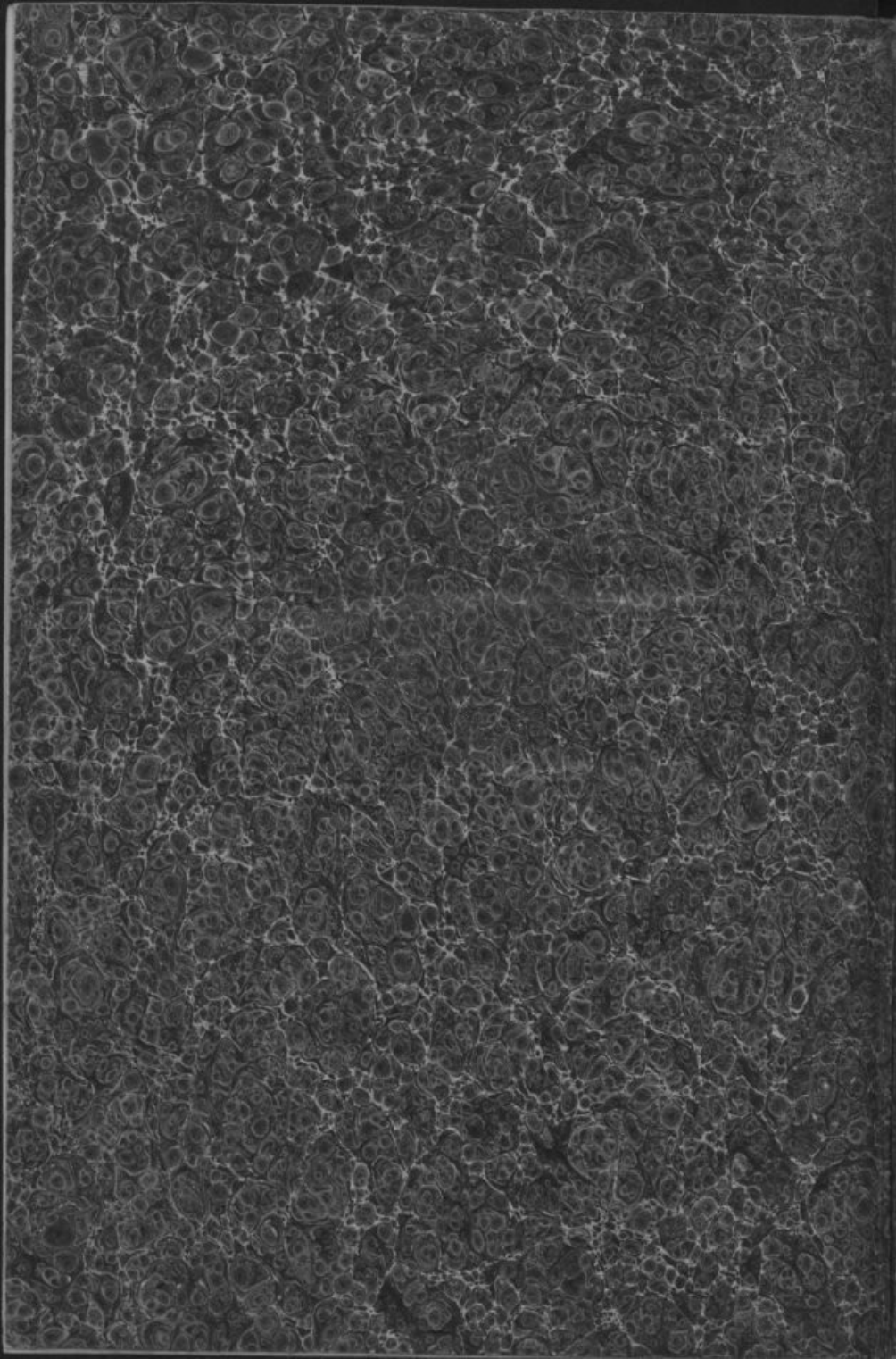
# Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

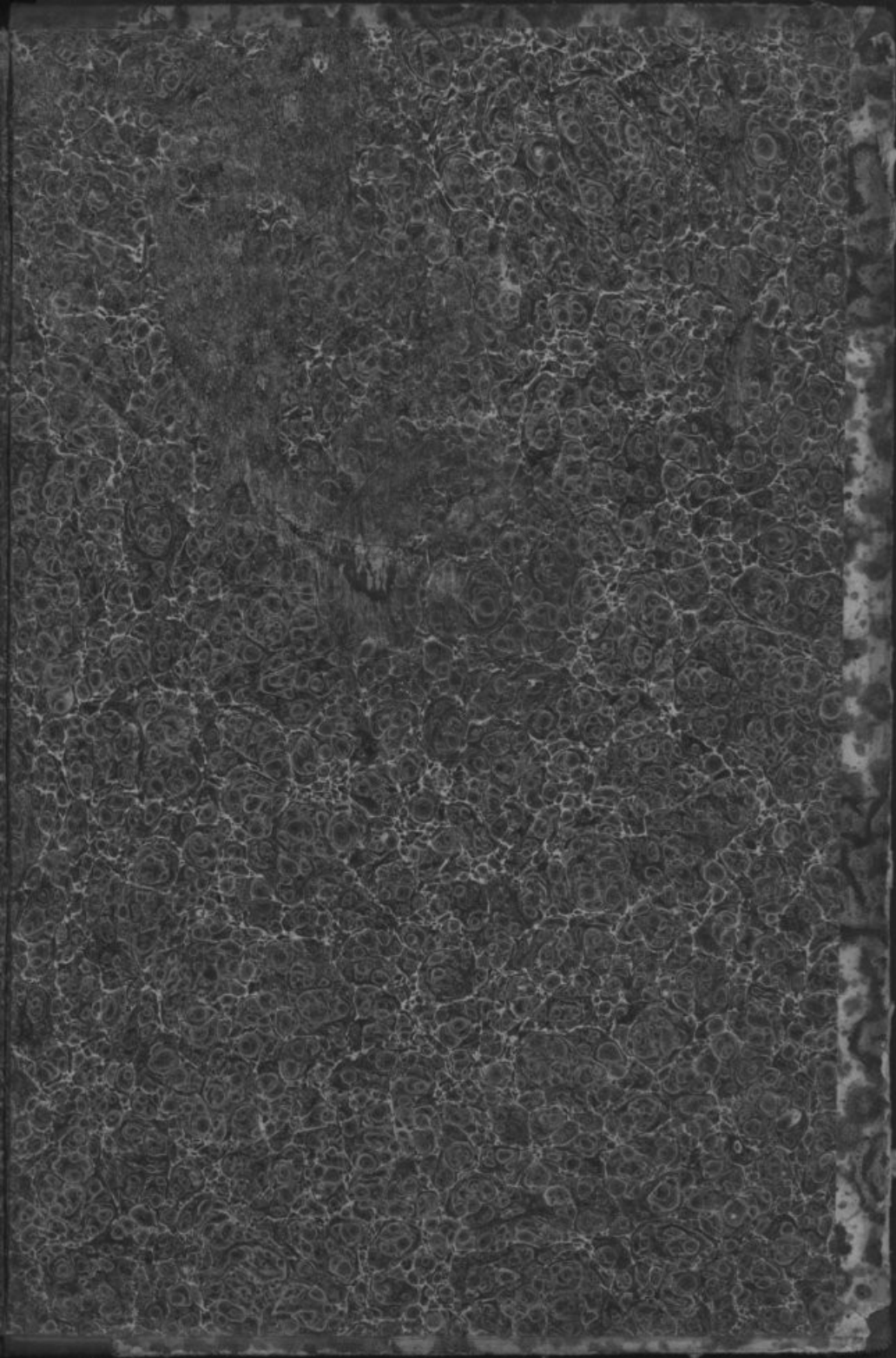
*Alfa*  
*mo-0*





Centro de Documentação Farmacêutica  
da Ordem dos Farmacêuticos









JORNAL  
DA SOCIEDADE  
PHARM.  
LUSITANA

1835

4. SERIE

1-2-3

